

Eliana Martins Jacob Fernandes de Almeida

*A construção da comicidade e da sátira nas
crônicas de Emilio de Menezes e de José Simão*



1910001028



ELIANA MARTINS JACOB FERNANDES DE ALMEIDA

A CONSTRUÇÃO DA COMICIDADE E DA SÁTIRA NAS CRÔNICAS DE EMÍLIO DE MENEZES E DE JOSÉ SIMÃO

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", para a obtenção do título de
Mestre em Letras (Área de concentração:
Teoria da Literatura).

Orientador: Prof. Dr. Rogério E. Chociay



T. 1028/02

São José do Rio Preto
2001

8.015

A447c

Teoria da Literatura

Assunto CAPES:

8.02.05.00-3 - Teoria Literária

Almeida, Eliana Martins Jacob Fernandes de.

A construção da comicidade e da sátira nas crônicas de Emílio de Menezes e de José Simão / Eliana Martins Jacob Fernandes de Almeida. – São José do Rio Preto : [s.n.], 2001.
209 f.; 30 cm.

Orientador: Rogério Elpídio Chociay.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. Comicidade. 2. Sátira. 3. Literatura Comparada. 4. Crônica. 5. Emílio de Menezes. 6. José Simão. I. Chociay, Rogério Elpídio. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 8.015

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	5
2 – A CRÔNICA, SÁTIRA, HUMOR.....	8
3 – OS DISCURSOS DE EMÍLIO DE MENEZES E DE JOSÉ SIMÃO.....	37
4 – A PAIXÃO DO RISO EM EMÍLIO DE MENEZES E EM JOSÉ SIMÃO.....	60
5 – A CONSTRUÇÃO DA COMICIDADE E DA SÁTIRA.....	80
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
ANEXO A: CRÔNICAS DE EMÍLIO DE MENEZES.....	122
ANEXO B: CRÔNICAS DE JOSÉ SIMÃO.....	163
RESUMO.....	208
ABSTRACT.....	209

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Fernando (*in memoriam*) e Ely

e aos meus filhos, Isabela e José Tadeu, que sempre motivo de orgulho, justificam a busca incansável do melhoramento do meu ser.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Rogério E. Chociay, pela atenção e zelo na orientação da pesquisa;

Às professoras Amélia Alcântara Guerra, Maria do Carmo Molina Dias e Perpétua Maria Matos Malacrida pelas leituras e sugestões sempre pertinentes;

Aos amigos Rosa M. Costa, Wagner Moreira, Elen Dias, Valdivino Pina da Silva, João Angelo Betiol, Osny Renato Luz, cada um do seu modo, a valiosa contribuição;

À Maria do Carmo Junqueira, pela normalização do texto e correção das referências bibliográficas;

À Fundação Educacional de Fernandópolis, pela ajuda de custo;

Ao meu marido José Tadeu, pela paciência, apoio e compreensão;

A Deus, por me cercar das pessoas certas, que me fazem crer que todo esforço vale a pena.



1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A idéia central do presente trabalho surgiu no curso de pós-graduação em Crítica Literária, realizado entre 1995 e 1996, na Fundação Educacional de Fernandópolis. Dentre os módulos estudados, tínhamos de escolher um, e nessa área, apresentar uma monografia. Escolhemos, então, o discurso de José Simão, articulista da *Folha de S. Paulo*, para uma análise estilística. O título dado foi *A construção do humor em José Simão*, e consistiu o trabalho em mostrar a origem e o percurso da sátira na Literatura Brasileira, descrever a linguagem utilizada pelo autor por meio das figuras que constroem seu humor, e finalmente, analisar os recursos dos aspectos gráfico, fônico, léxico e sintático recorrentes em seus textos.

Para a presente dissertação de mestrado, decidimos continuar nessa linha e pensamos inicialmente em comparar o discurso de José Simão com o do poeta baiano Gregório de Matos, particularmente com os textos em que o *Boca do Inferno* faz sátira política. Uma comparação sumária entre as crônicas de José Simão e Emílio de Menezes fez-nos, todavia, mudar de idéia, por encontrarmos uma proximidade cronológica maior entre estes dois autores, além do fato de ambos haverem escrito em jornais.

Passando para a escolha do objeto, tomamos toda a crônica jornalística de Emílio de Menezes, publicada em oito meses de trabalho diário, de 03 de julho de 1911 a 05 de março de 1912, do jornal *A Imprensa*, na seção chamada "Colmeia", na qual o autor assina sob o pseudônimo de *Zangão*. De José Simão, selecionamos todas as

crônicas publicadas no ano de 1997. Como se tratava de um *corpus* muito extenso, consultamos o professor doutor Fernando Ferrari, da área de Estatística do IBILCE, que nos orientou quanto ao critério estatístico para seleção das crônicas. Acatando sua sugestão, ficou estabelecido que dividiríamos a produção de cada autor em quatro grupos, respeitando a seqüência cronológica, e, de cada um deles, seriam sorteadas doze crônicas, partindo de uma tabela numerada, feita no computador. Dessa forma, chegamos a uma amostra em torno de 20% da produção anual, abrangendo os vários períodos do ano com grande número de assuntos e acontecimentos descritos. Essa seleção do *corpus* encontra-se no final do trabalho, como anexo A, para as crônicas de Emílio de Menezes, e anexo B, para as de José Simão.

Nosso objetivo, ao cotejar os textos dos dois autores, é descrever os discursos para detectar os procedimentos de que se servem para realizar os componentes cômicos e satíricos.

Para esse enfoque, apoiar-nos-emos nas teorias expostas nas obras *Comicidade e riso*, de Vladímir Propp, *Anatomy of satire*, de Gilbert Highet, *Satire*, de Arthur Pollard e *Humor e humorismo*, de Idel Becker.

Como se trata de textos publicados em jornais, tentaremos também, após um estudo sobre crônica, investigar se o texto de ambos caracteriza-se como tal, à luz das teorias de Afrânio Coutinho em *A literatura no Brasil*, Antônio Cândido *et al.* em *A crônica – o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, e Massaud Moisés em *A criação literária*.

Quanto à metodologia, sabemos que há necessidade de se integrarem vários métodos, se quisermos ter uma análise satisfatória do texto literário. Mas acolhemos o conselho de Ezra Pound:



O método adequado para o estudo da poesia e da literatura é o método dos biólogos contemporâneos, a saber, exame cuidadoso e direto da matéria e contínua COMPARAÇÃO de uma "lâmina" ou espécime com outra. (1997, p.23)

A leitura dos dois autores suscitou o trabalho baseado no método comparativo por percebermos em ambos a possibilidade de se estabelecerem semelhanças e diferenças para, assim, chegarmos ao conhecimento. Algumas identificações são claras e imediatas, como o ataque irreverente a representantes consagrados do nosso mundo político, cultural e social. No nível da linguagem, recursos como trocadilhos e neologismos são também comuns aos dois autores. É preciso, no entanto, sair dessa observação superficial e imediata e mergulhar na análise e interpretação, bem como no contraste entre os textos dos dois autores, para podermos avaliar com segurança o seu grau de aproximação ou afastamento em termos de concepção poética e estilística.

Seguindo este caminho, o método comparativo leva-nos ao estudo da Teoria dos Gêneros Literários, na medida em que usaremos os conceitos de sátira e crônica na tentativa de entendermos e rotularmos a produção dos dois autores dentro da classificação literária. Entretanto, ao analisarmos os elementos constitutivos dos textos, numa abordagem interna, fazem-se necessários os enfoques com base na Poética, na Estilística e, complementarmente, na Retórica, já que não nos contentamos apenas com o levantamento de dados para fins estatísticos. Ao focalizarmos o engendramento dos discursos, tentamos interpretar os motivos dos desvios lingüísticos utilizados pelos autores e de que forma se dá a construção da comicidade em ambos, sem descurar, evidentemente, da influência do componente ideológico nessa construção.

2 – CRÔNICA, SÁTIRA, HUMOR

Quando a imprensa surgiu no Brasil, a Literatura ainda não figurava nas páginas do jornal impresso; nele circulavam apenas notícias. Em pouco tempo, vários órgãos foram surgindo, conquistando o público e logo começou a nascer o desejo de transmitir não apenas notícia, mas algo que fosse expressão da Literatura. Nasce, então, o folhetim, precursor da crônica, neste jornal que se propunha a mostrar para o seu público cada vez mais a boa literatura.

Com o desenvolvimento do país e a industrialização da imprensa, o jornal vai-se tornando cada vez mais importante na comunicação, principalmente do mundo da cultura.

No início do século XX, entretanto, os jornais tomam uma nova forma. Conquistam mais espaço as notícias policiais, surge o noticiário esportivo, e as colaborações literárias vão sendo preteridas diante de um público que começa a valorizar a reportagem e a entrevista como meios mais diretos de comunicação. Os folhetins, antes longos textos que traziam questões políticas, sociais e artísticas do dia, servindo-se do uso da lógica argumentativa, transformam-se agora em crônicas mais curtas; a crítica literária passa apenas a informar aos leitores as novidades da área, e começa a ganhar importância o sensacionalismo, como elemento imprescindível no momento em que o público prefere saber mais sobre a vida dos escritores a conhecer suas obras.

A crônica enquadra-se na classificação de Afrânio Coutinho (1986) entre aqueles gêneros em que os autores usam um método direto de se dirigir ao leitor, ao lado do ensaio, do discurso, da carta, do apólogo, da máxima, do diálogo e das memórias. Num outro grupo, estão os gêneros em que os autores o fazem indiretamente, usando artifícios intermediários: o gênero narrativo, o gênero lírico e o gênero dramático.

Em capítulo específico sobre ensaio e crônica, o autor citado apresenta um estudo sobre a origem do gênero. Começa ele pelo ensaio, enumerando ilustres ancestrais que dele se valeram, como Sócrates e Platão. Busca a etimologia da palavra, que indica *tentativa, inacabamento, experiência, dissertação curta e não metódica, sem acabamento sobre assuntos variados em tom íntimo, coloquial e familiar* (1986, p.118), modelo literário modernamente dado por Montaigne. Os ingleses o aperfeiçoaram e são, nessa língua, os melhores exemplos no gênero.

Quanto à essência, o ensaio aproxima-se do oratória, pois está estreitamente ligado à elocução oral. Trata-se de uma exposição das reações pessoais do artista diante da realidade.

Com relação ao assunto, o ensaio pode ser informal — também chamado de familiar, e formal — também chamado de julgamento. No primeiro grupo estão aqueles escritos em uma linguagem coloquial na qual tudo o que é humano interessa ao ensaísta: o ambiente familiar, as lembranças, as experiências passadas, as recordações. Esse grupo subdivide-se ainda em ensaio de impressão, de personagens, descritivo e de apreciação.

No segundo grupo, estão os ensaios que mostram análise, avaliação, discussão e conclusão. São textos formais, regulares e aqui se encontram os ensaios críticos, filosóficos, científicos, políticos, históricos.

No Brasil, assim como na França, o termo *ensaio* assumiu o sentido do segundo grupo; entende-se por ele estudo acabado, concludente, depois de análise e pesquisa.

O ensaio descrito no primeiro grupo, como texto informal, familiar — gênero tradicional entre os ingleses — transformou-se, entre nós, em crônica; termo de etimologia grega, “*khronos*”, que significa tempo. Trata-se de um relato dos acontecimentos em ordem cronológica. Segundo a definição de Afrânio Coutinho:

(...)um gênero literário em prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades do estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância ou na crítica de pessoas. (1986, p.121)

Em seguida, o gênero estende-se para a imprensa falada e atualmente, também vamos encontrá-lo na televisão, sempre com o objetivo de entreter, buscando fixar no momento as emoções que possam atingir um grupo de leitores, ouvintes e espectadores.

É preciso salientar, no entanto, que nas origens da nossa Literatura, ainda em Portugal, no Trovadorismo — primeiro movimento da Era Medieval — vamos

encontrar os cronicões, que eram relatos romanceados de acontecimentos históricos e sociais; e no Humanismo — segundo movimento daquela Era — a crônica surgiu com Fernão Lopes e tinha a função também de historiar, analisando com fidelidade os fatos, propondo-nos uma visão de conjunto da sociedade portuguesa.

Com o mesmo objetivo, encontramos os primeiros escritos feitos no Brasil, por europeus, contendo informações de viajantes missionários sobre a natureza e o homem brasileiro. Também considerados crônicas históricas, esses textos não só valem como documentos, mas como fontes temáticas para nossos escritores, em outros momentos da história da Literatura Brasileira, que foram retomados no Romantismo, por exemplo, por José de Alencar, e no Modernismo, principalmente por Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

Encontrou entre nós terreno fértil, e garante Afrânio que a crônica é um dos gêneros que mais se abasileiraram, ganhando proporções inéditas em nossa literatura. Apesar de estar estreitamente ligada aos jornais, enquanto estes se preocupam com o fato, divulgando-o e comentando-o, a crônica dele se serve apenas como pretexto para revelar estilo, imaginação e graça.

A crônica hoje se faz com ar despretensioso e, por estar ligada à vida cotidiana, imprime a oralidade na escrita. Num tom comunicativo, estabelece a passagem do discurso com requinte gramatical para o simples bate-papo, propondo um diálogo com o leitor.

Quanto ao conteúdo, há várias formas de crônicas, dependendo do objeto focalizado. Na sua origem, como já vimos, tinham a função de informar e documentar.



Na passagem do século XIX para o XX, a crônica foi fortemente difundida no Rio de Janeiro, oferecendo um comentário imediato sobre a vida da cidade, buscando uma relação entre história e memória coletiva, não mais como dados, ainda que caracterizada como documento, mas com uma qualidade moderna: a subjetividade.

Outro tipo de crônica é a humorística, que nos leva a desmitificar a idéia de que só os textos graves são sérios. Nessa vertente do gênero, vamos encontrar Oswald de Andrade, que assinava com o pseudônimo de Annibale Scipione, umas cartas eram escritas em português macarrônico, imitação do dialeto ítalo-paulista. Destacam-se ainda Alexandre Marcondes Machado, sob pseudônimo de Juó Bananere, José Madeira de Freitas, médico espírito-santense, que escreveu sob pseudônimo de Mendes Fradique, lado de boêmios humoristas como Emílio de Menezes, Bastos Tigre, Raul Pederneiras e Calixto.

Uma outra forma de crônica vamos encontrar com o rótulo de mundana. A palavra mundana, naquele momento, remete-nos à vida social, à rotina de festas, chás e teatros, a que só tinha acesso uma pequena parte da população. Nessa produção destaca-se Paulo Barreto, conhecido com os pseudônimos de José Antônio José e João do Rio. Autor de vasta obra, João do Rio retratou com precisão as transformações do Rio de Janeiro na *belle époque*, criticando a descaracterização da cidade por excessivo afrancesamento.

Igualmente com características da crônica mundana, a *Revista da Semana*, criada em 1900 e que circulou por mais de 30 anos, inaugurou em 1914 uma seção chamada "Contos de Mulher", assinada por Iracema. Esses artigos, sob forma

epistolar, tratavam de assuntos femininos, eram ilustrados com vinhetas e foram incluídos no gênero crônica pela maneira como retratavam sua época, a diversidade de assuntos e a circunstancialidade. Só recentemente se soube que Iracema era pseudônimo de Carlos Malheiro Dias, português romancista, teatrólogo, historiador, jornalista, colaborador em jornais e revistas de Portugal e do Brasil.

As crônicas de Lima Barreto sobressaem-se por retratarem muitos acontecimentos da Primeira República. Contrastando com as próprias características do gênero, que se alicerçam no informar, esse escritor propõe uma versão militante da crônica, pois, por meio do debate das questões da época, posiciona-se, toma partido e emite opiniões.

Prenunciando a Literatura moderna, o álbum *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* retrata a movimentada vida intelectual e social do Brasil. Trata-se de uma crônica feita por um grupo de intelectuais de São Paulo do início do século XX, entre eles Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Monteiro Lobato e Maria de Lourdes Pontes. A construção do texto conta com recortes, carimbos, desenhos, cartas, caricaturas, grampos, mancha de batom, música, compondo uma estrutura moderna de colagens que lembra as produções dadaístas.

Apesar de este álbum ser passível de crítica quanto à consistência ideológica e à pobreza de conteúdo, a presença dos elementos estranhos à linguagem literária tradicional, acompanhados de um humor marcante, registram as primeiras experiências ousadas que remetem a posições radicais de Oswald no Modernismo.

Um gênero híbrido surge quando os colaboradores em jornais escrevem sobre espetáculos, dando à luz a crônica teatral, que consiste numa mistura de crítica e crônica. Destacam-se nesse gênero Artur Azevedo e Roberto Gomes, cujos trabalhos se voltam, inicialmente, à análise de óperas, operetas, concertos instrumentais e espetáculos de dança e também à crítica à montagem do teatro declamado. Mas as que mais nos interessam são as crônicas desvinculadas de um espetáculo particular e que transitam sutilmente entre a vida e a arte. A crítica que fazem do espetáculo aponta para valores extratextuais, integrando na mesma voz homem e cronista.

Uma faceta de Antônio de Alcântara dirige-se também à crônica. Entre seus escritos temos crônicas de viagem que refletem suas experiências no exterior, atualizam os leitores quanto às questões ligadas ao teatro; crônicas do cotidiano da cidade São Paulo e crônicas de espetáculos. A oralidade marca o ritmo rápido de seus escritos, sempre pontilhados de humor e ironia.

Nesse gênero de crônica teatral, surge uma outra vertente na última década do século XIX: a imprensa operária. Nessa, o que importa não é saber o valor estético da peça, mas observar se há críticas às instituições governamentais e policiais. Aqui, não se destacam atores, companhias e empresários; toda a compreensão da atividade artística é vista como trabalho.

Machado de Assis é um nome que se destaca, não só por ter escrito crônica durante 40 anos, a partir da década de 1860, mas principalmente pela metalinguagem de seus textos na tentativa de conceituar o seu exercício, como se pode verificar na crônica de 30 de outubro de 1859 — em “Aquarelas”, em *O Espelho*: O

folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Esses dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se na organização do novo animal. (Candido et al., 1992, p.409)

Em janeiro de 1859, no *Correio Mercantil*, escreve que ao jornalista toca a *luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda; para o folhetinista fica o “devaneio”, a “leviandade”*. (Candido et al., 1992, p.409)

No *Jornal da tarde*, em fins de 1869, volta a traduzir seu exercício:

O folhetim é o anão do circo Chiarini; enquanto os vários artistas executam os mais difíceis saltos, o anão deve apenas divertir a platéia dizendo o que lhe vem à cabeça.

O folhetim é filho do acaso e da inspiração. Não se reparam no teor e desenvolvimento de uma conversa sem assunto? (...) (Candido et al., 1992, p.409)

Machado colabora em vários jornais e faz uso de vários pseudônimos, o que era uma característica do jornalismo da época. Em suas crônicas interessa-se pelas relações sociais no Rio de Janeiro do final do século, estabelecendo sempre um diálogo com um leitor imaginário que se instala dentro do texto.

Encerrando seu artigo, Sônia Brayner conclui: *“Na obra machadiana a crônica não é um texto-ponte para os outros, os “maiores”. É a solda capaz de unir uma produção literária de mais de quarenta anos.”* (Candido et al., 1992, p. 416)

Antônio Candido dá-nos a fórmula moderna do gênero em que “*entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia*” (1992, p.15). Além dessa porção de poesia, há muitas maneiras de o cronista se expressar: pode ser por meio do diálogo, ou da aproximação com o conto; há as que se assemelham às anedotas, outras a certos tipos de biografia lírica.

Uma tendência mais nova parece constituir a crônica visual. Para Miriam Lifchitz Moreira Leite, em seu artigo “Documentação Fotográfica – Potencialidades e Limitações”: *A década de 80 vem assistindo a um intenso interesse pela imagem fotográfica, como instrumento de pesquisa e reprodução de condições materiais nas Ciências Sociais* (Candido et al., 1992, p.469). As fotografias são utilizadas para ilustrar uma discussão ou demonstrar um pensamento; em outros casos, limita-se a repisar o que se disse verbalmente. Mas como crônica, sua utilização equipara-se à memória. Talvez, como documentação histórica, essa coleção não represente a verdade, mas sua importância se deve à possibilidade de se recriar a vida das famílias em São Paulo, nesse período, mediante as fotos.

No artigo “Crônica fotográfica do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX” (Candido et al., 1992), Ana Maria Andrade identifica os pontos comuns entre crônica e fotografia —o dado aparente, o momento exato, a conjugação de significados precisos, o toque pessoal — que tornam possível a composição do termo crônica fotográfica. Ao fixar imagens no espaço/tempo, afirma Ana Maria, a fotografia cria uma narrativa. O narrador-fotógrafo trabalha como o cronista, à busca do flagrante da esquina, do acidental ou da grandeza de um determinado momento, fazendo com que o

resultado seja mais do que simples aparência, ou, como explica Ana Maria Andrade, a fotografia, até o final dos anos 20, compõe um texto paralelo ao texto escrito, mas no final desta década, com o início da publicação de *O Cruzeiro*, começa a ser valorizada como ampliação do texto escrito. No período seguinte, a fotografia passa a incorporar outras preocupações: a guerra, os problemas urbanos, a educação, a questão social, os mendigos, os loucos. A escolha temática das fotografias tem como objetivo a tomada de opinião por parte do leitor.

Atentando para sua função, vemos que este gênero não se propõe à militância, pois não apresenta engajamento político nem se vincula a interesses de classes ou grupos com o objetivo claro de mudar a realidade. Entretanto, ao registrar o inesperado divertimento e a experiência, seguidos de uma reflexão, propõe um amadurecimento na visão de mundo, mostra com profundidade o significado dos atos e sentimentos do homem, podendo resultar numa crítica social.

A crônica moderna definiu-se e consolidou-se no Brasil no decênio de 1930, com Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e com Rubem Braga. Nos anos 40 e 50, surgiram Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Raquel de Queirós, entre outros.

Como se observa, a crônica de índole humorística é uma das vertentes do gênero, praticada esporadicamente por alguns autores, ou preferencialmente por outros como Emílio de Menezes e José Simão.

Considerando a questão do humor nesta vertente do gênero, e o fato de ser a crônica uma das maneiras diretas do autor se relacionar com o leitor, faz-se necessária uma abordagem preliminar a partir da Retórica e do estudo das paixões.

Dentro de uma visão da Retórica tradicional, podemos afirmar que tanto o drama como a oratória buscam o patético, já que estimulam as paixões. Existem duas posturas diante dessa questão: uma, representada pelos estudiosos que condenam a exploração das paixões, e outra, que afirma que as paixões devem ser realmente despertadas, revelando o talento do orador.

Na Antigüidade, ficou estabelecido que o ideal era tratar das paixões com moderação. Entretanto, Aristóteles, que se importou com o assunto, tratou da teoria das paixões, entre as quais coloca a comicidade e o riso. O riso está descrito na Retórica Antiga mais como um dom do orador do que como resultado de um aprendizado. Na oratória, [além de descontrair, concilia os ânimos e persuade.]

Muitos autores tentaram descrevê-lo. Cícero, em sua obra *Do orador*, declara:

(...)ludibriar a expectativa dos ouvintes, ridicularizar os defeitos de seus semelhantes, mofar, ocasionalmente, dos seus próprios, recorrer à caricatura ou à ironia, lançar ingenuidades fingidas, salientar a tolice do adversário, eis os meios de excitar o riso."

(Almeida, 1998, p.29)

Propp, em sua obra *Comicidade e riso*, afirma que o riso é sempre suscitado pela *desarmonia*:

O que é belo e harmonioso não pode de jeito algum despertar o riso(...), os pequenos defeitos espirituais suscitam riso, tal como os defeitos exteriores. (...)Vendo a desarmonia e a deformidade exterior, o homem percebe-as de forma completamente involuntária, como índice de defeitos mais profundos e importantes. (1992, p.176)

Enumera, então, o autor as situações em que ocorre o cômico e descreve os vários tipos de riso. Uma breve resenha da obra se faz necessária, pois ajudará, em outro momento do trabalho, a detalhar o humor de Emilio de Menezes e de José Simão. Propp inicia tratando do problema da teoria da comicidade, se é válida ou não, se seria necessário criar outra, aponta falhas nas teorias existentes e acredita que, com seus estudos, resolverá essa questão.

Primeiramente, estabelece a distinção entre rir e zombar, para concluir que o riso de zombaria, encontrado principalmente na sátira, é o mais comum no nosso dia-a-dia.

Ao afirmar que o cômico está sempre ligado ao homem e a sua percepção do ridículo, baseado em Bergson e Tchernichérvski, declara que na natureza vegetal e inorgânica não há espaço para o cômico. Entretanto, no reino animal, pode-se encontrar o ridículo quanto mais houver aproximação dos animais com o homem: aparência e

movimentos. Acredita Propp que o mais ridículo de todos os animais é o macaco, pois é o que mais se parece com o homem.

Quanto às coisas, por não praticarem ações, não podem ser cômicas, porém, se elas forem feitas pelo homem e, se nelas houver algum defeito que revele o seu estado espiritual, podem ser consideradas ridículas, e por isso, cômicas.

Sobre a natureza física do homem, afirma que desperta o riso quando esta põe a nu os defeitos da natureza espiritual, ou seja, um homem gordo que esteja doente, ou um homem nu, numa mesa de cirurgia, não são absolutamente cômicos. A condição física encobre o seu estado espiritual. Agora um homem nu, numa festa onde todas as pessoas estão bem vestidas, provavelmente irá provocar riso.

O rosto humano pode ser cômico de diversas maneiras, considerando as várias formas de nariz, bigodes, barbas, expressão dos olhos e da boca.

As ações corporais que mais se destacam na literatura satírica e humorística são o comer e o beber. A descrição dos pratos com exagero, detalhadamente, causa riso; quanto à bebida, só será cômica quando a embriaguez não for total; ou seja, são engraçados os que ficam “altos” e não os viciados.

As ações fisiológicas, principalmente as involuntárias, levam-nos ao riso : o arroto, o soluço, o assoar o nariz, assim como também podem ser exploradas as propriedades físicas, como odores do corpo, mau hálito, ou perfumes nas mulheres que revelem suas intenções.

Quanto à semelhança, só será cômica quando houver uma repentina descoberta de algum defeito oculto. Ao depararmos com duas pessoas idênticas, somos

levados ao riso porque supomos que são idênticas também no seu aspecto espiritual; se convivermos com elas, a constatação do contrário não nos deixa mais considerar o fato cômico. Assim acontece com os palhaços que se apresentam em dupla.

Nas diferenças também há comicidade; segundo Propp, *toda particularidade ou estranheza que distingue uma pessoa do meio que a circunda pode torná-la ridícula* (Propp, 1992, p.59). Deste modo, variando a época e o lugar, cada povo tem seus costumes, normas, e qualquer pessoa que transgride o comportamento comum do grupo, provocará riso.

A representação do homem como coisa, por meio de metáforas ou comparações, também gera comicidade. Em princípio, parece não haver nesses casos uma sátira social, mas afirma Propp que esta se encontra no todo da sátira. Identificamos aqui o teatro de marionetes, em que os bonecos — coisas — se mexem e, nesse movimento, imitam seres humanos, servindo como instrumentos de sátira.

As atividades do homem também são objetos da sátira no que elas representam em seu aspecto exterior. Algumas profissões são mais populares na literatura humorística, como o barbeiro, o alfaiate, o cozinheiro, o médico, o professor e o cientista. O modo de ridicularizar as profissões se prende geralmente às formas da aparência.

Na sátira social, a paródia é um importante instrumento, mas só é considerada cômica quando revela a fragilidade interior do que é parodiado.

O exagero é um procedimento decisivo numa situação cômica, e dá-se de três maneiras: por meio da caricatura, da hipérbole e do grotesco. Na caricatura,

temos o exagero de um detalhe, de um pormenor para o qual o autor deseja chamar a atenção. Na hipérbole, não temos o exagero apenas do pormenor, mas do todo e essa só será cômica se intensificar as características negativas de alguém ou de alguma coisa. No grotesco, temos o exagero levado ao extremo, quando algo aumentado se torna monstruoso. Na arte popular, desde a Antigüidade, busca-se a comicidade mediante o grotesco. Segundo Propp, o grotesco só é possível na arte, em que há uma relação estética; na vida, os horrores não podem suscitar comicidade.

Quanto às situações engraçadas, Propp escreve o capítulo “*o malogro da vontade*”, em que atribui à distração e ao imprevisto a causa de pequenos reveses, como um tombo ou um vento forte levando chapéus. No entanto, nem todas as frustrações do homem serão consideradas cômicas; os desencontros devem-se referir às coisas miúdas do dia-a-dia, nas situações igualmente banais. O riso provocado por essas situações é tido como cruel e varia de intensidade de acordo com o grau da desgraça ocorrida.

O fato de fazer alguém de bobo também está previsto na comicidade, mas só provocará riso se os feitos de bobos forem pessoas desagradáveis, tipos perigosos ou negativos. Nesse capítulo, temos o parecer de um escritor canadense, Leacock, para quem nem sempre o humor é bom, e para provar esta idéia, sugere que nos lembremos das brincadeiras na escola em que eram envolvidos professores e alunos. Os professores que não eram bem aceitos acabavam vítimas de brincadeiras cruéis, que demonstravam o desprezo por parte dos alunos.

Propp aponta o alogismo como uma das formas mais comuns da comicidade. A incapacidade de perceber o que acontece ao redor, de ligar causas e efeitos inevitavelmente causa o riso. Cita Tchernichévski, para o qual *a estupidez é o objeto principal de nossa zombaria, a maior fonte do cômico* (Propp, 1992, p.109). Mas nem sempre o alogismo é aparente, às vezes exige um espírito arguto para percebê-lo.

Ao analisar a mentira, Propp afirma que existem dois tipos de mentira cômica. O primeiro ocorre quando o impostor procura enganar o interlocutor, fazendo passar a mentira por verdade. O segundo tipo ocorre quando o objetivo do impostor é outro: pretende divertir. No primeiro caso, nem sempre encontramos o cômico, só o será se a mentira for de pequena proporção e não levar a trágicas conseqüências. Além disso, deve haver o momento em que ela é descoberta, e então, há o desmascaramento do impostor.

Alguns instrumentos lingüísticos levam à comicidade. Aqui temos os trocadilhos (calembures), paradoxos, tiradas (chistes / pilhérias) e ironia.

Em capítulo especial, estão os caracteres cômicos que são revelados por meio de pequenos vícios e defeitos. Aqui estão os covardes (dos pequenos incidentes do dia-a-dia, mas não os da guerra), os avarentos, os capachos, os bajuladores, os malandrinhos, os pedantes, os esganados, os vaidosos e os convencidos, os velhos que pretendem enganar quanto à sua idade, as esposas tiranas e os maridos submissos.

Em seguida descreve o “quiproquó”, que é a ação na qual um toma o lugar do outro. As pessoas usam o disfarce para se passar por outras e, geralmente, segue-

se o engano. No final, a verdade é descoberta, o que acontece é “muito barulho por nada”.

Ao classificar os tipos de riso, Propp estabelece, de início, as duas subdivisões do riso: uma contém derrisão e a outra não. Na primeira encontramos a zombaria e na segunda, temos o riso bom, que expressa um sentido de afetuosa cordialidade.

Depois, há a distinção entre o riso maldoso e o riso cínico. Embora os dois tenham origem em sentimentos ruins, o riso maldoso prende-se a defeitos falsos e o riso cínico revela o prazer pela desgraça alheia. Essas formas de riso não despertam simpatia.

O riso alegre vem descrito, em seguida, como aquele que eleva as forças vitais. Destrói as emoções negativas e desperta o desejo de viver.

Alguns mitos e narrativas folclóricas são narrados a fim de detalhar o riso como parte de um ritual. Ligado a esses rituais, está também o riso imoderado que nas estéticas burguesas é classificado como “baixo”. Trata-se do riso extravagante, exultante, pleno de satisfação, encontrado nas praças, nas festas e nas diversões populares.

Conclui Propp que, de todo o material analisado, o riso de zombaria é o mais encontrado na vida e na arte, e por isso, é o que mais está ligado à comicidade.

Outros estudiosos também abordam o tema. Bergson, por exemplo, acredita que o riso só nos é despertado quando nos remete àquilo que é propriamente humano e mostra intenções sociais. Segundo o autor, *para compreender o riso, impõe-*

se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. (1980, p.14)

Neste sentido, os palhaços, quando levam uma multidão ao riso e colocam as pessoas em estado de alegria e satisfação, cumprem uma função social e útil.

Dante Tringali (1988) explica que o riso se enraíza no que tem “ridículo”. A palavra “*ridiculus*”, no sentido latino, é o que faz rir e se o faz, é cômico. Entretanto, nem sempre o ridículo, o engraçado é considerado valioso. Simántov, comungando com as idéias de Bergson explica que *o ridículo se torna cômico justamente quando ele é preenchido por um conteúdo social.* (Propp, 1992, p.188)

[Aristóteles, em sua *Poética*, define o cômico por oposição ao trágico.] O trágico desperta no ser humano piedade e temor diante das forças do destino, enquanto o cômico, baseando-se no torpe, no disforme, é descrito de tal forma que não causa dor. Volkelt contesta essa afirmação; para ele, o cômico realmente não pode ser inserido nos fenômenos aos quais pertence o trágico, mas não chega a ser o seu oposto. Segundo ele, *se existe algo oposto ao cômico, é o não-cômico, o sério.* (Propp, 1992, p.18)

Alguns teóricos percebem uma diferença entre o cômico e o satírico. O satírico, de acordo com Dante Tringali:

(...)nem sempre é cômico, não raro é agressivo, amargo. O satírico é pessoal, um ataque pessoal, enquanto o cômico é impessoal. Quando a sátira se generaliza, torna-se cômica, quando a comédia degenera em ataque pessoal, evolui para a sátira. (1988, p.79)

Discorda desse ponto de vista Propp, para quem a sátira deve ser cômica, engraçada, pois se ela não suscita o riso, não cumpre sua função social e não desperta reação no leitor ou no ouvinte. Para ele, *a comicidade é o meio, a sátira é o fim. A comicidade pode subsistir fora da sátira, mas a sátira não pode existir fora da comicidade.* (Propp, 1992, p.186)

Existem poucas obras sobre a sátira, e o autor acima citado explica que uma das causas que dificultam o desenvolvimento do gênero está em alguns pressupostos teóricos que ainda são veiculados entre especialistas da área. Um desses pressupostos teóricos é a teoria alicerçada pela estética burguesa que divide o cômico como tendo aspectos superiores e aspectos inferiores. Os primeiros estão incluídos no conceito de belo e pertencem ao âmbito da estética; os outros apresentam-se por meio de palhaçadas grosseiras para a diversão da multidão inculta; estariam, portanto, excluídos da esfera do belo e da estética.

Essa teoria está ultrapassada, garante Propp. O satírico é legitimado como aspecto superior e sua expressão, o riso, é considerada ideologicamente valiosa e necessária.

A sátira não é a maior nem a mais importante forma de literatura, mas uma das mais originais e memoráveis, escrita por grandes mestres, como, por exemplo, Voltaire, Rabelais, Petronius, Swift, Pope, Horácio, Aristófanes e Shakespeare, entre outros.

Quanto à origem, gregos e romanos disputam sua paternidade. Baseando-nos em historiadores e críticos literários, percebemos que não há unanimidade quanto a

esse ponto. Acredita-se que a sátira surgiu em Roma, e o mais antigo escritor de cujo trabalho se tem notícia foi Horácio (65-8 b.C.). Deixou-nos dois volumes de versos satíricos, com 10 poemas no primeiro e 8, no segundo. Entretanto, Horácio afirma que em latim um satírico importante surgiu antes dele: Lucílio (180 b.C.). Embora não tenha sido o primeiro poeta romano a atacar seus contemporâneos em versos, foi o primeiro a fazê-lo de forma elaborada.

Gilbert Highet, em sua obra *Anatomy of satire*, afirma que: *Horace calls him the real discover, inventor, explorer of satire, because it was he, Lucilius, who gave direction and purpose to the genus.* (1962, p.24).

Entretanto, embora Lucílio não tenha mencionado qualquer influência de modelo grego em sua produção, Horácio reconhece claramente dois nomes que o ajudaram a moldar a sátira romana: Aristófanes, com suas comédias, e o pregador filosófico Bion, com sua franqueza e seu humor negro.

Acredita Horácio que existam semelhanças entre a comédia de Aristófanes e os versos satíricos da antiga Roma: por exemplo, temos um vocabulário não convencional, misturando a imaginação poética com o vigor coloquial; as freqüentes paródias de poetas sérios; as indecências deliberadas; a sentença de estrutura livre. Lucílio conservou das comédias a alegria e aparente inconseqüência; o ritmo soluçante e as palavras indecorosas, dando nomes completos e zombando dos velhacos e tolos.

Quanto a Bion, nasceu por volta de 325 b.C. e foi o mais famoso missionário filosófico. Sua mensagem era um conselho cínico: *despreze a sociedade e suas convenções; liberte-se dos desejos supérfluos; viva de acordo com a natureza.*

(Highet, 1962, p.32). Seu estilo era vivo, mas não simples. Ele fazia jogos, trocadilhos, usava linguagem sem rodeios, gírias populares, palavras grosseiras e obscenidades. Seu modelo era o cínico filósofo Diógenes, que, como ele, usou a franqueza e o humor negro .

Em seus estudos sobre literatura grega, C. A . Van Rooy, citado na obra de Enylton de Sá Rego, afirma: *um gênero formal da sátira grega não existiu nunca: se tivesse existido, sua história já teria sido escrita há muito tempo.* (1989, p.34)

E mais adiante, conclui:

Sugiro portanto, que seria mais produtivo partir de uma definição aceitável da sátira latina, como gênero, e usar tal definição como base de um estudo dos elementos satíricos na literatura grega; porque foi deste gênero, que em geral é reconhecido por todos como tipicamente romano, que o conceito de “sátira “ se derivou, tanto na literatura quanto nos estudos literários modernos. (1989, p. 35)

Por isso, a máxima mais conhecida, e que parece prevalecer nesse campo é *Satura quidem tota nostra est*, de Quintiliano, que reclama para os romanos a paternidade da sátira. Não há palavra grega para sátira. Na origem da palavra, temos *Satura*, que significa *cheio* e depois passou a significar *uma mistura de coisas diferentes*. Parece fazer parte do vocabulário de comida, pois existe um tipo de salada chamado *satura*.

O que parece valer é o sentido de miscelânea, já que os melhores satíricos aceitaram essa definição, percebendo, em seus enredos, a mistura de discursos, tom emocional, vocabulário, estrutura da sentença e modelo de frase, com a tentativa de produzir sempre o inesperado, para conservar seus ouvintes e leitores atentos.

Gilbert Highet (1962) oferece-nos três formas principais de sátira: os monólogos, as paródias e as narrativas. Mas o próprio Highet considera que essa classificação pode ser criticada, pois é possível que uma paródia seja feita em forma de monólogo ou de narrativa. Sendo assim, a questão é saber o que nos leva a olhar um poema, uma peça ou um conto e chamá-lo de sátira; verificar o que há em comum neles. Segundo o teórico, primeiro devemos considerar a definição geral dada pelo seu autor; depois, o seu enquadramento como gênero, e, em terceiro lugar, o assunto e o modo como é tratado.

Não há um guia sobre temas da sátira; os homens podem escrever sobre temas graves ou os mais triviais; os mais austeros e os mais delicados; sagrados e profanos; agradáveis e repugnantes. Como diz Highet, *The flag of satire is not particolored, white on one side and black on the other. It is polychromatic. Satire is variety.* (Highet, 1962, p.237) —

Na obra *Anatomia da crítica*, Northrop Frye (1973) introduz a teoria dos mitos, designando a ironia e a sátira como *mythos* do Inverno. Considera ele duas coisas essenciais à sátira: o humor — baseado na fantasia ou num senso de grotesco ou absurdo — a outra destina-se ao ataque — invectiva. Para fazer um ataque e despertar um riso de prazer no leitor, é preciso que escritor e leitores concordem com o

que vai dito, pois o conteúdo baseado em aversões nacionais, esnobismo, preconceito e ressentimento pessoal, será esquecido rapidamente.

A expressão de ódio, pessoal ou social, não pode figurar na literatura. O ataque, para ter sucesso, deve atingir um plano impessoal. O humor e o ataque são regidos pela convenção. Assegura Frye que o universo do humor é:

(...) rigidamente estilizado, no qual não se permite que existam escoceses generosos, esposas obedientes, sogras queridas e professoras com presença de espírito. Todo humor exige que se concorde em certas coisas, como o desenho de uma mulher surrando o marido numa história cômica. (Frye, 1973, p.221)

O contrário não suscitaria riso, porque dependeria da aprendizagem de uma nova convenção.

Arthur Pollard, em sua obra *Satire* (1973), afirma que alguns assuntos devem ser evitados na sátira, como morte, sofrimento e religião — os homens não criticam Deus — embora a hipocrisia do clero sempre tenha despertado a atenção dos satíricos.

Highet acredita que os satíricos têm seus motivos para escrever; esses são vários e tão complexos quanto as emoções que eles tentam evocar. Primeiramente, o satírico é movido por um ressentimento pessoal, um desprezo ou uma

simples diversão. Frequentemente ele nega isso e garante que baniu todos os seus sentimentos pessoais, mas excita o rancor, mesmo tentando escondê-lo.

Muitos satíricos foram impulsionados por um amargo senso de inferioridade ou injustiça social de exclusão de um grupo privilegiado. Menipo era escravo; Bion era filho de escravo e também foi vendido como escravo; o pai de Horácio era escravo, embora Horácio tenha nascido livre. Pope e Dryden eram ambos católicos romanos num país protestante; Luciano era um grego, falando sírio; Swift e Joyce eram anglo-irlandeses; Byron, Orwell e Waugh, anglo-escoceses. Pope tinha uma pequena deformação; Boileau era nervoso e doente; Cervantes tinha uma mão aleijada; Byron tinha um pé defeituoso.

O segundo impulso é claramente admitido por muitos satíricos. Eles querem censurar os crimes ou a insensatez, e assim ajudar a diminuí-los ou acabá-los. Como disse Dryden, *the true end of satire (...) is the amendment of vices by correction*. (Hight, 1962, p.241)

Um outro motivo é de ordem estética. Os escritores sentem prazer em criar seu próprio modelo, manejando o material escolhido. Os modelos da sátira, como temos visto, são interessantes porque são complicados. Qualquer que os tome, pode estar sendo atraído por suas dificuldades. Ele precisa de um vocabulário rico; um humor transbordante, combinado com um sério ponto de vista; uma imaginação vivaz, que estará sempre muitos passos à frente dos seus leitores, e ter sabor suficiente para permitir coisas chocantes sem fazer com que o leitor as desdenhe. A menos que ele

esteja escrevendo uma paródia, deve fingir que está improvisando e oferecer-nos a satisfação de entender o que está subentendido.

O último motivo não se encontra em todos os satíricos; os pessimistas não admitem, os brincalhões freqüentemente pensam nisso: eles são proféticos. Não só fazem denúncias, como também previnem e detêm. Dão conselhos positivos, criam um exemplo para ser copiado, expõem um ideal e acreditam estar ajudando com sua verdade.

Neste sentido, Highet estabelece duas concepções principais dos propósitos da sátira, e conseqüentemente, dois tipos de satíricos. Um gosta das pessoas, mas pensa que elas são cegas e tolas. Ele diz a verdade com um sorriso, não as despreza, mas as cura de sua ignorância, que acredita ser o seu pior defeito. O outro tipo detesta as pessoas e as despreza. Acredita que a malandragem triunfa neste mundo, ou diz que, embora ame os indivíduos, detesta a humanidade. Não deseja a cura; prefere ferir, punir e destruir.

Quanto a isso, Arthur Pollard (1973) adverte, para concluir, que para o satírico há o perigo de fazer uma imaginação criadora subserviente para um propósito intelectual ou moral. Deve manter constantemente o equilíbrio entre a literatura e a vida. Quando falha, torna-se um mero pregador ou moralista.

Em sentido oposto, temos o conceito de *humorismo*. Idel Becker em sua obra *Humor e humorismo* – poesia e verso e paródias de poemas famosos, relaciona uma série de conceitos de humor, explicitando de início a dificuldade de conceituá-lo. Cita Friedrich Hebbel: *Nada mais humorístico do que o próprio humor quando pretende*

definir-se (1961, p.17). Parece que isso se justifica porque a maioria dos conceitos apresenta um teor subjetivo e pouco teórico. O que nos convence melhor é o conceito de Sud Menucci: *A própria essência do humor é a completa, a absoluta ausência do espírito moralizador. Interessa-lhe pouco a pregação doutrinal e a edificação pedagógica. O humor não castiga, não ensina, não edifica, não doutrina.* (1961, p.20)

Em seguida, enumera todas as formas de humorismo: pilhéria, troça, galhofa, facécia, chiste, mofa, gracejo, zombaria, motejo, piada, mangação, chacota, “blague”, espírito, gozação, chalaça, anedota, trocadilho, brejeirice, dito picante, ironia, epigrama, classificando a sátira como uma forma de humor mais áspera, ao lado do achincalhe, da censura, do sarcasmo, da mordacidade e do escárnio.

Difícil, a esta altura, e diante da pouca disponibilidade de obras no Brasil sobre esses assuntos, tentar delinear exatamente os limites estabelecidos entre comicidade, sátira e humor, questão que até o momento, teórico nenhum parece ter conseguido resolver.

Arriscando expressar um entendimento, podemos dizer que comicidade é tudo aquilo que provoca o riso; não há como tratar do cômico sem levar em conta a percepção do riso, seja ele suscitado mediante as aparências, semelhanças, alogismos ou situações.

Embora existam várias formas de riso — o riso de zombaria, o riso bom, o riso maldoso, o riso cínico e o riso alegre, parece-nos que Propp tem razão quando afirma que *o riso de zombaria é o mais encontrado na vida e na arte, e por isso é o que*

está mais ligado à comicidade (1992, p.171), pois, para Dante Tringali, *o riso se enraiza no ridículo, que no sentido latino, é o que faz rir, e se o faz, é cômico.* (1988, p.78)

Quanto à sátira, não podemos classificá-la como gênero, pois nenhum estudioso ousa assim rotulá-la. Na introdução de sua obra *The anatomy of satire*, Gilbert Highet declara: *Satire is not the greast type of literature* (1962, p.3). Mais adiante: *Satire as a distinct type of literature with a generic name and a continuous tradition of its own, is usually believed to have started in Rome.* (1962, p.24)

Acreditamos que o sentido usado por Highet seja de “forma”, significado encontrado na tradução do *Novo Michaelis dicionário ilustrado* (1971, v.2, p.995), pois alguns autores brasileiros assim a nomeiam.

Quando se refere à sátira, Idel Becker, entre as formas de humorismo, classifica-a como *uma forma de humor mais áspera, ao lado do achincalhe, da censura, do sarcasmo, da mordacidade e do escárnio.* (1961, p.13)

Em seus estudos sobre gêneros literários, em *A criação literária* (1973), Massaud Moisés explica que os gêneros se dividem em espécies ou formas, que seriam configurações secundárias, e as espécies subdividem-se em fôrmas, como moldes formais e estruturas, segundo um critério de adequação entre linguagem e conteúdo, entre significado e significante. Para ele, a prosa não apresenta espécies; os vários tipos ou modalidades de contos, novelas e romances são configurações ou características fundamentais do conteúdo. *Assim, um romance é do tipo satírico se a substância contiver sátira, individual ou coletiva, uma novela é de aventuras se a intriga predominar.*

Nesse caso, afigura-se mais acertado falar simplesmente em tipos ou modalidade.
(1973, p. 41-2)

Concluindo, a sátira é uma forma literária, não um gênero, e isso fica patente quando nos lembramos de que na sua origem, em Roma, a sátira foi escrita em versos por Bion e Horácio. Propp, no último capítulo da sua obra *Comicidade e riso*, declara: *Os contos satíricos populares são sempre curtos e engraçados.* (1992, p.192) Ora, se a sátira às vezes está na poesia, em versos; outras na prosa, em romances e contos, trata-se mesmo de uma “*configuração ou característica fundamental de conteúdo*”.

Como forma literária, a sátira caracteriza-se por apresentar ataque e sentido moralizante e aqui discordamos de Propp, quando afirma que a sátira deve ser cômica, engraçada, pois se ela não provoca o riso, não cumpre sua função social e não desperta reação no leitor e no ouvinte. Para ele, *a comicidade pode subsistir fora da sátira, mas a sátira não pode existir fora da comicidade* (1992, p.186). A função da sátira é denunciar os vícios da sociedade, e isso não precisa ser seguido necessariamente de comicidade. Além do mais, alerta Propp, seu propósito é denunciar e não curar ou corrigir os erros, pois, se assim fosse, seria fácil curar o alcoolismo ou a marginalidade fazendo as pessoas assistirem a um espetáculo satírico. Seu significado está em mobilizar aqueles que ficam indiferentes diante dos vícios, criando uma reação para não compactuar com o que vem sendo satirizado.

Quanto ao humor, trata-se da sensibilidade ou percepção de cada um em diferenciar uma situação cômica de outra qualquer. Não há nessa percepção objetivo nenhum de mudar a sociedade, o homem ou alguma coisa.

Resta-nos, agora, definir o que fazem Emílio de Menezes e José Simão.



3 - OS DISCURSOS DE EMÍLIO DE MENEZES E DE JOSÉ SIMÃO

Quando lemos Emílio de Menezes e José Simão, perceber os aspectos cômico e satírico. Uma leitura mais atenta, porém, revela o fato de que são discursos com razoável componente de persuasão. Não tratam eles apenas de fazer graça ou de questionar problemas de pessoas ou instituições, mas de convencer ou persuadir os leitores sobre os pontos de vista assumidos. São, portanto, discursos retóricos.

É importante distinguir retórica de persuasão. Segundo Aristóteles, a Retórica é um estudo das etapas verificadas para se obter persuasão, não se restringindo a um gênero próprio e determinado, aplicando-se a todas as formas discursivas.

Esclarece Dante Tringali (1988), entretanto, que há textos — e agora não estamos mais nos limitando a discursos — que não buscam persuadir, como é o caso do texto científico; a ciência não persuade, expõe. Em princípio, o texto literário ou artístico também não tem como objetivo principal persuadir. Por outro lado, há também muitas outras formas de persuasão, como por exemplo, a propaganda, a sedução, a sugestão, a prece, que mantêm afinidades com a Retórica, mas não são discursos retóricos.

Outro aspecto importante a ser considerado é a questão da verdade na Retórica. De acordo com Adilson Citelli, não cabe a ela assumir uma atitude ética, já

que seu objetivo não é saber se algo é verdadeiro ou não; sua atitude é analítica, pois *cabe a ela verificar quais os mecanismos utilizados para se fazer algo ganhar dimensão de verdade* (1998, p.10). Aí estamos falando de persuasão¹.

Existem três modos de persuadir: convencer, comover e agradar²; esses correspondem às três funções do discurso retórico: lógica, afetiva e estética, que Cícero chama de “*Tria officia*”.

Na literatura, como já dissemos, a persuasão não exerce o papel principal, mas reconhece Dante Tringali (1988) que dificilmente encontraremos um texto não persuasivo; há sempre uma persuasão clara ou velada. Todo texto literário é, de certa forma, tendencioso e está vinculado às idéias de determinada classe. Ao proferir um discurso, todo enunciador comunica alguma coisa e conseqüentemente busca agir no mundo. Mesmo quando faz apenas uma declaração, está agindo sobre o interlocutor e conduzindo-o a determinado conhecimento.

Outro componente que comumente acompanha o retórico, particularmente nos textos estudados, é o ideológico. A ideologia apresenta dois níveis de realidade: um de essência — profundo e não-visível — e um de aparência — superficial e fenomênico. As idéias dominantes de uma classe social são formadas de acordo com o nível de aparência da realidade. Isso se realiza a partir do momento em que as instituições,

¹ Buscando a etimologia da palavra “persuadir”, encontramos “persuadere”. O prefixo “per” significa de modo completo, “suadere”= aconselhar, não impor, ou seja, levar alguém a acatar um ponto de vista de modo suave, habilidosamente.

² **Convencer** vem de “cum+vincere”= vencer o opositor com a sua participação, mediante provas lógicas (exemplos) ou dedutivas (argumentos). **Comover** vem de “cum+movere”= persuadir pelo coração, por meio da afetividade. **Agradar** corresponde a “placere”, na terminologia latina; “delectare”= seduzir, encantar deleitar. A arte de falar bem encanta o receptor e ajuda a persuadi-lo.

ao expressarem suas idéias, acabam por fazer um discurso de convencimento, em que se justifica a realidade e assim se perpetuam as situações de desigualdade. Esse modo de ver o mundo é que se chama ideologia, que, por se basear no nível de aparência da realidade, quase sempre é considerada “falsa consciência”. Para Libanio, *ideologia é um conjunto de idéias, valores, instituições, relações que constituem nosso universo de pensar e julgar* (1995, p.16). Parte de um lugar, de um ponto bem particular, por isso varia, é subjetivo e Libanio não o chama de falso, mas de parcial. O primeiro passo para a descoberta da ideologia é a percepção de que a situação vivida não é imposta por leis imutáveis da natureza, mas criadas pelos próprios homens. Numa sociedade, o número de ideologias vai corresponder ao números de classes que a compõem. Entretanto, a ideologia dominante será sempre a da classe dominante.

Sobre essa questão, Marilena Chauí lança um olhar à sociedade e, dividindo-a em dois grupos, estrutura um conceito de discurso. Em suas reflexões, explica que vivemos num momento de competição, rivalidade e individualismo, o que gera no homem, cada vez mais, a sede de vencer e alcançar a glória. Diante desse quadro, temos, de um lado, os bem-sucedidos, que realizam seus projetos com eficiência, tanto na vida profissional como na particular, e de outro, aqueles que são vencidos pelos obstáculos e não conseguem atingir seus objetivos. O que há de mau nisso é que nem sempre se questiona como as pessoas venceram, quais os meios utilizados para se obter o êxito. Aí é que entra a importância da palavra. Segundo Marilena, essa aura em torno da competência é colocada por meio da palavra, pois os representantes das instituições produzem um discurso — usando da palavra — que

decide e mistifica a competência. Surge, assim, o conceito de “discurso competente”, que para ela *confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir.* (1993, p.07).

Ao abordar este assunto, M. Lúcia de Arruda Aranha & M. Helena Pires Martins (1993) afirmam que renunciamos ao exercício do bom senso quando nos submetemos ao poder dos tecnocratas, seduzidos pelo “*saber do especialista*”. Na verdade, raramente questionamos os conselhos do economista sobre o que devemos fazer com o dinheiro em determinado momento, ou o pediatra, sobre a receita passada para as crianças e, ainda, dificilmente refletimos sobre a elegância de tal tendência da moda prevista nas revistas especializadas. Os prospectos de viagem ditam quais lugares serão o *point* da temporada e as propagandas, com palavras de ordem, elegem modelos de comportamento e atitudes de consumo.

Nessa mesma direção, Helena H. Nagamine Brandão, em seus estudos sobre a linguagem, afirma: *o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente.* (1995, p. 31)

Assim, não se pode falar em individualidade nem em originalidade absolutas nos discursos, já que eles reproduzem a soma dos discursos interiorizados durante toda a vida do indivíduo.

Ao discordar que a língua é um sistema monológico, (criticando Saussure), Bakhtin cria a teoria da polifonia. Acredita que o autor se vale de uma série de máscaras

para se expressar em várias vozes. Esse diálogo previsto no discurso apresenta duas vertentes: uma voltada para os outros discursos, como processos constitutivos, outra voltada para o outro da interlocução — o destinatário.

A Análise do Discurso parte da idéia do descentramento do sujeito, pois, apesar do seu papel fundamental, o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. Para ela, o centro da relação está no espaço discursivo criado entre o “eu” e o “tu”. À medida que se prioriza a relação locutor-ouvinte, focalizando a perspectiva dialógica, é valorizada, dentro dos estudos lingüísticos, a preocupação com o social e com as condições de produção. Nesse sentido, o conceito de história e de ideologia alteram o conceito de sujeito. Este deixa de ser centro e apresenta, assim, um discurso heterogêneo que reflete diferentes vozes sociais.

Em 1986, Orlandi e Guimarães concebem a partir daí o discurso como uma dispersão de textos e o texto como uma dispersão do sujeito. Assim, um discurso nunca seria autônomo — como se remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizariam num espaço de troca, mas jamais enquanto identidade fechada.

É devido à preocupação com relação ao uso da palavra que Korzybski (1879-1950), lógico e matemático polonês, radicado nos Estados Unidos, criou a “Semântica Geral”. Segundo sua teoria, o mau uso das palavras provoca uma desordem na sociedade, pois desequilibra o homem, cria conflitos, causa brigas, guerras. Korzybski (citado por Tringali, 1988, p.183) contesta o papel da Retórica da linguagem com sua teoria e espera que o falante, ao conhecer melhor o uso das palavras, não se

escravize a elas, e então, estando consciente disso, que fale suas palavras e não seja falado por elas. Quer dizer com isso que o falante que tiver maior domínio sobre as palavras, saberá fazer melhores escolhas para se expressar com clareza e objetividade, determinando, desta forma, rumos mais eficientes para seu discurso.

Parece predominar no estudo da Literatura a idéia de que em uma obra o “*mais importante*” são as técnicas e formas artísticas. Neste sentido, os aspectos retórico e ideológico teriam, na obra literária, pouca importância. A verdade, neste caso, parece estar no meio do caminho, como nos lembra Propp: *A capacidade de convencer artisticamente é uma das primeiras condições para convencer ideologicamente. Quanto mais elevado o nível artístico, tanto mais forte a ação de suas idéias.* (1992, p.191)

Aceitando, como hipótese de trabalho, o componente persuasivo dos discursos de Emílio de Menezes e de José Simão, nossa primeira tarefa ao estudá-los, seria classificá-los segundo os gêneros retóricos tradicionais — o laudatório, o judiciário e o político³. A simples leitura revela que os discursos de ambos se enquadram no gênero laudatório, o que mais se aproxima da literatura, e diante do qual o ouvinte ou o leitor apenas manifesta sua questão de gosto.

Segundo a Retórica Antiga, o gênero laudatório caracteriza-se por louvar ou vituperar — que seria uma maneira de louvar pelo avesso — e é esse realmente o

³ O **gênero laudatório** tem como objetos o belo e o feio; é o que está mais próximo da literatura nas formas do poema genétiaco, epitalâmio, na ode e na sátira. O **gênero judiciário** ou forense baseia-se num julgamento formal diante do justo e do injusto; cabe ao auditório desse discurso acusar ou defender. No **gênero político** destacam-se os valores útil e nocivo; esse gênero desperta no auditório uma atitude contra ou a favor diante de um discurso em que o orador tenta convencer aconselhando ou desaconselhando.

comportamento dos discursos de Emílio e de Simão. Das formas de persuadir previstas na Retórica — convencer, comover e agradar — podemos dizer que tanto um escritor como o outro se valem das três formas. Ora, em seus ataques, muitas vezes, recorrem às provas lógicas: indutivas (exemplos) ou dedutivas (argumentos) para exporem seu objeto de sátira. Temos aí o *convencer*. Por excitarem a afetividade, principalmente através do riso, eles também provocam emoções e sentimentos; temos aí o *comover*. Finalmente, se esses discursos nos seduzem e nos encantam de alguma forma, temos então, o *agradar*.

É importante notar também como Emílio e Simão se relacionam com a ideologia. Como vimos, existem dois níveis de realidade: um de essência — profundo — e um de aparência — superficial.

A função da ideologia é apagar as diferenças e criar no interior de uma sociedade referências que sejam de todos e para todos com o objetivo de se criar o sentimento de identidade nacional. Para isso, são usados três processos: *coesão*, que é aceitação sem crítica das tarefas em nome de Deus, do dever moral ou da ordem natural das coisas; *naturalização*, crença de que as situações são naturais, e não produto da ação dos homens; *universalização*, que apresenta como universal um valor que beneficia apenas um grupo de pessoas.

Notamos que o discurso ideológico faz uma *análise invertida* da realidade, pois separa o pensar e o agir e, por isso, é um discurso lacunar. Acredita-se, por exemplo, que existe desigualdade social porque existem diferenças individuais, ou que a atividade de cada um está submetida à competência e não à divisão de classe.

A ideologia se instaura por meio dos “aparelhos ideológicos do Estado”. Althusser (citado por Arruda Aranha & Martins, 1993) vê no Estado um aparelho repressivo representado pelo exército, prisões, polícia, tribunais, etc. que assegura a dominação pela violência, mas também conta com outras instituições pertencentes à sociedade civil, como a família, a escola, a igreja, os meios de comunicação, os sindicatos, os partidos, a fim de estabelecer o consenso pela ideologia, e que, por isso, são chamados Aparelhos Ideológicos. Algumas técnicas contribuem para que se perpetuem as idéias da classe dominante: além da *universalização*, já descrita anteriormente, há a *transferência* — numa propaganda, por exemplo, a crença de que os benefícios serão todos para os receptores, ou seja, quem sai ganhando com a compra do produto é sempre o consumidor—, a *ocultação dos efeitos da exploração*; a *política da Poliana* — lembrar os mais desgraçados e dar graças a Deus pelo pouco que tem—, *achar o bode expiatório em elementos externos e incontroláveis*.

Toda vez que a igreja desejou se manter longe das questões sociais e políticas, estava “trabalhando” a favor da classe dominante, assim acontece com a arte, que segundo Brecht, *sendo ‘apolítica’ não quer dizer outra coisa senão estar aliada ao grupo dominante*. (citado por Arruda Aranha & Martins, 1993, p. 49)

Ora, se nossos escritores são satíricos, essa ideologia, alicerçada na visão superficial do mundo — quase sempre falsa, e por isso passível de contradições — é alvo certo para seus ataques.

Os discursos feitos pelo narrador de José Simão e pelo narrador de Emílio de Menezes são altamente políticos já que deixam transparecer um posicionamento de

ataque à ideologia dominante. A sociedade dividida em classes é flagrada em ambos, que percebem de um lado os dominantes e, de outro, os dominados.

O “discurso competente”, descrito por Marilena Chauí, é freqüentemente colocado à prova por Emílio e Simão. Os dois escritores, freqüentemente, debocham desse discurso, como, por exemplo, o de Emílio:

Com esses romeiros fina-se também a generalizada presunção de que “no Brasil não se morre de frio”. Talvez seja enterrada na mesma sepultura em que foi inumada a sua enganadora irmã: “—no Brasil não se morre de fome”. (10/8/1911)⁴

Aqui há a denúncia de problemas sociais, que parecem não ser vistos pelo governo. Essas máximas têm o objetivo de se instalar no inconsciente do receptor como palavras de ordem, para, desta maneira, não causar nenhum tipo de questionamento.

O poder político é visto com desconfiança por meio de seus representantes:

Como se vê, é um bom projeto, feito com as melhores intenções, e é pena que ele fosse dirigido à Câmara, uma casa não excessivamente cheia de boas intenções. (24/09/1911)

⁴ As citações de textos teóricos seguirão as normas previstas pela ABNT; nas citações de discursos dos autores, o critério será diverso: será destacado sempre, independente do número de linhas, com a finalidade de facilitar a leitura.

A irresponsabilidade dos políticos também é flagrada no momento em que, eleitos para representarem os interesses do povo, pensam apenas em seus privilégios, como mostram os exemplos abaixo:

Por falta de comparecimento não houve anteontem, sessão noturna na Câmara.

Bonito! Agora é a maioria que está obstruindo! (11/12/1911)

e:

“O sr. Da Gama partiu ontem, dos EUA para Europa em gozo de licença”. Já? Apenas empossado e já de licença? (05/7/1911)

Mostrando a sociedade dividida em classes, Simão denuncia:

Tanto que uma madame acabou de mudar pros Jardins, saiu na janela e gritou: “Desgraçados destes mendigos, mobiliaram a casa mais rápido que eu.” (25/01/97)

Numa crítica social, José Simão afirma que o que mais cresce em São Paulo é a população de mendigos, os quais, segundo ele, “se instalam rápida e criativamente”. Como se sabe, São Paulo é a capital que mais recebe migrantes no país, o que tem causado cada vez mais um grave problema social, pois a cidade não é capaz de atender à demanda de empregos, nem de oferecer moradia, saúde, educação e transporte aos que lá se instalam. Isso gera um desequilíbrio social e exclusão para os que conseguem sobreviver com as mínimas condições oferecidas, em oposição às

madames. Usando da hipérbole, Simão denuncia a falta de estrutura ligada aos transportes:

E ônibus em São Paulo é tão lotado que você desmaia em pé!
(25/01/97)

Ao reconhecer que nessa sociedade uns têm poder e privilégios e outros estão abandonados ao anonimato, Simão afirma:

E diz que toda blitz em Brasília a polícia separa as pessoas em três filas, ops, três filhos: filho de militar, filho de político e filho de ninguém. Aí os filhos de ninguém apanham pelas três filas de filhos!
(23/04/97)

Quanto ao episódio dos adolescentes — filhos de representantes da classe dominante — que queimaram um índio em praça pública e alegaram pensar que fosse um mendigo, temos aí uma denúncia da ideologia racista contra o índio:

E esse macabro churrasquinho de índio só podia ter acontecido em Brasília. Onde todo mundo é filho de alguém. Em Brasília não se diz: "Sabe com quem você está falando?" Lá se diz: "Sabe com o filho de quem você está falando?" (23/04/97)

Focalizando os privilégios da classe dominante, Simão se vale do eufemismo para debochar:

Olha o respeito: banqueiro não depõe; “presta esclarecimento”.
(08/03/97)

Aqui a crítica se dá por morarmos num país onde os banqueiros são protegidos pelo governo, que não os deixa ir à mingua. Ao socorrer uma classe tão poderosa, o governo permite que a miséria e a exclusão aumentem e peca pela omissão.

De novo, flagrando os interesses de um pequeno grupo e ocultando os efeitos da exploração, Simão denuncia:

E o Raul Cortez disse na TV pra gente não se preocupar com a venda da Vale porque nós vamos ficar com o ferro. Grandes novidades. É sempre assim eles levam tudo e a gente leva ferro. Pra não perder o costume. O FERRO É NOSSO! (26/04/97)

Aqui a denúncia é contra a privatização da empresa Vale do Rio Doce. Diante de tantos protestos, o governo veiculou uma propaganda a favor da classe dominante. O que se pretendia vender, na verdade, era a idéia de que estaríamos fazendo um bom negócio.

A sociedade instável, com falhas na sua organização, proporciona o aparecimento do “pai autoritário” e de outras figuras que, respeitadas como autoridades máximas, fazem uma política voltada aos interesses próprios, promovendo, assim, desigualdade social. Simão, diante desse quadro, aponta as contradições:

Alguma coisa está fora da ordem mundial. Olha duas manchetes da FOLHA: "ACM critica desigualdade". E "Sarney é comparado a Guimarães Rosa". (...) Sarney lança na França seu livro "O Dono do Mar". O título tá errado. Devia ser 'O Dono do Maranhão'. (19/2/97)

A crítica se dá por serem Antônio Carlos Magalhães e José Sarney líderes políticos em seus respectivos estados, Bahia e Maranhão, e por defenderem ambos os interesses da classe dominante.

Em outro momento, José Simão, focalizando a ideologia do PSDB, debocha do bode expiatório colocado por eles, em elemento externo:

FOLHA: "Acordo inédito diminui salário!" Inédito e escalafobético! Diminuem as vendas, diminuem os salários. E por que quando as vendas aumentam eles não aumentam os salários? E a tucanada gosta de dizer que desemprego é fruto da automação. Mentira. Os EUA são o país mais automatizado do planeta e não têm desemprego. É falta de desenvolvimento mesmo! (11/12/97)

Mostrando ainda o jogo de interesses da ideologia política dominante, limitando-se às falcatruas de São Paulo, no Governo de Celso Pitta, Simão desabafa:

Essa CPI não appita nada! Nunca vi CPI investigar só o que governo quer. (05/03/97)

Sabemos que os provérbios expressam a sabedoria popular, mas em alguns casos, adquirem contornos ideológicos. Rebatendo o “Deus ajuda quem cedo madruga” que promete sucesso a quem se atira ao trabalho (que enobrece o homem!) e, assim, mantém a ordem para que todos cheguem lá, Simão declara:

E se acordar cedo desse dinheiro, passarinho já estava milionário. (14/2/97)

Por mais avanços que as mulheres tenham feito, vivemos ainda numa sociedade machista. A discriminação ainda existe, os valores morais são cobrados mais das mulheres, e na questão do emprego, a mulher ainda recebe um salário inferior ao do homem para desempenhar a mesma função. Simão, diante dessa situação, parodia a máxima histórica:

*E como diz o cabeleireiro cearense Dudu: “Atrás de um grande homem tem sempre uma grande mulher, e atrás dela uma bicha”.
Uau! (08/03/97)*

Quanto à visão da mulher como objeto de prazer do homem, desprezando seu potencial intelectual, Simão parece assumir a visão generalizada da sociedade machista, por exemplo, quando cita, debochadamente, as palavras de Jorge Guinle:

Namorou com a Marilyn antes de a Marilyn virar Marilyn. Quando era garota de programa e saía com todo mundo. E diz que ela era

burríssima. Mas como ele mesmo diz: "Se eu quisesse inteligência, eu saía com o Einstein." Rarará. (16/7/97)

Há uma outra vertente de opinião que também tiraniza as mulheres por fazê-las acatar a ditadura da moda e tentar se enquadrar nos moldes estabelecidos.

Continuo pasmo com os desfiles de moda. É cada roupa exdrúxula! Coitadas das modelos. Elas deviam ter uma tabela de preços: vestida, R\$ 1.000, fantasiada, R\$ 2.000, ridícula, R\$ 3.000, e patética, R\$ 4.000. Rarará! E pelada? Pelada nem de graça. Uma modelo pelada quem vai gostar é o meu cachorro milu. Oba! Osso! (22/2/97)

Por isso, desafia as mulheres, que às vezes violentam seu estilo e gosto, perdendo sua identidade na busca da moda:

E quem faz mais sucesso em desfile de roupa é bofe SEM roupa. Aqueles rinocerontes de sunga continuam arrasando na passarela! (22/2/97)

Defendendo as mulheres, Simão protesta junto com sua amiga:

*Hoje é o dia delas. Dia Internacional da Mulher.(...)
E que data mais politicamente incorreta. Porque (sic) um dia só?
Uma amiga minha diz que se alguém for cumprimentá-la pelo Dia
Internacional da Mulher ela vai dar porrada. (08/03/97)*



No entanto, Simão não deixa de ironizar atitudes de representantes das minorias homossexuais :

A Ellen, atriz do seriado de sucesso “Ellen” assumiu que é lésbica. (...) Então ela virou Ellen com H. muda o nome do seriado para “Ellen com H”! (03/05/97)

e:

Quanto à ideologia machista, Emílio de Menezes comenta a presença de mulheres em jogos:

Progressos do feminismo:

— *Minha mulher dedica-se agora ao foot-ball: no domingo último fez doze pontos no ground do Feminil Foot-Club.*

— *Sim, meus cumprimentos.*

— *Qual cumprimentos, meu amigo: em compensação durante a semana inteira não faz um ponto sequer na minha roupa branca.*

(03/11/1911)

Em sua visão, antes de se destacar em qualquer área, a mulher deve cumprir suas obrigações dentro do lar. Em outro exemplo, desconfia do talento e da inteligência feminina:

Entre homens de letras.

— *Sou absolutamente pela admissão do sexo gentil na Academia de Letras.*

— *Tens algum motivo bastante forte?*

Tenho um fortíssimo; as mulheres em geral muito antes dos acadêmicos, já haviam adotado a falta de ortografia na linguagem escrita. (15/11/97)

Quanto aos aparelhos repressivos, começemos pelas instituições que asseguram a dominação, estabelecendo o consenso pela ideologia. A igreja é vista como elemento de alienação por Emilio de Menezes:

(...)Onze romeiros que tinham ido ao Bom Jesus de Pirapora, não acharam onde acolher-se, porque os hotéis estavam cheios, e, dormindo ao relento, sob um frio siberiano, passaram desta para o que se costuma chamar de melhor, mas a que ninguém aspira. Foi pena. Porque, se não tivessem morrido, a vida lhes decorria entre mil aventuras sob o patrocínio do milagroso Bom Jesus do Pirapora. (10/08/1911)

José Simão debocha de várias religiões, mas no que se refere à Igreja católica, remete-nos ao atraso que viveu Portugal à época do Barroco. Com a unificação da Península Ibérica, o ensino passa a ser quase um monopólio dos jesuítas, já que a Companhia de Jesus avançava em nome da Contra-Reforma. Dentro dessa perspectiva religiosa, a censura eclesiástica torna-se um obstáculo a qualquer progresso no campo científico cultural; assim, enquanto a Europa conhecia um período de efervescência no campo científico, a Península Ibérica era reduto da cultura medieval. Além de nos lembrar deste atraso, Simão denuncia os crimes feitos em nome da Santa Inquisição:

Hoje é dia de Araraquara voltar à Idade Média. Zé Celso Martinez Corrêa está sendo processado pela igreja de Araraquara por vilipendiar a eucaristia na peça "Mistérios Gozozos". Só falta o Zé Celso ser queimado numa fogueira como bruxo na praça de Araraquara! (...) E avisa a igreja que é para atrasar o relógio em uma hora e não em 500 anos. Rarará. Viva a liberdade de expressão. (18/02/97)

A última frase do exemplo mostra novamente o equívoco que a sociedade, em geral, comete ao confundir os limites entre a realidade e a arte, cobrando comportamentos e pontos de vista previstos na realidade, mas não na criação. A censura torna-se ainda mais retrógrada se lembrarmos que algo parecido aconteceu com Flaubert, quando teve que dar à Corte satisfações sobre sua obra *Madame Bovary*, na França.

Tanto Emílio de Menezes como José Simão denunciavam o poder imposto pela violência no sentido de manter a ordem por meio dos aparelhos repressivos do Estado. Emílio faz piada com o assunto, mas não deixa de sugerir a existência da censura policial:

O chefe da polícia proibiu a exibição de fitas relativas a um funeral ultimamente havido.

Fez bem o sr. Belizário: com a morte não se faz fita! (29/11/1911)



Neste outro exemplo, há a crítica sobre a atuação da polícia:

Já é caiporismo! A polícia cheia de boas intenções, a prender uns e outros, e a gente que tem o que perder a ser roubada! Parece que não fazer nada é o melhor que a polícia tem a fazer. (01/09/1911)

José Simão zomba dos representantes da ordem:

E fiquei assustado com a Turma da Repressão. Promotores e delegados. Tinha um promotor que era um tique nervoso ambulante. Eles têm medo da liberdade. Medo de se descontrolar na liberdade. (19/11/97)

Com humor negro, Simão denuncia a ação da polícia e a suposta omissão do governo diante do quadro:

E diz que o FHC está conseguindo acabar com a miséria no Brasil. Com a ajuda da PM. (23/5/97)

Por outro lado, Simão debocha das palavras de ordem contra o regime militar, e num trocadilho constrói:

Não percam amanhã minha coluna ABAIXO A DENTADURA! (04/09/1997)

O político Paulo Maluf, numa entrevista sobre estupro, declarou que o crime não era tão grave, pois o homem tinha estuprado mas não tinha matado. Numa crítica às leis brasileiras e à fala do político, Simão parodia:

Eu tenho uma saída para a redução das penas pra crimes hediondos. Estuprou, mas gozou fora, cumpre só metade da pena. Seqüestrou, mas parcelou o pagamento, cumpre um terço. Seqüestrou, mas parcelou o pagamento pra todo dia dez com cheque pré-endossado pelo dono da Encol, metade da pena.
(19/9/97)

No que diz respeito à ideologia, Emílio e Simão desafiam o credo liberal, que prega a idolatria do indivíduo, do consumismo, do dinheiro, do mercado, da mercadoria como fonte de enriquecimento. A religião, na visão liberal, é limitada ao âmbito privado e ao espaço estritamente religioso, por duas razões: agindo dessa forma, favorece os interesses da classe dominante e, cultivando o lado religioso, ameniza os conflitos gerando a alienação do indivíduo. Emílio e Simão denunciam a alienação e o atraso provocado por essa ideologia. Ambos debocham da ideologia que determina comportamentos e atitudes do homem diante da igreja, da polícia e da política. Entretanto José Simão parece ir mais longe, satiriza também a ideologia que tiraniza as pessoas no que se refere à moda, à propaganda, às palavras de ordem presentes nos provérbios, sem deixar de debochar do discurso das minorias sexuais e da moral

burguesa. Neste sentido, o discurso do narrador José Simão, mesmo sem um engajamento político definido, aproxima-se do discurso anarquista.

A palavra “anarchos”, em grego, pode ser usada para definir desordem na falta de um governo ou quando não existe necessidade dele. Entretanto, Godwin alega que *o homem é por natureza capaz de viver em uma sociedade livre, é evidente que aqueles que tentarem impor leis serão os verdadeiros inimigos da sociedade. Neste caso, o anarquista, ao contrário do emérito destruidor, seria o regenerador que vai restabelecer o equilíbrio necessário à sociedade* (citado por Costa, 1985, p.16). Os anarquistas atacam em primeiro lugar a democracia burguesa que permitiu o surgimento da estrutura governamental; eles combatem, a qualquer custo, o Estado, o governo e a autoridade.

Como satírico, Simão aproxima-se dos anarquistas ao atacar o discurso da classe dominante, todos os partidos, as minorias, por repudiar e ironizar todo tipo de autoridade, poder ou instituição. Além disso, por praticar uma forma literária que apresenta invectiva e sentido moralizante, ao denunciar nossas mazelas sociais, comunga com os anarquistas o sonho regenerador de *restabelecer o equilíbrio à sociedade*.

Os dois escritores, por outro lado, não se deixam escravizar pelas palavras. Conhecendo bem o significado delas, desmontam a materialidade dos significantes, obtendo resultados surpreendentes, que, na maioria das vezes, desembocam na comicidade.

Outro aspecto importante sobre o componente retórico é o de como os dois escritores, mesmo não fazendo um discurso retórico *strito sensu*, valem-se das chamadas provas retóricas, comuns nos textos oratórios, mas aqui sustentadas também por outros objetivos. Para convencerem seus leitores, em alguns momentos, o discurso de ambos recorre às provas extrínsecas⁵ — que moram do lado de fora do texto — ao fazerem citações, por exemplo. Mas na maioria das vezes, eles se valem das provas intrínsecas⁶ — internas ao texto — dividem-se em lógicas — silogismos e exemplos —, e psicológicas — éticas e patéticas.

Lembrando a definição de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, *o estilo é a definição de uma personalidade em termos lingüísticos* (1953, p.23), podemos afirmar que tanto Emílio de Menezes como José Simão se projetam nas provas éticas. Além da aparência exterior — segundo Luís Edmundo, Emílio era “*gordo, carão largo e vermelho emergido da sólida papada,... dois olhos pequeninos, dois sorrisos travessos e mordazes, um bigode gaulês, em amplas curvas e de guias finas, quase a tocar a gola do casaco*” (Obra Reunida. 1980.p.xxiv) — José Simão autodenomina-se “macaco” — não apenas servindo-se da proximidade cômica de um sobrenome com *símio*, *simiesco*, mas também apropriando-se de um personagem das histórias infantis, o Macaco

⁵ **Provas extrínsecas** : são aquelas localizadas fora do discurso, encontram-se em um fato ou em uma circunstância externa; são, por exemplo, uma mancha de sangue, uma testemunha, uma lei, incluindo citações de especialistas.

⁶ **Provas intrínsecas**: são internas à Retórica e podem ser subdivididas em lógicas — por meio de silogismos e exemplos, são racionais — ou psicológicas — que podem ser patéticas ou éticas e são irracionais. As éticas referem-se aos sentimentos; as patéticas, às emoções e paixões.

Simão. Esse personagem fazia suas estripulias e, quando apanhado em flagrante, buscava revidar, “dar o troco”.

A imagem dos dois autores constrói-se também mediante o estilo de cada um, que, como acredita Mattoso Câmara Jr., baseia-se na linguagem de que fazem uso. Ao tomarmos contato com seus discursos, imediatamente a imagem que nos ocorre de ambos é de pessoas debochadas, altamente críticas, mas bem-humoradas.

Entretanto, o que caracteriza realmente o discurso satírico são as provas patéticas, que buscam o entendimento e a persuasão mediante a afetividade humana, por meio das paixões. Se, ao lermos suas crônicas, entendermos suas piadas e compactuarmos com seus pontos de vista, imediatamente um sentimento de simpatia nos é despertado e começamos a rir. É com esse espírito que o leitor abre diariamente o jornal e procura a coluna de José Simão, como, com certeza, o leitor do jornal *A Imprensa* procurava as crônicas de Emílio de Menezes. Como autores desse gênero, Emílio e Simão atacam o homem e a sociedade onde vivem, provocando inevitavelmente a paixão do riso.



4 - A PAIXÃO DO RISO EM EMÍLIO DE MENEZES E EM JOSÉ SIMÃO

Em sua obra, Propp declara que o riso mais comum encontrado na vida e na arte é o riso de zombaria — que é próprio da sátira. Neste sentido, Emílio de Menezes e José Simão fazem-nos rir por diferentes formas de zombaria, tendo sempre como alvo os homens e as instituições, mas usando como termos de comparação animais, objetos, a natureza física do homem revelando sua natureza espiritual, humor por meio da bebida e comida, semelhança entre as pessoas, as profissões, paródias, hipérboles, caricaturas e grotesco, alogismos, vícios e defeitos.

Considerando que o cômico está sempre ligado ao homem e sua percepção do ridículo, começemos com o reino animal, pelas analogias que são fonte inesgotável de todas as aproximações entre os animais e o homem. Delas os comediantes de todos os tempos tiraram partido. Emílio e Simão não economizam nesse aproveitamento. É o que faz Emílio no exemplo abaixo:

— *A idéia do Justiniano Serpa..*

— *Que queres? o homem é todo Suíça: tem “Berne” na cabeça... (30/11/1911)*

Aqui a aproximação se dá através do trocadilho “berne” — larva de inseto — sugerindo uma doença; o escritor Berne, sugerindo cultura, ou ainda Berna, cidade da Suíça.

Em seguida, temos, numa crítica à política, a aproximação pela metáfora, em que entre o sentido de policiais e serpentes há uma intersecção, sugerida pela palavra serpentina:

Diz um telegrama do Chile que a polícia proibiu o jogo das serpentinas.

Ora, vejam só essa! aqui, entre nós, são as "serpentes" da polícia que proíbem o jogo... (4/12/1911)

Em José Simão, como vimos, esse processo se realiza a partir da aproximação do seu nome com *símio* e pela apropriação que faz do personagem das histórias infantis, o Macaco Simão. Ao iniciar sua crônica, apresenta-se:

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Emergência. (25/1/97)

O macaco é muito usado em apresentações circenses, pois sua aproximação com o ser humano possibilita que ande de bicicleta, faça careta, escove os dentes, e seu modo de ser desperta inevitavelmente o riso.

Em outro exemplo, valendo-se da linguagem chula, Simão constrói:

Essa foi a moral deste Carnaval na avenida: perereca que muito pula a gente prende com esparadapo. (14/2/97)

Aqui, a perereca gera ambigüidade remetendo-nos ao órgão sexual das mulheres, que se exibem quase nuas nos desfiles de carnaval.

Comentando a manchete, recorre à metáfora na aproximação com animais:

Edmundo perde a cabeça. (...) Mas bacalhau não tem cabeça.
(16/12/97)

No âmbito dos esportes, Edmundo é um jogador de futebol e se destaca pela sua habilidade no trato com a bola, mas todos sabem que o seu relacionamento com os seres humanos não é dos melhores. Num determinado jogo, foi elogiado pelo comentarista de futebol Osmar Santos, que viu no seu comportamento agressivo traços de masculinidade e garra, e então o chamou de “animal”. A partir deste fato, a metáfora “animal” que sempre significou violência e agressividade passou a conotar ousadia, bravura e coragem. Neste contexto, *bacalhau* identifica Edmundo e todos os jogadores do Clube de Regatas Vasco da Gama, por reforçar a sugestão de origem portuguesa do time.

Sobre o desfile da Phytoervas, a aparência dos modelos masculinos é ridicularizada pela imagem dos rinocerontes:

Aqueles rinocerontes de sunga continuam arrasando na passarela.
(22/2/97)

O mesmo acontece no exemplo abaixo, em que, numa zoomorfização,

Simão diz:

E a Liliam (Wite Fibe) abriu o “JN”gralhando: ... (7/3/97)

Denunciando o desagradável som da voz da jornalista, aproxima-a da ave.

Da mesma forma que a comparação do homem com animais suscita humor, a comparação do homem com coisas também nos leva ao riso tanto na vida como na arte. Em Emílio observamos:

O Diário de Notícias afirma que “os fósforos de duas cabeças são os do povo”. Compreende-se: é uma alusão aos fósforos do Bittencourt da Silva, que votam em duas seções. (25/7/1911)

Aqui fica a sugestão de fraude nas eleições; o eleitor que vota duas vezes é metaforizado em “fósforo de duas cabeças”.

Em outro momento, temos:

Entre “paus-d’água”:

— *Que me dizes desse projeto do Defreitas contra o álcool?*

— *Pois não vês logo? o que ele quer é fornecer para o país inteiro as sobras das águas que inundaram o Paraná para serem aproveitadas como bebida... (16/12/1911)*

Em José Simão encontramos um exemplo em que há comparação do ser humano com coisa, além do trocadilho feito em torno do nome próprio:

Cachorro-quente futurista é aquela boca vermelha da Lilian Bife Quibe. (07/03/97)

e:

O Glauco deu o apelido definitivo do FHC: Zeca Pacotinho! (21/11/97)

Entretanto, quanto ao emprego de imagens e metáforas com base em palavras que designam objetos, os exemplos dos dois autores mostram que tais referências se tornam também cômicas quando se trata de objetos produzidos pelo homem. Em Emílio temos:

O Sr. Oliveira de Lima não é apenas um grande diplomata: é também um longo escritor. E, então já se sabe, escreve coisas, coisas que nunca mais se acabam. Não é por mal. É que não pode conter a eloqüência. (12/8/1911)

Nesse trecho, os adjetivos “grande” e “longo” ajudam a construir a imagem do excessivo e cansativo texto. E a ironia: “não é por mal”, tenta se impor numa justificativa que se concretiza a seguir com uma crítica.

No exemplo:

A Inglaterra faz parede e Alemanha procura aproveitar-se para fazer guerra, em vez de fazer outra parede — a da guerra. Duro com duro não faz bom muro. (22/8/1911)

Emílio vale-se do dito popular e de um trocadilho para ironizar a situação política dos dois países, caracterizada por posições inflexíveis lado a lado.

Sem rodeios ou ambigüidades, neste outro exemplo, Emílio declara:

*Mais um quadro célebre roubado!
Seria uma sorte célebre que chegasse a vez de roubarem os quadros ou as estátuas do Bernadelli... (30/12/1911)*

Lembrando o maldizer característico das cantigas satíricas medievais, o autor cita nome numa crítica direta, deixando clara sua aversão pelas obras do artista.

No mesmo tom de ironia, Simão critica:

E diz que a FOLHA encomendou ao Gil uma resenha sobre o livro do Caetano. E a resenha ainda está no meio e já está maior que o livro. (21/11/97)

A ironia sobre a resenha de Gil se dá pelo uso de uma hipérbole, denunciando o exagero do texto.

Num diálogo entre pintura e televisão, temos:

E os retirantes do Portinari parecem retirantes de novela da Manchete. (27/11/97)

Nesse exemplo, a crítica se dá sobre a produção da novela, que também apresenta personagens muito pobres lembrando os da tela do pintor.

Sabemos que o cômico é percebido também através da natureza física do homem, pois põe a nu os defeitos da sua natureza espiritual. Em Emílio encontramos:

Ontem, na Avenida:

— Firme, hein, meu velho! Apesar dos cabelos brancos e do reumatismo, metido na pândega carnavalesca!

— Que queres? O carnaval em mim constitui uma “momorragia”... (19/2/1912)

Nessa construção, Emílio conta com “cabelos brancos” e “reumatismo”, como sinédoques, indicando a velhice do satirizado.

Em Simão, o deboche se realiza a partir de caricaturas. Sobre isso escreveu Bergson: “a caricatura tem algo de diabólico, ressalta o demônio que venceu o anjo” e assegura que nessa arte, “o exagero não é objetivo, é o simples meio de que se vale o desenhista para tornar manifestas aos nossos olhos as contorções que ele percebe se insinuarem na natureza” (1980, p.22).

É o que Simão nos apresenta nos exemplos abaixo:

E o Renato Gaúcho que vem para São Paulo com aquele cabelo de Raoni? (14/2/1970)

O jogador de futebol, que figura como ídolo dos jovens, é satirizado pelo corte de cabelo que se assemelha ao do índio Raoni.

Mostrando a intolerância dos homens quanto aos gostos e exageros das mulheres que se entregam às novidades ditadas pelo mundo da moda, Simão debocha:

Tem um amigo meu que gosta de mulher que tá revoltado com essa moda Frankenstein: cabelo de bruxa, make de bruxa e bronzado coalhada. 922/2/97)

Aqui, a ditadura da beleza que estabelece medidas e pesos para as modelos é levada ao exagero, na relação de magreza com osso.

Sobre a viagem que ia fazer a Los Angeles, pergunta:

E já imaginou o sucesso que eu vou fazer entre aqueles homens marombados e aquelas mulheres siliconadas com o meu corpinho de campeão de dengue? (6/6/97)

Aqui, a oposição entre *mulheres siliconadas* (beleza artificial) e *meu corpinho de campeão de dengue* (condição natural) é que suscita humor.

O humor também é excitado ao falarem de comida e bebida. Emílio, num trocadilho, coloca o assunto em evidência, na sua sátira política:

Mas que idéia a dos restauradores! invadir o Porto a champagne! É a questão dos vinhos que recomeça. (10/10/1911)

Esse assunto também figura nas crônicas de Simão:

E adorei o cardápio de recepção da palestina Lamia: feijoada, bacalhau, quibe, esfiha, homus, e tabule. E aí pega mais 11 anos de prisão, de ventre. (14/2/97)

Debochando do exagero e da mistura de comidas, enumera os pratos e finaliza com o trocadilho “prisão de ventre” que sugere ambigüidade. Esse jogo de palavras repete-se em outros exemplos como vemos abaixo, sobre a viagem de Fernando Henrique :

E sabe o que o FHC foi fazer na Itália? Aderir as (sic) massas.

E em seguida:

Típico casal paulista: dona Pizza Hut e FHC à bolonhesa. Almoço e jantar. (14/2/97)

O mesmo acontece no exemplo sobre Maluf. Pela sua nacionalidade a esfiha, como uma comida típica, constitui uma metáfora:

Minha vida é uma esfiha aberta. (21/ 3/ 97)

E sobre bebida:

E enquanto as fardas agitam o Brasil, O FHC fica bebendo champanhe com os fardões , com a rapaziada da Academia Brasileira de Letras. (22/7/97)

Nesse exemplo, temos ainda o que Bergson chama de transposição, invertendo o valor das coisas. Uma instituição respeitada, como ABL, é tratada com uma intimidade desrespeitosa, que a faz “descer”, chamando seus integrantes, todos de idade avançada, de “rapaziada”. A oposição “fardas” versus “fardões” também mostra luta versus omissão, numa crítica social.

A semelhança entre pessoas é objeto de riso também encontrado em Simão. Valendo-se da comparação, remete-nos à novela exibida no SBT:

E o rei eleito Fernando Henrique tem pinta de canastrão mexicano. Parece o pai da Maria do Bairro. (23/4/97)

Da rede Globo, evoca a personagem Tonha, da novela *Tieta do Agreste*, inspirada na obra de Jorge Amado:

...e a Betty Faria parece o pai da Tieta gritando “TOOONHA!” com dois ouriços na goela. (21/3/97)

Referindo-se ainda à semelhança, Simão critica o novo visual de Jô Soares, após voltar da programação de férias:

E o Jô com aquela barba voltou a cara do Ray Connif! (7/3/97)

No exemplo abaixo, a semelhança entre as pessoas não é física, mas de nome, que num trocadilho lembra-nos um título de nobreza e debocha da vaidade do presidente da República:

E diz que o Don Doca FHC está dando graças a Deus de o Rainha estar foragido. Não ia suportar o encontro de dois rainhas. "Bom dia, presidente, meu nome é Zé Rainha." "NÃO! Rainha aqui só eu!" (21/3/97)

As profissões também estão presentes no humor de nossos autores. Em Emílio encontramos:

Entre literatos:

— *Estou escrevendo um romance.*

— *Que gênero?*

— *Passional; contém episódios de fazer chorar o leitor de coração mais duro; tanto assim que já contratei com o editor vender, com cada exemplar um lenço entre as páginas... (24/11/1911)*

Numa sátira policial, temos:

O ex-soldado Job, um dos sátiros expulsos da Brigada Policial e que há dias fugira do xadrez, onde fora preso, resolveu voltar e apresentar-se à prisão.

É um belo triunfo para a glória dos nossos sherlocks policiais (...)
(3/3/1912)

Em José Simão, focalizando o mundo político, encontramos:

E o Maluf é assim: politicamente um desastre, mas como humorista um sucesso. (21/3/97)

Entrando no mundo artístico, Simão ataca a postura de alguns, por meio da linguagem:

Num guento cantora brasileira desenxabida: "Agora vou mostrar um trabalho baseado no embasamento." E aí dorme em cima do violão. Pensa que é travesseiro! (21/5/97)

Partindo para o esporte, Simão critica o jogador de futebol:

A única coisa que o Viola tá fazendo bem é dar autógrafo. (16/12/97)

Uma outra maneira de se conseguir humor é mediante subversão das expressões cristalizadas: os dois autores se deleitam com as paródias.

José Simão, referindo-se à revista *Pequenas empresas grandes negócios*, constrói, sobre a CPI dos precatórios:

Pequenos governos, grandes negócios. (21/3/97)

Denunciando atitude do presidente diante da compra de votos para satisfazer seus interesses, subverte a máxima "hei de vencer" em:

E adorei o adesivo que o Angeli bolou pro carro do rei eleito Fernando Henrique: "Hei de Vender". (26/4/97)

No trocadilho abaixo, o tradicional bordão "olha o passarinho", chamando a atenção para o momento da foto transforma-se na frase em que "passarinho" passa a ser empregado com sentido chulo. Ao declarar que ia para Los Angeles, promete trazer uma camiseta "*prum*" amigo com os dizeres:

Sorria, olha o passarinho do presidente. (6/6/97)

Ultimamente as produções cinematográficas brasileiras, como *O quatrilho* e *O que é isso, companheiro?*, têm concorrido ao Oscar como melhor filme estrangeiro. Diante disso, Simão pergunta:

E reparou que hoje só se faz filme nacional para ganhar melhor filme estrangeiro? Pois eu vou fazer o contrário: um filme estrangeiro para ganhar melhor filme nacional — O Que é Isso, Estrangeiro?

E em seguida, ainda sugere:

O Que é isso, Cangaceira?, com a Elba Ramalho (...) (7/5/97)

Quanto ao exagero, como já vimos, temos a hipérbole, a caricatura e o grotesco.

Começando pelas hipérboles, para dizer que a notícia já não era nova, encontramos em Emílio:

mas sempre hei de dizer que a tal notícia tinha cabelos brancos: (...) (22/7/11)

Numa crítica social, denunciando o medo da população diante dos assaltos, Simão mostra a exploração de certos ramos de negócio em grandes centros:

E um amigo meu diz que dinheiro pra comprar ingresso pro teatro ele ainda tem, ele não consegue pagar o estacionamento. Diz que fica mais barato levar os atores pra contracenar em casa ! (22/7/97)

Valendo-se do mesmo recurso, encontramos outros exemplos:

Tchau, macacada ! Vou pra terra do terremoto! Já mandei meu dentista botar obturação antiterremoto. (6/6/97)

O sucesso tem colocado a artista mexicana em evidência. A mídia tem abusado no sentido de mostrá-la, o que tem desgastado sua imagem e cansado o público em geral:

E adivinha quem tava nas telas ? Thalia ! A super mega ultra estrela merricana. (24/5/97)

Mas a hipérbole não é um recurso exclusivo dos textos literários. Observa Hênio Tavares (1966) que os latinos de natureza são hiperbólicos: expressões como “morrer de saudades”, “falar mil vezes”, “é a pior coisa do mundo” estão freqüentemente no nosso falar cotidiano.

Passando pela caricatura, que se alia ao maldizer, em que se citam nomes e põe-se intenção de maldade, temos em Simão:

E o Charles cancelou os compromissos. Que compromisso ? Campeonato de arremessar OB ? Concurso do maior orelhudo do United Kingdom? Quando ele ia pra Disney, era só pintar as orelhas de preto. (4/9/97)

O grotesco também figura nas crônicas de Simão. Referindo-se à situação social do país, num exemplo de mau gosto, temos:

*E diz que o FHC está conseguindo acabar com a miséria no Brasil.
Com a ajuda da PM. (23/5/97)*

Do mesmo modo, tendo a situação social em evidência, Simão se vale do trocadilho “sem-teto” e “sem teto” para construir o humor negro:

E diz que cada ponte que cai é mais 30 sem-teto sem teto. E aí a manchete: “Ponte dos remédios preocupa indigentes hipocondríacos !” (6/6/97)

Na polêmica entre a apresentadora de programa do SBT, Hebe Camargo e deputados, Simão se intromete e reproduz a discussão. Aqui, não foi preciso ir muito longe, pois tanto Hebe como o deputado ofereceram o material lingüístico chulo para crítica:

E a Lourebe Camargo disse que o símbolo de Brasília devia ser um rato. Pelos políticos. E aí um deputado do PTB revoltado rebateu pela CBM que o símbolo devia ser um rato com a cara do Pitta e a bunda da Hebe! (...) Já imaginou eu desfilando na Oscar Freire com o rato na coleira. Com a cara do Pitta e a bunda da Hebe? (6/6/97)

Quanto aos alogismos, também são freqüentemente focalizados nos textos de nossos autores. No exemplo abaixo, Emílio denuncia, num diálogo entre jornais e revistas, uma gafe que acaba por encerrar um alogismo:

A justiça começa por casa: é pensando assim que a Colmeia não deixa passar sem uma ferroada o telegrama d'A Imprensa da tarde, em que se anuncia a visita do Sr. Euclides Malta a Alagoas. Que o Sr. Rosa visitasse Pernambuco seria digno de um telegrama: mas o Sr. Euclides visitar a terra onde mora... (10/10/1911)

A confusão geográfica no próximo trecho representa mais um exemplo de alogismo:

Os nossos colegas do Fon-Fon fazem jus a uma leve ferroada que lhes não doa muito.
Em seu número de sábado, estampa o interessante semanário a fotografia de uma feira em Joazeiro do Crato (Paraíba do Norte...)
Antes que o Sr. Accioly proteste contra esse avanço nos seus domínios pedimos ao Fon-Fon que deixe a terra do padre Cícero lá mesmo no Ceará, evitando alguma futura complicação interestadual ... (11/12/1911)

José Simão, citando o programa do Faustão e TV Globo, serve-se de um alogismo ao reproduzir a fala de Tim Maia, em que o cantor justificava sua falta:

E o seu convidado Tim Maia, que não pode mais cantar na Globo porque faltou no programa do Faustão. 'Não é que eu faltei, eu não fui', disse ele! (10/7/97)

No próximo exemplo, o alogismo não está na fala, mas na sugestão de limitação da capacidade da mulher. Comentando um fato absurdo, Simão comparou:

Demorou mais que aquela mulher que passou 27 anos pra tirar a carteira de motorista. (7/3/97)

Em outro momento, Simão flagra uma entrevista no SBT em que a ignorância geográfica é exposta:

E adorei a pergunta da sem-terra naquele programa do SBT: "O que a Vera Fischer foi fazer em Porto Alegre?" E a mulher: "Participar do Festival de Gramado". (11/12/97)

Os caracteres cômicos, que se apresentam por meio de vícios e defeitos também estão presentes nas crônicas focalizadas. Em Emílio temos:

— *Conheces? É a mulher do Properoso: É uma santa...*
— *Já ouvi dizer: Por isso é que os amigos do marido a chamam Nossa Senhora. (3/11/1911)*

Aqui, a ironia ajuda a construir o sentido ambíguo das expressões "santa" e "Nossa Senhora".

Em um outro exemplo, encontramos:

O Sr. Pires Ferreira, o delegado que beijou a moça, foi elogiado pelo Sr. Belisário Távora, muito digno chefe de polícia.

— O Belisário é católico e católico apostólico romano. (26/2/1912)

Mais uma vez, a postura religiosa é vista com ironia, pois sugere, nos dois exemplos acima, a contradição entre teoria e prática.

Simão se apegava ao defeito de expressão lingüística, e com ajuda da hipérbole, constrói:

Como ninguém entende o que o Arraes fala, a negociação vai durar anos. Tem que ter legenda pro Arraes! (22/7/97)

O maior expoente dentro do sindicalismo brasileiro é Luís Inácio Lula da Silva, o Lula, que tem problemas de dicção. Mas depois dele, sobressaiu-se nesse campo o Vicentinho, que apresenta problema lingüístico da mesma ordem. Percebendo a semelhança, Simão não deixa por menos:

E eu quero saber se sindicalista fala tudo igual ou é o caminhão de som que tá com defeito! (26/7/97)

No exemplo abaixo, Simão vale-se de uma metáfora, não para criticar a expressão lingüística, mas o sentido esclerosado das frases:

E as frases feitas da Regina Duarte, vulgo Gralha das Oito: (...)(22/10/97)

Quanto ao jogador de futebol, denunciando novamente seu defeito de comportamento, que justifica o apelido de “animal”, diz:

Lá vem o Edmundo. Deu bolada na cara de um e coice no peito de outro. Ah, sei, então voltou ao seu estado normal? (16/12/97)

As semelhanças entre Emílio de Menezes e José Simão são flagrantes quando tratamos da comicidade. As críticas realizadas acusam a visão que ambos têm da sociedade e percebe-se que os dois autores selecionam os mesmos objetos como alvos de sua zombaria. Nesse “mundo às avessas” retratado por eles, o homem é sempre visto na sua fragilidade, no seu desnorreamento, suscetível a falhas. Assim, ora debocham de sua aparência, ora focalizam suas gafes, ora, ainda, apontam seus deslizes morais, vícios e defeitos.

5 – A CONSTRUÇÃO DA COMICIDADE E DA SÁTIRA

A culminação do humor nas crônicas de Emílio de Menezes e de José Simão encontra-se na operação lingüística.⁷

A coluna em que Emílio de Menezes escrevia diariamente, de julho de 1911 a início de março de 1912, no jornal *A Imprensa*, chamava-se “Colmeia”. O texto se constituía dentro de uma organização variada, com número irregular de linhas. Não há título nas crônicas, nem saudação, nem fechamento-despedida; apenas a assinatura “Zangão”, que nos remete ao nome da coluna e aponta para um dos atributos subjetivos da sátira. No texto, os chistes são divididos por asteriscos, que variam de um a nove por dia, como acontece no exemplo abaixo:

Alguns cidadãos do Estado do Rio pediram ao Supremo Tribunal “habeas corpus”, para serem considerados deputados. Mas, quem os impede de se considerarem deputados? Cada indivíduo tem direito às suas manias e devemos nos dar por felizes que tenham limitado as suas ambições.

*

Tal como a nova classe dos pedreiros de Campinas. O seu ofício é fazer paredes. Há dias porém, desavieram-se com os patrões e resolveram não trabalhar. Vão daí e fazem parede.

⁷ Começamos pela apresentação formal das crônicas, indicamos as seções nas quais se apresentam, o número de linhas, os assuntos que se destacam, enfim, as características particulares de cada autor. Em seguida, tentando descrever o sujeito, faremos uma descrição dos discursos e seus enunciadores; uma discussão em torno dos níveis da linguagem adotados por ambos, os procedimentos que os caracterizam e alguns recursos de que os dois se valem para conseguirem seu humor, como colagens de piadas, nonsense e processo de errata.

Se os pedreiros têm um grão de filosofia haviam de pensar consigo: Plus ça chang e plus c'est la même chose⁸

*

O sr. Amaro Cavalcanti asseverou ao Supremo Tribunal que "foi ministro da Justiça e fazia assim: lia a Constituição ao Presidente da República".

Deve ser por isso que o sr. Prudente de Moraes fez todas as brilhantinas conhecidas.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1317, 31 jul. 1911, p.1.

Os assuntos que se destacam em suas crônicas são política nacional e estrangeira, economia, sociedade, religião, esporte, feminismo, artes — literatura, música — correios, ciências, polícia, moral, costumes, referências históricas, personalidades, etnia, imprensa, linguagem, saúde.

Em 1987, 75 anos depois, José Simão inicia seu trabalho na *Folha de São Paulo*, escrevendo crônicas no caderno "Ilustrada", seção "Televisão", de terça a sábado. Seu texto apresenta uma estrutura fixa, com título, nome do cronista, identificação "da Equipe de Articulistas", e um número previsível de linhas que varia de 21 a 28. Há uma ilustração feita por computação gráfica. Um bordão inicial, com poucas variações, parodia a saudação sensacionalista de jornais de televisão e rádio que anunciavam, antigamente, os furos de reportagem com a expressão "Bomba! Bomba!" :

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Emergência!

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Urgente!

Buemba! Buemba! Ai, minha Santa Periquita do Bigode Loiro!

Macaquito Simão Urgente!

Levanta o pé que lá vem pizza! Buemba! Buemba! Mierda! Mierda!

Buemba! Buemba! Macaquito Tricolor Simão Urgente!

O bordão onomatopaico “*Rarará*” percorre todo o texto, marcando os chistes; entretanto, o leitor desavisado pode não entendê-lo, pois para reproduzir o som da risada, deveria escrever *rarrarra!* ou *ra-ra-ra!*

No final, os bordões seguintes marcam sua despedida:

Vai indo que eu não vou.

Nóis sofre mas nóis goza! E gostoso.

Hoje só amanhã.

Põe no mail. Que eu ponho no tail.

Vários assuntos também são identificados em suas crônicas: política nacional e internacional, religião, sociedade, esporte, moda, sexo, economia, artes — música, cinema, literatura, teatro, — saúde, beleza, feminismo, personalidades, costumes, polícia, imprensa, moral, etnia, ciências, referências históricas, sorteios, censura.

⁸ Houve gralha tipográfica na citação dessa frase que não parece ser intencional do colunista. A frase correta é: “Plus ça change c’est la même chose”.

Fechando o texto, numa referência ao mundo globalizado, expresso pelo avanço da tecnologia, vem seu endereço eletrônico:

E-mail: simão@uol.com.br

Seus textos podem caracterizar-se como dialéticos porque pressupõem outro discurso anterior ou posterior.

Segundo Benveniste, a linguagem é o lugar da constituição da subjetividade: *o sujeito é um eu que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade* (citado por Brandão, s.d., p.49), que rege fortemente o processo da enunciação. Entretanto, de acordo com outra abordagem, o sujeito é histórico; sua fala surge a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo. Aqui o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos dos outros; centrado no par eu-tu, o outro se torna parte integrante do sujeito. Partindo de uma consciência sócio-ideológica, vários fios dialógicos vivos participam ativamente do diálogo social.

Essa heterogeneidade discursiva, percebe-se, segundo Authier-Revuz, em algumas formas que denunciam a presença do outro: o discurso relatado, o discurso indireto, o discurso direto, o uso de aspas, o uso do itálico ou de uma entonação específica, um comentário ou uma glosa, um ajustamento ou remissão a um outro discurso. Segundo ele, *funcionam como marcas de uma atividade de controle-regulagem do processo de comunicação* (citado por Brandão, s.d., p.50). Há, ainda, um outro nível que não estabelece um limite definido entre a fala do locutor e a do outro — às vezes se misturam no interior do próprio texto — nível este identificado pelo uso

do discurso indireto-livre, da ironia, da antífrase, da alusão, da imitação e da reminiscência.

Pela própria natureza da crônica, que é retomar fatos ocorridos anteriormente, nos textos de Emílio de Menezes e de José Simão há sempre outros discursos, formando uma rede dialógica. Num constante diálogo com outros órgãos da imprensa, observamos em Emílio :

Um dos nossos colegas da tarde publica um artigo de fundo assim epigrafado: (...) (31/8/1911).

O mesmo acontece nos exemplos abaixo:

Diz a Gazeta que o Sr. Irineu Machado pretende, (...) (11/12/1911)

Os nossos colegas do Fon-Fon fazem jus a uma leve ferroadada que lhes não doa muito.

Em seu número de sábado, estampa o interessante semanário(...) (11/12/1911)

Diz um telegrama de Montevideú (...) (30/12/1911)

Exemplos também transbordam em José Simão, mostrando um diálogo com outros órgãos da imprensa:

E adoro aquela seção dos jornais: o que abre e o que fecha no feriado. (25/1/97)

SBesTeira Urgente! Trocaram o Gil pelo Pato Donald! (23/4/97)

*E o "Vitrine" fez uma reportagem sobre a mexicanização das telas.
(23/4/97)*

Essa prática predomina em Emílio de Menezes, que toma, geralmente, como objeto o ataque a notícias veiculadas em outros jornais concorrentes. Assim:

Anúncio de um jornal ontem: ... (3/7/1911)

Diário de Notícias afirma que... (25/7/1911)

Esta é do Comércio de São Paulo... (10/8/1911)

Simão e Emílio valem-se também do diálogo com o leitor, ainda que as marcas estruturais como travessão, dois pontos e mudança de linha não estejam presentes. Em Emílio, encontramos:

*mas, se os furos começam a ser assim, vocês vão ver se alguém
me leva as lampas! Não, que imaginação tenho eu! (25/7/1911)*

*O leitor dessa seção, o único (que, aqui entre nós, sou eu mesmo)
achará que, desta vez, o homem foi sucinto. (12/8/1911)*

*O ministro é pasteleiro. Se as massas viessem mais cedo, punha-as
à venda. Pois, meu caro senhor, aqui há muita gente que nunca
recusa massa... nem se dá por massado. (22/8/1911)*

E em Simão temos:

Ai que tédio! Rarará! E sabe o que eu fiz nesse Carnaval? Nada!
(14/2/97)

Aviso aos navegantes! Amanhã escrevo a coluna sobre São Paulo e Timão e depois parto para Los Angeles. (6/6/97)

Aqui quem vos fala é um sobrevivente dos parques da Flórida.
(8/7/97)

Nessa estrutura de diálogo, em que os enunciadores se dirigem ao seu receptor-leitor, nossos escritores constroem um texto com marcas de oralidade. Há, entretanto, vários enunciadores para quem Emílio e Simão dão voz em seus textos. Em Emílio temos:

Luís Guimarães conta-nos no seu excelente livro ... (03/7/1911)

O sr. Rodolfo Miranda afirmou, em telegrama ... (05/7/1911)

Esta é do comércio de São Paulo: ... (10/8/1911)

Os enunciadores que mais freqüentam as crônicas de Simão são: possíveis leitores, uma amiga, uma leitora, um amigo meu, além de a Lilian Wite Fibe, o Glauco, O Paulo Henrique Amorin, a Denise Fraga.

A linguagem utilizada pelos dois escritores baseia-se na oralidade, por isso enquadra-se no nível coloquial. Todavia, observa-se uma preocupação maior nos textos

de Emílio quanto à norma culta, que o leva a não se afastar do padrão formal de discurso, mesclado vez por outra, de coloquialismos, como observamos nas construções abaixo:

Não quer saber de garantia nenhuma: pede só que se lhe dê...um seringal. (12/7/1911)

O patrão saiu-se, ontem, dos seus cuidados e mandou-me passear, pouco satisfeito com o serviço que eu, com os olhos postos na síntese histórica e no sr. Teixeira Mendes, há mais de três meses lhe venho prestando. Eu, também, não estive com uma, nem duas. Peguei da pena e chimpei-lhe esse telegrama, de que mandei cópia ao Diário de Notícias: (...) (02/8/1911)

Já em José Simão, percebe-se o domínio da língua, mas, como parte do seu humor, constrói um discurso bordado de expressões de oralidade, como vemos nos exemplos abaixo:

O título tá errado. (19/2/97)

Num guento mais. (22/2/97)

O governo pagou 200 mil prum cartola do futebol (...) (17/5/97)

E mobilizando elementos do discurso oral, encontramos:



Nóis sofre mas nóis goza. (24/12/97)

em vez de “Nós sofremos, mas nós gozamos”. O que chamamos de barbarismo — a grafia errada do vocábulo — “nóis”, e solecismo — erro de concordância verbal — “nóis goza”, aqui não é considerado infração à norma culta pelo fato de o autor dominar esses conceitos e estar usando essas formas de maneira consciente. A criatividade não tem limites e se exerce em qualquer nível lingüístico:

Observemos que até as normas do sistema ortográfico, que devem ser uniformemente cumpridas por motivos de toda ordem, são desrespeitadas quando o autor sente uma necessidade interior, de caráter expressivo. (Monteiro, 1999, p.30/31)

O mesmo temos a seguir:

Há dez anos que eu acordo e meto o pau nos óme! (27/11/97)

Aqui a gíria construída numa linguagem chula “meto o pau” é concluída com um desvio de concordância “nos óme”. Há ainda o barbarismo na grafia da palavra “homem”.

Esse exemplo sugere crítica pesada sobre personalidades conhecidas, denunciando que enunciador e leitor, num jogo de cumplicidade, partilham conhecimentos.

No exemplo abaixo, a ausência de uniformidade de tratamento resulta em:

Vamos se acabar que o mundo acaba hoje! (29/8/97)

Na pergunta a seguir, por se tratar de advérbio interrogativo de causa, deveria vir grafado “por que”, mas Simão escreve:

*Porque o rodízio não muda para novembro, quando chove?”
(25/6/97)*

A paronomásia “Rei Eleito” ajuda a construir o humor neste exemplo em que a concordância verbal fica comprometida:

Mas aí o Rei Eleito FHC disse que as denúncias das fitacassetadas é uma onda. (17/5/97)

Até os punks amam ela. (...) e eu apelidei ela de (...) (4/9/97)

Não se pode afirmar que esses recursos constituem erros ou falta de domínio lingüístico por parte de José Simão. Trata-se da utilização do desvio buscando

expressividade só pode ser realizada por quem o conhece bem e o faz como uma possibilidade de escolha.

Não se preocupando com censura, a linguagem de Simão freqüentemente despenca para o chulo, valendo-se de expressões de baixo-calão, o que caracterizaria seu discurso, segundo a Retórica tradicional, como sendo de estilo baixo. Essa postura se justifica por vivermos num regime democrático em que há liberdade de expressão para os artistas e para o povo em geral.

Acabou o Carnaval! Chega de bunda e vamos encarar o Brasil de frente. (14/297)

A expressão “*chega de bunda*”, dentro deste contexto, confere um sentido pornográfico a “encarar o Brasil de frente”.

No exemplo abaixo, usa a palavra chula “xota”, para construir uma expressão em inglês, abusando do uso indevido de maiúsculas:

Dia Internacional da Mulher. O Xota's Day, Day, Dou e Darei! (8/3/97)

As expressões chulas continuam aparecendo em outros exemplos:

Uma amiga minha diz que se alguém for cumprimentá-la pelo Dia da Mulher ela vai dar porrada. (8/3/97)

... quando leu a manchete "O mundo acaba hoje" ela saiu dando pro prédio inteiro. (29/8/97)

Voltei. De miolo mole e pipa dura. Ainda! (22/10/97)

Os chavões, também chamados clichês ou estereótipos, provocam o esvaziamento de expressividade por constituírem expressões cristalizadas, por isso pouco comunicativas. Os dois autores, no entanto, conseguem utilizá-los de modo bastante expressivo, como elementos de manobras humorísticas. Flagramos estes nos textos de Emílio de Menezes:

Há gente muito bem-educada por este mundo de Cristo. (22/7/1911)

Prova evidente de que daquele mato saiu coelho. (31/8/1911)

(...) há muita gente que vive preocupada com os "negócios da China". (24/10/1911)

(..) é mais um que cai como um patinho! (5/2/1912)

Em Simão observamos:

Já imaginou se a moda pega na América Latina? (26/4/97)

O documento do Fujimori não é do Peru? (29/7/97)

A família real tá mais suja que pau de galinheiro! (04/9/97)

A mesma estereotipia é utilizada na mobilização de provérbios. Começando por Emílio, temos:

Mas para arrombar uma porta aberta, creia, não vale a pena cansar-se mais... (22/7/1911)

Não há nada como um dia atrás do outro. (25/7/1911)

Não é tanto assim: um olho na missa, outro no padre. (7/8/1911)

Dos males o menor. (24/9/1911)

Em José Simão, os provérbios:

O buraco é mais em cima. (08/3/97)

E se acordar cedo desse dinheiro, passarinho já tava milionário! (14/02/97)

Por outro lado, abusando da criatividade, os dois inovam com os neologismos. Em Emílio, “momorragia” (19/2/1912); temos *momo* indicando “carnaval” e o radical grego *-ragia*, que indica derramamento, abundância.

Em Simão, *"Pintocídio"* (25/1/97) temos a palavra chula *"pinto"* que, com o sufixo *"cídio"*, formam uma justaposição, remetendo-nos ao segundo caso de mutilação de pênis anunciado em poucos dias.

Importando do inglês *"ball"* = bola, denuncia a poluição das praias construindo *"bostabol"* (25/1/97), numa expressão aportuguesada.

Nas derivações por aglutinação, em que as palavras se unem mudando suas estruturas, temos *"Lourebe"* (14/8/97), *"Malupitta"* (14/8/97), *"novelha"*, *"Humortadela"* (9/5/97), *"clonaxé"* (6/3/97), e a partir da sigla SBT, com objetivo de depreciar a emissora, cria *"SBesTeira"* (23/4/97).

Emílio e Simão recorrem a outras línguas como meio de expressão. Em nossa cultura, esse procedimento é freqüente. Apesar de as gramáticas nos aconselharem a evitar o estrangeirismo, não podemos esquecer-nos de que não há língua pura; a própria língua portuguesa apresenta inúmeros radicais gregos, prefixos latinos e gregos e, se hoje a língua inglesa invade todos os setores, até há pouco tempo, a nossa língua era recheada de palavras de origem francesa, como *garçon* e *garage*.

Aqui, Emílio usa uma expressão em latim :

O que o homem queria dizer era o contrário: "seria mutatis mutandis", etc. (12/8/1911)

Também recorre à língua inglesa:

— *Minha mulher dedica-se agora ao foot-ball: no domingo último fez doze pontos no ground do Feminil Foot-Club. (3/11/1911)*

José Simão inicia sua crônica com palavras portuguesas pronunciadas à espanhola, o que caracteriza aproveitamento estilístico da forma popularmente denominada “*portunho*”:

Buemba! Buemba! Macaquito Simão... (25/1/97)

O inglês também percorre seus textos:

A corte do demônio é composta por: duas drag queens, dois go-go boys e uma pomba gira. (5/3/97)

Da língua francesa, Simão usa:

Bon jour. Ops, bons juro! (01/11/97)

E num deboche, parodia o modo de os imigrantes árabes se expressarem:

O brimo foi bra derinha. A convite de um xeque. (21/3/97)

No exemplo abaixo, critica o abuso de estrangeirismo, que marginaliza o leitor que não domina a linguagem da informática:

E deu no Humortadela da Internet que o Excell vai processar a Seven Up. (9/5/97)

Esse exemplo, explica bem o que Henri Bergson chama de comicidade profissional. Segundo o teórico, “o meio mais comum de levar uma profissão à comicidade é cantoná-la, por assim dizer, no interior da linguagem que lhe é própria” (1980, p.92), pois despertando o riso, reprime as tendências separatistas.

Na busca do humor, ambos se valem de colagens de piadas. Emílio reproduz estas:

Numa relojoaria:

Venho reclamar sobre o relógio que o senhor me vendeu.

— Que tem ele?

— Adianta meia hora em cada vinte minutos; parece até um relógio de gás! (10/10/1911)

e:

— Não foste à repartição?

— Não. O ponto era facultativo...

— Por quê?

— Pois não sabes que os médicos festejam de véspera o dia monástico da classe.

Amanhã é o dia de Finados. (21/11/1911)

E em Simão encontramos estas:

É que um yuppie bateu com a BMW no poste e saiu gritando: "Ai minha BMW! Ai minha BMW". E o guarda: "Como é que o senhor chora por uma BMW quando acaba de perder o braço?". "Ai meu Rolex! Ai meu Rolex!". (24/5/97)

e:

E diz que um macaco estava passeando na floresta quando viu o tigre comendo cocô de elefante. "Por que você tá fazendo isso?" "É que eu acabei de comer um economista de Brasília e só estou tirando o gosto." Limpando o paladar! (21/11/97)

Alguns exemplos ilustram o recurso de *nonsense* em Simão:

Tô com ressaca de não fazer nada! (14/2/97)

A Globo estreou uma reprise inédita. (19/2/97)

Eu acho que eu vou só pra avisar que eu não vou. (22/2/97)

Foram todos acusados de inocentes. (5/3/97)

Hoje só amanhã. (18/2/97)

Não é que eu faltei, eu não fui. (10/7/97)

Para dar ênfase a uma idéia, os dois escritores recorrem ao processo de errata. Emílio constrói :

Damos os parabéns `a reportagem do Correio da manhã, mas protestamos contra a concorrência desleal.

Ontem, deu ele notícia minuciosa da chegada do corpo do general Marciano de Guimarães, deu nome das pessoas que lhe velaram o cadáver, etc., etc., — coisas que hão de suceder amanhã se entrar hoje, de Santos, o rebocador que o conduz. (25/07/1911)

e:

Quem foi que disse que a Gazeta, há seis meses, assegurou que o jogo tinha terminado e que não havia necessidade de regulamento? — Mentira. A Gazeta sempre afirmou que os jogadores jogavam e hão de jogar (Ah! Belisário!). (24/ 9/1911)

e:

Discordamos do sr. diretor; a prática de desejar boas festas ao público, nada tem de indecorosa,(...) (10/12/1911)

De uma maneira distinta, mais direta e voltada para sua própria fala, em Simão temos:

E a pista, ops, a passarela: 26 metros! (20/2/97)

Erramos. Ops, Tony Erramos: diferentemente... (29/8/97)

E a equipe econômica? Ops, a Turma da Mônica! (31/10/97)

5.1 - FIGURAS RECORRENTES

No texto dos dois autores, abundam as figuras que encerram um potencial expressivo com carga humorística. As mais recorrentes em ambos são a ironia — que já figurou como pano de fundo em outro momento deste trabalho —, a antonomásia e o trocadilho. As hipérboles já foram citadas anteriormente.

Ao mostrar as contradições de nossa sociedade, eles se valem da ironia em termos sociais e políticos. Observe-se nos exemplos abaixo as expressões usadas ironicamente por Emílio:

Alguns cidadãos do Estado do Rio pediram ao Supremo Tribunal “habeas corpus” para serem considerados deputados. (...) Cada indivíduo tem direito às suas manias e devemos nos dar por felizes que tenham limitado as suas ambições. (31/7/1911)

A comicidade e a ironia, nesse exemplo, ocorrem por haver uma expressão deslocada do seu contexto; “habeas corpus” é usada juridicamente para designar um recurso que consiste em libertar um suspeito de um crime ainda não solucionado, para que ele aguarde a apuração dos fatos em liberdade, o que não faz sentido na situação descrita acima. Como está, apenas evidencia a ignorância dos políticos.

No mesmo tom, temos outros exemplos enfocando principalmente o mundo político:

Como se vê, é um bom projeto, feito com as melhores intenções, e é pena que ele fosse dirigido à Câmara, uma casa não excessivamente cheia de boas intenções. (24/9/1911)

O governo federal mandou cercar de todas as garantias os congressistas de Pernambuco, para que possam eles apurar livremente o pleito eleitoral de novembro. (11/12/1911)

Em José Simão, há ironia em:

Hoje São Paulo completa 443 anos com 889 obras incompletas. (25/1/97)

Outros exemplos de ironia são encontrados em sua crônicas; para dizer o quanto o time do São Paulo é ruim, declara:

E o campeonato paulista está tão bom que até o São Paulo NÃO está perdendo! (5/3/97)

Ao debochar de banqueiros, temos novamente o que Bergson chama de “comicidade profissional”, e é por meio da linguagem que a ironia se concretiza:



E olha o respeito! Banqueiro não depõe, "presta esclarecimento".
(8/3/97)

Agora, numa crítica ao aniquilamento da raça indígena no Brasil, sugerindo a hipocrisia social, temos:

Tristes Trópicos! Tem mais índio no sambódromo que na selva.
(25/4/97)

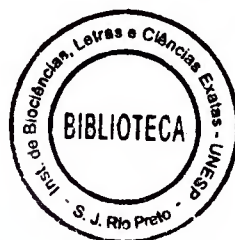
E focalizando a corrupção política:

E o leitor Zé Scafí, de Piracicaba, está escrevendo "O Lado Honesto da Política Brasileira". Já está na segunda e última página. (8/7/97)

Aproveitando-se da falta de originalidade da artista, Simão debocha:

E as frases feitas da Regina Duarte (...) "Você acredita em amor à primeira vista?" Querida, no Brasil até o amor é a prazo e em cheque pré. (22/10/97)

Outro recurso encontrado nos dois autores é a antonomásia, que consiste na substituição de um nome próprio por uma circunstância ou qualidade a que ele se refere intrinsecamente como epíteto. É o que encontramos nos exemplos abaixo de Emílio de Menezes:



E não é que o Leão do Norte voltou a ditar leis na política nacional!
(30/12/1911)

e:

Atribuem ao Euclides Malta, o “homem das habilidades”, uma frasezinha, que certamente irá para a história (...) (26/2/1912)

Em José Simão também encontramos algumas antonomásias:

E as frases feitas da Regina Duarte, vulgo Gralha das Oito: (...) de namoradinha do Brasil virou a Velhinha de Taubaté. (22/10/97)

e:

E fiquei assustado. Com a Turma da Repressão. Promotores e delegados. (19/11/97)

e:

E eu pago o triplo pra mandar a Turma do Primário Malfeito, a equipe econômica (...) (21/11/97)

Os trocadilhos, já bastante citados, freqüentam com abundância o texto dos dois. Emílio brinca com o som e o significado das palavras:

Acha-se em estudos na subdiretoria do expediente um concurso para carteiros.

Já se deixa ver que os escolhidos serão os que apresentarem melhores cartas. (2/11/11)

e:

— Grande coisa o avi-plano, dizia a um paciente Rocha Alazão: eu há muito tempo descobri o “plano-ave” (6/11/11)

e:

— É que a nossa política é de muitos “casos” e o povo é de muito “pouco-caso” pela dita. (4/12/11)

O mesmo acontece no discurso de José Simão:

E diz que São Paulo foi fundada há 443 anos. E afundada na última enchente! Aliás, afundada há dois meses. Com a posse do Pitta. Rarará! A única cidade onde abunda Pitta! (25/1/97)

Saiu a Marimar e entrou a Maripior. Tamo indo de Marimar a Maripior” (5/3/97)

Enquanto isso, a gente vive precatória. Mente! (21/3/97)

Hoje só amanhã! Vai ÍNDIO que eu não vou! (25/4/97)

E deputado pelado em sauna não é deputado. É de putada! (9/5/97)

Pior, levou uma claque de 3.000 goianos para a posse. Com que posses? (24/5/97)

e:

Nem precisa de frangogate! E desculpe os trocadilhos mas um leitor me disse que o Malupitta tá deixando a cidade em frangalhos e tá governando nas coxas. (14/8/97)

Como vemos, embora com algumas peculiaridades, o discurso de José Simão achega-se ao de Emílio de Menezes, pois as semelhanças existem e são flagrantes. Na lista dos conteúdos abordados, os assuntos são quase os mesmos. Os discursos de ambos são constituídos por várias vozes, refletindo um diálogo social; deste modo, dialogam com outros órgãos da imprensa, com leitores e dão voz a outros enunciadorees. Quanto à linguagem adotada, observa-se que Emílio zela mais por sua expressão — resultado do momento político vivido no país, em que havia coerção social — mas por apresentar em seus textos chavões, provérbios, trocadilhos e piadas, compõe um estilo mesclado. José Simão vale-se também desses recursos, mas vai além: comete desvios, usa gírias, palavras chulas, em nome da espontaneidade, do humor e do deboche, enquadrando seus textos no estilo baixo. Ambos utilizam línguas estrangeiras, demonstrando as influências sofridas em nossa cultura. As piadas, que acabam caracterizando uma invasão de outro discurso, também são freqüentes em ambos, assim como o processo de errata e algumas figuras, como ironia, antonomásia, hipérbole e trocadilho.

Já vimos que tanto Emílio como Simão têm os mesmos alvos para as suas sátiras, e agora vemos que ambos, para realizarem seus ataques, engendram os discursos da mesma forma. Baseados nos mesmos recursos, recorrem ao



estranhamento, que dá “choques” no leitor pela novidade que apresentam e o humor que inevitavelmente suscitam.



6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto Emílio de Menezes como José Simão produzem um discurso que, num primeiro momento, pode-nos fazer acreditar que buscam apenas suscitar humor e fazer graça. Porém, ao questionar pessoas e instituições, ambos constroem um discurso que carrega em seu interior a intenção de convencer ou persuadir o leitor, isto é, um discurso retórico. Os dois autores utilizam os três modos de persuadir — convencer, comover e agradar — que correspondem às três funções essenciais da Retórica — lógica, afetiva e estética.

Por conhecerem bem a natureza do gênero com que se expressam, os dois autores fazem escolhas e organizam o texto de maneira a determinar os rumos do discurso e seu grau de persuasão. O discurso persuasivo cria um espaço de coerções sociais que veicula ideologia. A análise desse discurso revela como os dois autores zombam das idéias dominantes impostas pelo “discurso competente”, que visa perpetuar a situação de desigualdade no meio social. Assim, sabendo que há um diálogo social engendrado por várias vozes, Emílio de Menezes e José Simão passam a fala para diversos enunciadores em seus textos.

A Retórica Antiga — que se preocupa em ensinar a escrever discursos persuasivos e a escrevê-los bem — prevê as etapas da organização de um discurso. Na primeira, que mais nos interessa, temos a invenção, que se caracteriza pela busca das provas que serão usadas para o exercício da persuasão. Tanto em Emílio de

Menezes como em José Simão, dentro das provas retóricas, encontramos as extrínsecas — como as citações — e as intrínsecas, que se dividem em lógicas e psicológicas. Dentro das psicológicas, ambos se valem das éticas e das patéticas; as primeiras, por se fixarem na imagem do autor para convencer; as outras, por persuadirem por meio das afetividades humanas, das paixões; no caso estudado, a paixão do riso.

O texto dos dois autores se caracteriza como sátira. Mesmo não sendo obrigatoriamente cômico, ele o é na maioria das vezes e encerra as características marcantes dessa forma literária, identificadas desde a sua origem nos versos satíricos da antiga Roma: um vocabulário não convencional, misturando a imaginação poética com o vigor coloquial, as freqüentes paródias de poetas sérios, as indecências deliberadas e a sentença de estrutura livre. Emílio de Menezes e José Simão escrevem ainda com a alegria e a aparente inconseqüência, o ritmo soluçante e as palavras indecorosas, dando nomes completos e zombando dos velhacos e tolos, como fez Lucilius, considerado por Horácio o verdadeiro iniciador da sátira.

Se, por outro lado, levarmos em conta o conceito de Northrop Frye, que considera duas características essenciais à sátira — o humor e o ataque (invectiva) — podemos continuar classificando-os como satíricos. Ambos são levados pelo impulso de censurar os crimes ou a insensatez, e assim contribuir para diminuí-los ou acabá-los, legitimando o que disse Dryden: *the true end of satire (...) is the amendment of vices by correction*. (Hight, 1962, p.241)



Os dois autores são levados pela preocupação estética, que, apesar de implicar muitas dificuldades, os estimula a criar o seu próprio estilo. Encontramos em ambos um vocabulário rico, um humor transbordante, combinado com um sério ponto de vista, uma imaginação vivaz, que está sempre à frente dos seus leitores; ambos fingem que estão improvisando e oferecem-nos a satisfação de entender o que está subentendido.

Diante da concepção de Highet, que divide os satíricos em dois grupos — um que gosta das pessoas, mas acredita que elas são cegas e tolas, e dizendo a verdade acredita estar curando-as de sua ignorância, e outro que detesta as pessoas, despreza-as, porque acredita que a malandragem triunfa neste mundo, por isso ele prefere ferir, punir e destruir — ambos escapam dessa dicotomia. Tanto Emílio de Menezes quanto José Simão fazem suas escolhas não só porque conhecem o material que nos oferece o sistema geral da língua como também porque conhecem o leitor para o qual eles se dirigem. Nos jogos de palavras inteligentes, nas piadas que revelam rapidez de raciocínio, nas figuras utilizadas que buscam conferir ao texto maior expressividade, está claro que ambos pressupõem um leitor atento, rápido e inteligente. E embora ambos acreditem que a maldade triunfa neste mundo, não há sentido destrutivo em suas “brincadeiras”.

Para construção dessa sátira, Emílio de Menezes e José Simão focalizam alvos de natureza semelhante, com algumas poucas diferenças justificadas pela distância cronológica existente entre ambos.



Portanto, a produção de Emílio de Menezes e de José Simão pode ser chamada de sátira, pois todas as características dessa forma literária se encontram nos textos de ambos. Mas, considerando a classificação de Idel Becker quanto às formas de humorismo, concluímos que ambos também fazem humor, pois em muitos momentos limitam-se apenas a fazer graça, sem que haja qualquer sentido moralizante.

Os dois apresentam um sujeito histórico, cuja fala surge a partir de um determinado tempo e um determinado espaço, ajudando, assim, a engendrar o diálogo social. Produzem um discurso que remete a outros, e para tanto, como já dissemos, requisitam outros enunciadores em seus textos: ora o leitor, ora outros órgãos de imprensa, ora os políticos, etc.

Quanto à linguagem utilizada, a dos dois se aproxima por estar ancorada na oralidade. Apesar de ser uma linguagem mais cuidada, por recorrer às piadas, aos trocadilhos, aos provérbios, Emílio acaba sendo ousado em relação ao próprio contexto da época. Os desvios, os chavões, os neologismos também estão presentes nos textos de ambos, assim como a hipérbole, a ironia, o estrangeirismo, a colagem de piadas, o “nonsense” e o processo de errata.

Finalmente, voltando a atenção para o seu meio de expressão, focalizamos agora o que escreveram como produto de um veículo de comunicação. Quando surgiu a imprensa no Brasil, só circulavam notícias; só no 2.º reinado é que se abriu espaço para as expressões artísticas e literárias; surge, então, por influência francesa, o folhetim. Entretanto, no início do século 20, atendendo ao gosto do público, os jornais passaram a publicar mais reportagens e entrevistas como meios mais diretos de informação. Por

esse motivo, o espaço cedido ao folhetim foi diminuído, e conseqüentemente o texto também, transformando-se em crônica. Nossos dois autores, pela cronologia, escreveram (Simão ainda escreve!) no período em que o folhetim já se tornara crônica, gênero que figura entre aqueles em que os autores usam um método direto de se dirigir ao leitor.

Entre ensaio formal — críticos, filosóficos, científicos, políticos, históricos — e o ensaio informal — escrito numa linguagem coloquial retratando o ambiente familiar, as lembranças, as experiências passadas, as recordações — é do último que nasce a crônica que temos hoje, escrita por Emílio de Menezes e José Simão.

Certo é que, por comentar sempre uma notícia que já fora dada, mas com suas reflexões e impressões pessoais, imprimindo seu estilo e expressando sua visão de mundo, a crônica caracteriza-se por unir a Literatura ao jornalismo.

Neste momento do trabalho, algumas questões inquietam-nos, pois, como afirma Massaud Moisés, *não é crítico quem não se coloca o problema dos gêneros*. (1973, p.35). Já concluímos que os dois autores escreveram sátira, mas sátira não é um gênero, é uma forma literária; fizeram humor, o que também não é gênero literário; o fato de ambos usarem figuras na busca de expressividade também nos deixa no meio do caminho, pois as figuras não são privilégio da linguagem literária; elas fazem parte da nossa linguagem rotineira e estão presentes também nas propagandas e na publicidade em geral. Ficamos com a afirmação de Afrânio Coutinho, para quem é tão característica

a intimidade do gênero com seu veículo natural que muitos críticos se recusam a ver na crônica, a despeito da voga de que desfruta,

algo durável e permanente, considerando-a uma arte menor.(...) De qualquer modo, aceite-se ou não a permanência da crônica, é certo que ela somente será considerada gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor” (1986, p.123).

É preciso, então, observar a novidade, o caráter individual, o estilo particular de cada autor e o frescor da sua expressividade. Como afirma Aguiar e Silva (1976):

A actividade do homem tende inexoravelmente para a habituação e para a rotina. Esta tendência reflecte-se na actividade lingüística do homem e por isso a linguagem coloquial, bem como outras formas de linguagem, se caracteriza por uma acentuada estereotipação. A linguagem literária, contrariamente, define-se pela rejeição intencional dos hábitos lingüísticos e pela exploração inabitual das virtualidades significativas de uma língua.

Na mesma direção, temos as considerações de Raúl H. Castagnino, para quem a Estilística é fundamental para o conhecimento da obra literária, pois *procura indagar essa parte estritamente individual, na expressão corrente, na linguagem comum familiar ou na criação literária(...) (1968, p.20).* A esse respeito, cita Bally, que separa do domínio estilístico a expressão literária, porque o *literato -(...) — faz da linguagem um uso voluntário e consciente. E sobretudo, emprega a linguagem com intenção estética; pretende criar beleza com as palavras(...) (Castagnino, 1968, p.20-21).*

Fernandes Pinheiro, nas *Apostilas de Retórica e Poética* — citado por Antônio Cândido no Prefácio da primeira edição da *Formação da literatura brasileira*- (...) — alertando-nos sobre a ilusão de procurarmos originalidade naquela obra, diz:

(...)os homens têm quase as mesmas idéias acerca dos objetos que estão ao alcance de todos, sôbre que versam habitualmente os discursos e escritos, constituindo a diferença na expressão, ou estilo, que apropria as coisas mais comuns, fortifica as mais fracas, e dá grandeza às mais simples. (p.11)

Para Marouzeau,

(...)a Estilística deve fundar-se na análise das diversas atitudes do ser humano (...) que podem ser intelectuais ou sentimentais — ou ao mesmo tempo intelectuais e sentimentais. Há quem magnifica tudo quanto olha; há quem, pelo contrário, apequena; há os que vêem a vida côr-de-rosa, e os que vêem tudo negro. Estas diferentes visões se expressam por procedimentos particulares, que constituem objeto próprio da Estilística(...). (citado por Castagnino, 1968, p.23)

A importância da originalidade na caracterização da obra literária está ligada ao seu extremo, que é o da tradição, pois

a criação literária perfaz-se no seio de uma tradição técnico-literária e histórico-cultural, cujos valores e cujas forças o escritor não pode

desconhecer, quer para aceitar, e revitalizar, quer para os negar, os contestar, os alterar mais ou menos substancialmente. (Aguiar e Silva, 1976, p.40)

A esse respeito, Massaud Moisés diz:

O homem se adapta melhor à vida quanto mais experiências acumular. Temos só uma vida e não é possível voltar atrás. Resta-lhe aproveitar a experiência alheia acumulada ao longo da evolução histórica da Humanidade. É exatamente por isso que se vai ao encontro dos depósitos de cultura e de civilização, representados pelos livros, museus, monumentos, etc. (1973, p.28)

Ao considerar a formação da continuidade literária, Antônio Cândido metaforiza-a numa espécie de transmissão da tocha entre corredores; o que é transmitido exige de nós uma postura de aceitar ou rejeitar. E conclui: *Sem essa tradição, não há literatura, como fenômeno de civilização. (s.d.,p.24).*

É importante rever os textos de Emílio de Menezes e de José Simão à luz desses conceitos. A produção de Emílio é mais variada; iniciou escrevendo seus poemas em jornais, publicou obras poéticas, foi reconhecido pelos críticos da época, e chegou a ser membro da Academia Brasileira de Letras. Mas, considerando aqui apenas suas crônicas jornalísticas, em comparação com José Simão, vemos que ambos substituem as expressões desbotadas por formas lingüísticas que quebram a rotina; ambos fazem um uso voluntário e consciente da linguagem, com estilo próprio. O fato de encontrarmos em José Simão semelhanças com Emílio de Menezes legitima a idéia

de que a criação literária baseia-se numa *tradição técnico-literária e histórico-social*. É interessante considerar o que disse Ezra Pound: *Literatura é novidade que permanece novidade* (1997, p.33), pois só assim o interesse do leitor não se esgotará diante da obra literária. Quanto ao gênero crônica, Emílio e Simão se valem do jornal apenas como veículo de expressão; seus textos superam o jornalismo porque ambos não se limitam a dar notícias.

Há, ainda, uma semelhança nos discursos que parece estar ligada à questão ideológica. Mesmo sendo Emílio cerceado pela censura de sua época, faz críticas e cita nomes em suas sátiras, numa linguagem que oscila entre a culta e a coloquial, e Simão, apesar de ser cidadão do regime democrático, vai mais longe: ultrapassa os limites do bom senso em seu maldizer, referindo-se abertamente a personalidades “sagradas” do nosso universo político, artístico, religioso, esportivo, numa linguagem chula, beirando, às vezes, o mau gosto, sem que ninguém se incomode com seu comportamento. Embora com alguma diferença de tom — Simão é mais contundente — ambos se expõem sem que ninguém lhes peça satisfações sobre o que escreveram. Será que se fossem outros escritores — não satíricos — suas “brincadeiras” não tomariam outras proporções? Essa situação remete-nos à Idade Média e ao personagem Bobo da Corte⁹, também chamado bufão, truão ou ainda fanfarrão. Adjunto aos príncipes e nobres, representava sempre algum papel cômico,

⁹ A origem da profissão é obscura, porém há referências a “bobos” na Grécia e em Roma, onde faziam parte da criadagem das casas ricas. Durante a Renascença muitos “bobos” ficaram famosos, dentre eles, Kunz von der Rosen, o leal e inteligente bufão de Maximiliano I. Durante o séc. XVIII a profissão entrou em decadência na Europa, embora florescesse na Rússia, onde muitas vezes os nobres eram rebaixados a essa funções. Os “bobos” tiveram lugar importante na literatura medieval e renascentista.

encarregado que era de fazer rir com gestos burlescos, gracejos e momices. Suas sátiras dirigiam-se seu próprio público, a nobreza, entretanto, por ser considerado “bobo”, divertia seus ouvintes, sem que suas críticas fossem levadas a sério. De certa forma, os dois autores, embora atacando a classe dominante, contam com a conivência de seus representantes que lhes garantem espaço em um veículo de comunicação de grande alcance.

Além disso, o jornal é escrito numa linguagem culta por se dirigir à elite escolarizada, e nele, José Simão mais uma vez goza de privilégio, como o de se expressar com liberdade total, pois escreve transgredindo as normas da gramática da língua portuguesa, e as normas previstas pelo próprio jornal, no seu Manual de Redação.

Por outro lado, lembremos Antônio Cândido, para quem a crônica é um “gênero menor”:

Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão.” (1992)

Consideremos ainda que, discordando de Propp, quando afirmou que o satírico é legitimado como aspecto superior, até dentro do próprio gênero parece haver uma hierarquia, pois a crônica lírica, escrita por alguns autores, goza de *status* maior em

comparação com a crônica satírica, vítima ainda de algum preconceito para com as formas de arte que despertam o riso. Neste sentido, talvez possamos justificar a impunidade das “brincadeiras” de Emílio de Menezes e de José Simão diante de sua liberdade inconseqüente; estes vale-se da vertente mais “pobre” de um gênero ainda marginal dentro dos estudos literários, no degrau mais próximo do “rés-do-chão”.

Independente dessa questão, entretanto, sabemos que o escritor, no seu fazer literário, passa-nos diversas experiências diferentes das que temos, enriquecendo nossa maneira de encarar a vida. Por esse caráter premonitório, Pound afirmou *que os artistas são as antenas da raça* (1997, p.13), pois vivenciando outras situações, ainda que trabalhadas com a imaginação, é possível descobrir, com antecedência, os caminhos que podemos seguir. Assim, nas reflexões diárias, Emílio e Simão propõem visões de mundo que, como arte, contribuem para o aperfeiçoamento do homem. O conteúdo da crônica de ambos é predominantemente satírico, e em alguns momentos, os dois autores fazem humor pelo simples prazer do ataque ou da graça. Ambos conseguiram imprimir um estilo próprio, alicerçado no domínio lingüístico, no caráter inusitado de suas piadas, o que fez com que encontrassem uma fórmula especial para construir uma forma de Literatura que seduz o leitor pela novidade e pelo efeito de espontaneidade com que apresenta, produto de grande talento e refinada técnica.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1. OBRAS DOS AUTORES

MENEZES, Emílio. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

SIMÃO, José. *Crônicas*. In: *Folha de S. Paulo*: edição 1997. São Paulo: Folha da Manhã, 1998. 1 CD-ROM.

7.2. OBRAS DE REFERÊNCIA

ABDALA, Benjamin Júnior; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1985.

ALMEIDA, Jane de. *Achados chistosos da psicanálise na escrita de José Simão*. São Paulo: Editora Escuta; EDUC, 1998.

AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, s.d.

BROCA, José Brito. *Vida literária do Brasil - 1900*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

CAMPOS, Roberto. A quarta globalização. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11, maio, 1997. Brasil, Lanterna na popa, p.4.

CANDIDO, Antônio Mello e Souza et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

---. *Formação da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Martins, s.d.



CASTAGNINO, Raúl H. *Análise literária*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

--- *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção primeiros passos, 13)

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1998.

COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. v.6, cap. 56-57.

DINES, Alberto, VOGT, Carlos, MELO, José Marquês de. (org.) *A imprensa em questão*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário básico da língua portuguesa* – Folha/Aurélio. São Paulo: Nova Fronteira, 1994-1995.

FIORIN, José L. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.



FROLDI, Albertina Silva, O'NEAL, Helen Frolidi. *Comunicação verbal: um guia prático para você falar em público*. São Paulo: Pioneira, 1998.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução por Péricles da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

HIGHET, Gilbert. *The anatomy of satire*. New Jersey: Princeton University Press, 1962.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LIBANIO, J. B. *Ideologia e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1995. (coleção Polêmica).

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 6.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Trad. Geraldo G. de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NOVO dicionário folha Webster's. São Paulo: *Folha da Manhã*, 1996.

NOVO dicionário Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, 1971.



NOVO manual da redação. São Paulo: Folha da Manhã, 1992.

PIGNATARI, Décio. *Comunicação poética*. 2. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

POLLARD, Arthur. *Satire*. London: John D. Jump, 1973.

ORLANDI, Eni Puccinelli., LAJOLO, Marisa, IANNI, Octavio. *Sociedade e linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Bernadini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

SODRÉ. Nélson Werneck. *História da literatura brasileira*. 7. ed. São Paulo: DIFEL, 1982.

TAVARES, Hênio. *Teoria da literatura*. 2. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares, 1966.



TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1971.



ANEXO A:

CRÔNICAS DE EMÍLIO DE MENEZES



Luiz Guimarães conta-nos no seu excelente livro sobre o Japão que, nesse país, as viúvas raramente casam-se de novo. Andam tão desprezadas que os oficiais japoneses, quando partiam para a guerra com a Rússia, divorciavam-se das mulheres, porque, nessa qualidade, elas encontrariam logo marido, o que lhes seria impossível, se fossem viúvas.

A coisa explica-se: rivalidade de opereta. O Japão, para manter a superioridade a *Geisha*, não admite de modo algum que vinguetas, em seu solo, *Viúvas Alegres*...

*

Dizem os jornais que a conferência entre os srs. ministros da Fazenda do Brasil e da Argentina versou sobre farinhas e foi muito cordial.

Já sei: enfarinharam-se mutuamente para enganar o tio Sam. Quem com tudo isso vai se ver enfarinhado é o sr. Da Gama. Apronta-te, telégrafo!

*

Encontrei ontem um comissário da Armada à porta da Escola Berlitz.

— Então, como vai?

O homem abre um livro e responde como pode:

— *Well. And you?*

Que é isso, filho?

E o homem furioso:

— Isso, isso é a missão inglesa que vocês estão arranjando! Estou eu nesses assados, sem adiantar nada! Bem me diz minha mulher, que papagaio velho não aprende a falar... inglês!

*

Anúncio de um jornal de ontem:

"Mme. F. mudou-se para a rua tal número tanto: ensina praticamente a língua francesa."

Não comento esse anúncio por medo da polícia do dr. Távora. Mas sempre direi que a escola agora não é na rua anunciada, nem na antiga: é ali na rua do Passeio. Se o dr. Távora quiser aprender a falar francês, a aula é depois das dez da noite. E muito freqüentada, sobretudo pelas... professoras.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1289, 3 jul. 1911, p. 1.

* Os textos a seguir foram transcritos da seção "Colmeia" do jornal *A Imprensa*, onde o autor mantinha periodicamente uma coluna literária.

"O sr. Da Gama partiu, ontem, dos Estados Unidos para a Europa, em gozo de licença."

Já? Apenas empossado e já de licença? O sr. Da Gama. então, não se entendeu com os brancos da América?

*

Discurso de fundo do *Estado* do sr. Barbosa Lima:

— "Os mais nobres estímulos morreram. Não há iniciativa que vingue. O egoísmo reina sem rivais... Há uma vaga expectativa feita de apreensões. Ninguém está tranqüilo..."

Uff! Que homem sinistro. É calamidade que te parto!...

E lembrar-se a gente de que tudo isso seria tão facilmente evitável, só com a eleição do sr. Rui Barbosa! O céu seria sempre azul; os mais nobres estímulos floresceriam como as rosas de maio; o altruísmo dominaria todos os corações e o *Estado* nem sequer teria aparecido para fazer esse papel de Jeremias...

*

O sr. Rodolfo Miranda afirmou, em telegrama ao sr. Pedro de Toledo, que o presidente da República não é como o imperador Tarquínio: não corta as cabeças das papoulas!

Sabemos que o sr. Pedro de Toledo teve um grande alívio ao saber disso.

*

O sr. almirante Belfort Vieira foi requisitado ao Ministério da Marinha pelo Ministério da Viação.

— Bem, pensei comigo, qual será a comissão do seu Ministério, que o sr. Seabra vai dar ao almirante Belfort?

— A comissão de comandar a esquadra que vai acompanhar o presidente à Bahia.

Então é o Ministério da Viação que dá aos almirantes a comissão de comando de esquadras!

Essa cá me fica!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1291, 5 jul. 1911, p. 1.

O sr. Giolitti, presidente do Conselho de Ministros na Itália, apresentou um projeto de lei social: punha exclusivamente nas mãos do Estado os seguros de vida e com os lucros deles ia fazer face a uma série de necessidades sociais. Pois teve de abrir mão do projeto. Por que o acharam mau? Por que o analisaram e o julgaram errado? Nada disso! Por mera politicagem. A discussão foi meramente política, isto é, aproveitaram a monção e quiseram derrotar o ministério... Parece que definitivamente as assembléias não sabem fazer outra coisa...

*

Temos, graças a Deus! um Instituto Poliartístico.
Agora, só nos fica faltando... a Arte.

*

O *Correio da Manhã* publicou ontem, na seção telegráfica, em letras garrafais: "Portugal continua em sossego."

Não há de ser por muito tempo, descanse: o Eugênio da Silveira não é homem para se conformar com isso.

*

A Comissão de Agricultura da Câmara propõe que se dê a garantia de juros de 5 por cento ao ano a quem se propuser a explorar a borracha do Amazonas. Eu sei de uma pessoa que faz isto muito mais barato. Não quer saber de garantia nenhuma: pede só que se lhe dê... um seringal.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1298, 12 jul. 1911, p. 1.

O nosso jovem e ardorosíssimo colega d'A *Noite* está-se a cansar, fazendo uma grande campanha para obter que se liberte a cidade dos quiosques. Espere um pouco. Olhe, em novembro acaba o prazo do contrato e no dia seguinte a sua campanha está vitoriosa. A *Noite* dirá como César: cheguei, vi e venci!

Mas para arrombar uma porta aberta, creia, não vale a pena cansar-se mais...

*

Deus me livre de querer implicar com A *Noite*; mas a verdade manda Deus que se diga. O homem da *Ordem do Dia da Notícia* comentou, anteontem, uma notícia que ela deu e fez-lhe o reclame dando a entender que em matéria de informação é ali que bate o ponto. Não digo que não; mas sempre hei de dizer que a tal notícia tinha cabelos brancos: A *Imprensa* publicara-a no dia 13 e por sinal que a publicara completa e certa, qualidades que ela perdeu na reedição.

*

A *Tribuna* e a *Folha do Dia* andam empenhadas em altas escavações históricas para demonstrarem que o sr. Rui Barbosa disse o que o *Diário de Notícias* disse que não disse. Ora, quem sabe o que ele disse é ele mesmo. Se ele disse que não disse, como querem vocês

afirmar que ele disse o que não disse? Quem disse? Mas se disse que não disse? Então? Ainda disse?

*

Acabou-se! Pobre do sr. Rio Branco! Tem jaça! O *Século* afirmou-o: está acabado, quer dizer, está jaçado. Que joça!

*

"Franz Schaden, quando preso, foi agredido por um companheiro de xadrez. Em legítima defesa, desferiu um golpe de faca contra seu agressor, mas a arma foi atingir a um terceiro, que se interpôs na luta.

O júri, por unanimidade, absolveu o réu."

Até aqui a notícia d'A *Noite*. A reportagem d'A *Imprensa* acrescenta que o júri resolveu mais que o golpe, desferido por engano, fosse considerado como não recebido.

*

Os jornalistas da comitiva presidencial, ora em Vitória, acham-se todos hospedados na Casa Mascote. Depois do belo passeio à Bahia, isentos dos *plantões* por uma semana, uma hospedagem tão protetora, já é ter muita sorte!

*

Epígrafe da nossa edição da tarde, ontem: QUEDA DE UM HOMEM. Caso grave, evidentemente; mas muito mais grave seria a queda de uma mulher, que, além do mais, pelo verso célebre, não podia ser insultada. Há gente muito bem-educada por este mundo de Cristo.

*

A saída do Municipal:

— Que tal a *Isabeau*?

—desabou!...

ZANGÃO

A *Imprensa*, Rio de Janeiro, n.º 1308, 22 jul, 1911, p. 1.

"O Estado deve apertar sua vigilância ainda muito frouxa e desconjuntada sobre a alimentação pública...

A habitação insalubre é outro fator direto ou indireto da tuberculização, a ser mais detidamente considerado entre nós...

Foi pelo combate encarniçado e constante a estas três grandes causas predisponentes da moléstia, que o governo inglês, auxiliado por particulares, já conseguiu o evidente recuo que, na Grã-Bretanha, está fazendo a tuberculose."

Sabem os senhores quem escreveu estes períodos? Dou-lhes uma, dou-lhes duas... Pois creio que foi o *Jornal do Commercio*, o próprio, o mesmíssimo *Jornal do Commercio*, edição da tarde, que outro dia sustentava, contra nós, as teorias opostas. Não há nada como um dia depois do outro...

*

O *Diário de Notícias* afirma que os "fósforos de duas cabeças são os do povo". Compreende-se: é uma alusão aos fósforos do Bittencourt da Silva, que votavam em duas seções.

*

Não há nada como a oposição!

O *Diário de Notícias* publicou, ontem, uma entrevista com um *soi-di-sant* oficial da marinha, sobre a viagem do marechal. O Oficial disse que só houve dissabores.

— Sim, hein! esfrega as mãos o *Diário*.

Conte-me isso.

— "Pois não. Logo de saída tivemos que enfrentar um mar terrível. O vento era extraordinário..."

Por força! Se o presidente fosse o sr. Rui é que vocês veriam, o que era um mar de rosas e um vento brando... Mas, com um presidente militar, que diabos queriam vocês que fizessem o mar e o vento?

*

Damos os parabéns à reportagem do *Correio da Manhã*, mas protestamos contra a concorrência desleal.

Ontem, deu ele notícia minuciosa da chegada do corpo do general Marciano de Magalhães, deu nomes das pessoas que lhe velaram o cadáver, etc., etc., — coisas que hão de suceder amanhã se entrar hoje, de Santos, o rebocador que o conduz.

É muito bonito como imprensa moderna: mas, se os *juros* começam a ser assim, vocês vão ver se alguém me leva as lampas! Não, que imaginação tenho eu!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1311, 25 jul. 1911, p. 1.

Alguns cidadãos do Estado do Rio pediram ao Supremo Tribunal "habeas corpus", para serem considerados deputados. Mas, quem os impede de se considerarem deputados? Cada indivíduo tem direito às suas manias e devemos nos dar por felizes que tenham limitado as suas ambições.

*

Tal como a nova classe dos pedreiros de Campinas. O seu ofício é fazer paredes. Há dias porém, desavieram-se com os patrões e resolveram não trabalhar. Vão daí e fazem parede.

Se os pedreiros têm um grão de filosofia haviam de pensar consigo: *Plus ça chang e plus c'ste la mêmè chose*.

*

O sr. Amaro Cavalcanti asseverou ao Supremo Tribunal que "foi ministro da Justiça e fazia assim: lia a Constituição ao Presidente da República".

Deve ser por isso que o sr. Prudente de Moraes fez todas as brilhantinas conhecidas.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1317, 31 jul. 1911, p. 1.

O patrão saiu-se, ontem, dos seus cuidados e mandou-me passear, pouco satisfeito com o serviço que eu, com os olhos postos na síntese histórica e no sr. Teixeira Mendes, há mais de três meses lhe venho prestando. Eu, também, não estive com uma, nem duas. Peguei da pena e chimpei-lhe esse telegrama, de que mandei cópia ao *Diário de Notícias*:

“Patrão — *A Imprensa* — O senhor sempre me saiu um canalha de marca maior! Não conhece a doutrina positivista, é um rabiscador de meia-tigela, venalíssimo, amoral, ordinário, peste, pulha e tem o desaforo de mandar-me bugiar, a mim que sou a integridade, a inteligência, a formosura, a moral, a física, a história, a estética em pessoa! Demita-se, já; senão tomo o bonde e vou meter-lhe o pau!”

A esta hora, o patrão está que não há água-de-flor que lhe baste. Aprenda! Não faltava mais nada, senão que numa República que eu ajudei a fundar, os chefes pudessem, impunemente, dispensar os serviços dos subalternos...

*

- Abaixo a Turquia!
- Espécie de Abdul Hamid!
- Catarina da Rússia!
- Tzar moscovita!

Que é isso? A quem é que estás insultando deste modo?

— Insultando?! Este país está perdido! Insultador, eu? Eu sou um pobre pregador aos peixinhos. Eu sou um homem franco, que diz blandiciosamente a verdade. E chamam-me insultador! Este país está perdido!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1319, 2 ago. 1911, p. 1.

O inspetor dos índios em Goiás mandou dizer à Diretoria do Serviço de Proteção que houve incursões de Índios Catetés em Triunfo, povoado de caucheiros, 50 léguas aquém do rio Fresco e que os caucheiros tinham ido buscar armas a Conceição do Araguay, para rechaçá-los. E termina ponderando que "não lhe sendo possível agora atender à situação dos infelizes Catetés, talvez já trucidados pelos caucheiros no seu regresso a Triunfo, o comunica, pedindo providências por intermédio da inspetoria do Pará."

"Infelizes Catetés", não é mal achada. Eles invadem as terras alheias, expõem os moradores e, quando estes procuram se defender...

Não lhes parece que estamos ficando sentimentais em excesso? Ai, rimas, a quanto obrigas, que fazes serem brancas as formigas!

*

Por falar em poesia. Um vate apresentou a sua candidatura à Academia Paulista de Letras. Concorria com outro bardo. Censuraram-no, porém, por ser apenas versificador, e que faz ele, para sustentar a sua candidatura? Em quinze dias, colige um livro de prosa e oferece aos malévolos críticos. O outro ficou atarantado. Como havia de demonstrar que também caminhava tanto em terra como no céu (o céu da poesia)? Reuniu em volume os juízos dos jornais sobre as suas obras poéticas e mandou-o ao cenáculo. Foi derrotado, evidentemente, mas, não há dúvida de que deu uma amostra da melhor graça acadêmica. Foi bastante prosa, como era preciso, embora não escrevesse uma linha.

*

— Mas, como será que o Piza virá mover essa guerra de morte ao barão?

— Fundando um jornal oposicionista, daqueles rubros como o outro que está indignado porque o barão não fez eleger o presidente da República que ele queria. Achas pouco?

— Qual! Por esse modelo, ele, quando muito, destroçará a língua portuguesa.

*

Queixam-se os norte-americanos de que as *demoiselles*, que concorrem com os homens nos empregos, pensam mais no casamento que no trabalho. Não é tanto assim: um olho na missa, outro no padre. E, se fosse refazer o *Amor por anexins*, eu acrescentaria: "Um pão por um olho (porque, realmente, são desculpas de mau pagador).

*

Houve, ontem, uma greve no pessoal da Praia do Peixe. Todos aqueles maganões querem, a viva força, entrar para a diplomacia.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1324, 7 ago. 1911. p. 1.



A edição da tarde, d'A *Imprensa*, contou-nos, ontem, que Santo Antônio, tenente-coronel do exército brasileiro, desde 1816, reclamara, por intermédio da delegacia fiscal no Estado da Bahia, o seu soldo, que não lhe é pago desde 1908. Realmente! Pelo tempo, Santo Antônio já devia ser, pelo menos, general, e o fato de o não ser, atesta as suas virtudes, aliás indiscutíveis, pois ser-lhe-ia fácil fazer em seu próprio interesse o que faz todos os dias pelas moças solteiras, que lhe dão um vintém, um único. Agora, porém, não há remédio. É preciso reformá-lo, compulsoriamente, do que se consolará porque, tendo mais de 35 anos de serviços, aposenta-se em excelentes condições, Viva Santo Antônio!

*

Talvez em homenagem ao aniversário da coroação de Pio X, o assunto religioso impõe-se. Onze romeiros que tinham ido ao Bom Jesus de Pirapora, não acharam onde acolher-se, porque os hotéis estavam cheios, e, dormindo ao relento, sob um frio siberiano, passaram desta para o que se costuma chamar de melhor, mas a que ninguém aspira. Foi pena. Porque, se não tivessem morrido, a vida

lhes decorria entre mil venturas sob o patrocínio do milagroso Bom Jesus do Pirapora.

*

E, a propósito, comenta o *Jornal do Commercio*, altíloquo e sublimado:

"Com esses romeiros fina-se também a generalizada presunção de que "no Brasil não se morre de frio". Talvez seja enterrada na mesma sepultura em que foi inumada a sua enganadora irmã: "— no Brasil não se morre de fome."

Quem dissesse isto, há um mês, ao mesmo *Jornal do Commercio*, da tarde, seria xingado de socialista.

*

"Os partidos, como os exércitos, não se honram só com os triunfos." Bravos! Venha de lá o exemplo desse exército que se honrou da derrota!

*

Esta é do *Comércio de São Paulo*:

"Por motivos de força maior, não será festejado este ano o dia de S. Bartolomeu (24 de agosto)..."

Que teria acontecido a S. Bartolomeu?

ZANGÃO

A *Imprensa*, Rio de Janeiro, n.º 1327, 10 ago. 1911, p. 1.

Em Belém há um jornal chamado *A Noite*. Em subtítulo lê-se *Órgão diário vespertino e independente*. Se em vez de "diário", tivesse dito "matutino", estava para todos os paladares, e muito na cor local da terra de onde nos vem a borracha.

*

O sr. Oliveira de Lima não é apenas um grande diplomata: é também um longo escritor. E, então, já se sabe, escreve coisas, coisas

248

que nunca mais se acabam. Não é por mal. É que não pode conter a eloquência. Ontem, no *Estado de São Paulo*, veio com esta:

"O Ministério das Relações Exteriores teria muito melhor empregado umas migalhas de sua dotação num serviço benéfico como o que ideou e realizou o sr. Schuler, do que em lucubrações de outra espécie."

O leitor dessa seção, o único (que, aqui entre nós, sou eu mesmo) achará que, desta vez, o homem foi sucinto. Puro engano. Nessas cinco linhas está todo um programa. Façam do sr. Oliveira Lima o ministro das relações exteriores e verão o que é diplomacia moderna.

*

A Câmara dos Comuns acaba de dar um grande passo para a democratização da Inglaterra: acabou com a função gratuita de deputado e votou para cada um o subsídio anual de 400 libras!

Ora, sempre quero ver quem é que agora ousa dizer que os 75 dos nossos são excessivos! Nada de cerimônias mais: venha de lá esse argumentozinho para a infeliz e desprotegida classe dos membros do Congresso...

*

"Seria *similia similibus* o que sucedeu com o sr. Cândido Rodrigues" — escreveu, ontem, o *Correio da Manhã*.

Ah! a traição do latinório... O que o homem queria dizer era o contrário: "seria *mutatis mutandis*, etc."

Enfim, como o latim afronta até *l'houmeteté*...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1329, 12 ago. 1911, p. 1.

Refere a Agência Americana:

“BUENOS AIRES, 21 — Devido à confusão de ordens e contra-ordens que se deu ontem sobre o fechamento das casas comerciais, um proprietário de confeitaria, sr. Barattucci, que foi obrigado a fechar a sua casa ao meio-dia, quando na véspera recebera autorização para a conservar aberta todo o dia, mandou ao ministro do Interior, sr. Indalécio Gomez, por ordem de quem a casa foi fechada, diversas qualidades de massa, ainda crua, acompanhadas de uma atenciosa carta em que pedia que as vendesse para não se perderem.

O sr. ministro, que compreendeu a crítica ao seu ato, devolveu as massas, agradecendo a lembrança e declarando não ter, àquela hora, onde vendê-las.”

O ministro é pasteleiro. Se as massas viessem mais cedo, punha-as à venda. Pois, meu caro senhor, aqui há muita gente que nunca recusa massa... nem se dá por massado.

*

A Inglaterra faz parede e a Alemanha procura aproveitar-se para fazer guerra, em vez de fazer outra parede — a da guerra. Duro com duro não faz bom muro.

ZANGÃO

.A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1339, 22 ago. 1911, p. 1.

257



Sancionado, anteontem, o aumento de vencimentos dos funcionários municipais, tomou a lei n.º 1.338 e deu o coelho, que corresponde ao tal final. Prova evidente de que daquele mato saiu coelho.

*

Muitos explicam as zangas do sr. Leite Ribeiro pela eterna contradição dos nomes. Não é raro encontrar-se um Leão manso, um Cordeiro indignado, um Branco preto, um Carneiro brabo. Brabos não sejam. Por isso, talvez um ribeiro de leite pode ser um homem terrível.

*

E a reforma da polícia? Que é que vocês querem que eu diga? Eu sou francamente partidário da reforma, com ou sem ele. Ele também é. Todos nós somos. Por que é então que ela está tão demorada? Era no que eu matutava, quando recebi a carta que aqui transcrevo:

"Sr. Zangão. Você sabe a causa da demora da decantada reforma da polícia? Disseram-me que é porque se cria o lugar de capelão, para rezar missa todos os domingos, no palácio da polícia, e como lá não existe capela, é preciso ainda, pedir verba para este fim. Todo seu Q. Rubim."

Se assim é, os candidatos desesperados devem se queixar ao arcebispo.

*

O *Século* discorda do aumento dos vencimentos do funcionalismo municipal. E acrescenta que se sente bem, pois essa melhora atinge a empregados d'O *Século*.

Empregados d'O *Século*, não senhor: a melhora atinge a empregados da municipalidade. Mas, não guarde tão em segredo a boa ação. Já sabemos que, para manter os princípios, vai correr, pela sua bolsinha, com essa diferençazinha de vencimentos relativa aos tais empregados.

*

O Ernesto Senna acaba de ser agraciado com o grau de oficial da Academia.

Com vistas ao *Jornal do Commercio*, para tomar nota, como mais uma das consequências da Academia d'A *Imprensa*.

*

Um dos nossos colegas da tarde publica um artigo de fundo, assim epígrafado: "Vamos lá, senador..."

O eminente pai da pátria deve ter respondido:

— Vá ele...

ZANGÃO

A *Imprensa*, Rio de Janeiro, n.º 1348. 31 ago. 1911, p. 1.

A pressa com que se fazem as folhas da tarde, dá resultados como este do *Jornal do Commercio*, de ontem:

“O sr. Ministro da Marinha chegou hoje a Angra dos Reis.

O sr. capitão-de-fragata Thedein Costa, comandante do cruzador “Barroso”, a cujo bordo se acha o sr. almirante Leão, ministro da da marinha, chegou hoje sem novidade a Angra dos Reis, tendo aquele oficial telegrafado nesse sentido às autoridades superiores da Armada.

Uma trapalhada que ninguém entende.

*

Há gente que complica a vida de uma maneira extraordinária. Leiam este telegrama de Londres:

“Diz o *Times* que, se o destino da expedição clandestinamente preparada fosse à Bahia e não a Bahia Blanca, a idéia de se atribuir aos navios aprisionados o intuito de restaurar a monarquia em Portugal seria mais provável!”

Se o destino da expedição é a Bahia, deve ser alguma idéia perigosa do sr. José Marcelino.

*

Comenta um colega da noite.

“— Um horror!

As notícias publicadas diariamente com a lista de criminosos presos pelos agentes dão a impressão de que o Rio de Janeiro está pleno de ladrões, de assassinos, de estelionatários, de estupradores, de toda a série de criminosos.

Todavia os roubos multiplicam-se e a situação de quem tem dinheiro é cada vez mais melindrosa e arriscada...”

Já é caiporismo! A polícia cheia de boas intenções, a prender uns e outros, e a gente que tem o que perder a ser roubada! Parece que não fazer nada ainda é o melhor que a polícia tem a fazer.

ZANGÃO
A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1349, 1 set. 1911, p. 1.



Das *Várias* da tarde (variando sempre):

"A *Ordem Social* é uma revista da qual, se não fosse o justo horror ao chavão, bem poderíamos dizer que veio preencher uma lacuna.

O seu título é o seu programa e logo se vê, por aí, quanto brilhava pela ausência uma revista dessa natureza em nosso meio infiltrado de *magazzinismo*.

Algumas tentativas têm sido feitas, mas todas foram anuladas pelo fracasso mais desanimador.

Parecia que uma leveza excessivamente despreocupada não permitia a aceitação de uma revista que, somente, se preocupasse com os problemas de alcance social."

Por que não? A leveza excessivamente despreocupada não tem impedido outros também preocupados com os problemas de alcance social de não brilharem pela ausência nem somente pelas sonoridades do órgão, que ainda não foi inaugurado. Talvez questão de idoneidade.

*

No mesmo ultrapopularíssimo, a notícia do alarma da polícia com a denúncia de greve iminente traz este título — "Esperando a parede". Erro de revisão. Leia-se "Escorando a parede". E, aproveitando a ocasião, onde se lê: "Diabo a quatro" (que é — título de uma modestia comprometedora), emende-se: "Diabo coxo". "A quatro" seria desaforo, se não fosse calúnia.

*

Elizabeth raptou Virgínia. Que grande pouca-vergonha!

— Mas, então, o Diabo alterou a *Colmeia*?

— E tu te espantas! Tal qual os preços nas concorrências do Conselho Municipal. Questão apenas de idoneidade.

Papai, filho de *Vovô* (isto é, o *Jornal do Commercio*, da tarde) saiu-se hoje com uma grande novidade: o recumo sucinto, conciso, rápido de tudo quanto há dois anos todas as revistas européias e os *magazines* americanos e os grandes diários brasileiros, bem como tudo quanto todos os jornalecos que se publicam por esse mundo de Deus, têm publicado sobre os *Doukhobors*.

Bravos! É um *furo* de arromba! É uma novidade épica! Portanto como estranhar a imensa, a copiosa, a alagadora circulação de *Papai*, que em matéria de novidades chega a encontrar o diabo a quatro?

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1358, 10 set. 1911, p. 1.



O grande órgão (não o que toca: aquele da perfeita idoneidade para os contratos sem concorrência pública), deu ontem a seguinte vária:

“Adquiriram propriedades:

Leonor Emília Aquino de Andrade, o prédio à rua Dr. Souza Naves, n.º 28, por 5.000\$000.

Antonio M. o prédio e terreno à rua Senhor dos Passos n.º 61, pela importância de 12.500\$000.”

Se “M.” está em lugar de alguma palavra inconveniente, era preferível deixar a notícia fazendo companhia ao cambalacho com a Assembléia Fluminense.

*

— Que me diz? ainda este ano descompunha o pessoal fluminense e já lhe foi solicitar contratos?

— Que quer você? Um órgão de enorme circulação! Faz quinhentas mil rotações por segundo! Agora está orientado num sentido, daqui a pouco noutro.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1359, 11 set. 1911, p. 1.

— Você viu o que diz o outro colega: que foi o venerando que levantou a candidatura e agora recebe telegramas enigmáticos da Bahia, pelo telégrafo sem fio?

— Nada de mais. Tal qual o caso do cheque do milhão.

— Também não digo que é demais. Pode até ser de menos.

— E agora mesmo tens o caso da Assembléia. É ilegal, é exploradora, é tudo, mas venha o contrato.

— E você a dar-lhe! Deixá-lo ser idôneo e rever-se enraivecido na sua obra .

*

— E o *ultimatum*!?

— Está por pouco, para o dia seguinte ao em que for publicado o contrato.

*

Parabéns ao sr. delegado que nos impingiu aquilo.

Automóveis foram feitos para rodar. Como admitir ficassem o dia inteiro estatelados na Avenida? E quem precisar de tomar algum tem uma saída fácil: tome um bonde e vá buscar o automóvel na garagem. Ou peça pelo telefone:

— Central.

— 56.731.

— 5, 6, 7, 3, 1?

— (Aí, talento!) Isso mesmo.

Pausa.

— Está em comunicação.

Nova pausa, mais longa.

— Central.

— 56.731.

— 5, 6, 7, 3, 1?

— Tal qual *mille*. (Que memória!)

Pausa

— Não respondem.

Se o ambicioso sujeito não tiver o automóvel dali a três horas, não desanime. Talvez no dia seguinte possa arranjar.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1364, 16 set. 1911, p. 1.

— E o órgão vai agora obter, sem concorrência, o contrato das publicações que a Imprensa Nacional não pode fazer? Ou vamos ter uma *fita* igual à oferecida ao Conselho Municipal, com dois preços, um para quando está só e outro quando vai acompanhado?

É impossível. Isto aqui não é a Assembléia Fluminense.

*

— E por falar em Assembléia Fluminense. Como é que ela derruba a Constituição, deixa a moralidade guardada em casa numa gaveta, e faz aquele presente ao circularíssimo?

— Puro patriotismo.

— Mas, então, é preciso levantar-lhe uma estátua.

*

— Sabe da novidade? O órgão vai reclamar a concorrência da Assembléia Fluminense.

— Quem te disse, homem?

Para demonstrar a sua idoneidade e porque não tem receio, à vista da sua enorme circulação.

— Que circulação, a da manhã ou a da tarde?

— Ambas são maiores uma do que a outra.

— E você acredita?

— Nem eu, nem você, nem a Assembléia, nem o velho Passos, nem o Backer, nem o Botelho. Todos o conhecem muito bem e sabem do que é capaz.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1365, 17 set. 1911, p. 1.

— Quem foi que disse a você que a *Gazeta* era contra a regulamentação do jogo?

— Eu li isso em março naquelas mesmas colunas, quando você dizia ao dr. chefe que não se iludisse, porque não conseguia nada...

— E o chefe embasbacava a *Gazeta* contando que aos quinze dias de campanha tinha feito mundos e fundos...

— É verdade. Porque pusera dois guardas civis em cada sede do clube, uma continuava a funcionar à vontade, no segundo andar, enquanto a polícia prestava plantão.

— Que gente esperta!

— A *Gazeta*, então, proclamou que o jogo estava acabado, morto e enterrado; não lhe restava nem a alma.

— Pois, agora leia o que opinou há vinte e quatro horas:

"Dos males o menor. O sr. Felisbello Freire, apresentou ontem à Câmara um projeto regulamentado o jogo. Não há dúvida que o projeto é bom. É de fato uma resolução para o problema, muito mais terrível que shakespeariano, pois não se trata de ser ou não ser, mas de uma existência renitente, como é o jogo.

.....

Como se vê, é um bmo projeto, feito com as melhores intenções, e é pena que ele fosse dirigido à Câmara, uma casa não excessivamente cheia de boas intenções."

— Quem foi que disse que a *Gazeta*, há seis meses, assegurou que o jogo tinha terminado e que não havia necessidade de regulamentação?

— Mentira. A *Gazeta* sempre afirmou que os jogadores jogavam e hão de jogar (Ah! Belisário!).

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro. n.º 1372. 24 set. 1911, p. 1.

Foi nomeado, como se previa, o sr. Heitor Modesto redator de debates da Câmara.

S. S. está disposto a não redigir, nem digerir os debates suscitados pela sua nomeação.

*

Refere o telégrafo que em uma pequena desordem, em Chang-Toung, na China, morreram dez mil pessoas.

Sim, senhor! o Celeste Império é uma terra extraordinária: até a morte, quando chega por lá, faz "negócios da China"!

*

Ainda a propósito da China; os celestes vão cortar os rabichos e vendê-los para com o produto da venda, comprar *dreadnoughts*.

Não será de admirar que em breve vejamos deliciosas criaturinhas carregando à cabeça bandos de chichis no valor de um *dreadnought* chinês: quanto ao tamanho já não causarão admiração.

*

Telegrama do Paraguai:

Está absolutamente confirmado que o governo deu ao coronel Jara uma forte soma para que abandonasse os seus projetos de revolução.

Bem nos estava parecendo que este Jara era homem de "peso": com ele é ali, no "duro".

O Jara vale ouro.

*

Numa relojoaria:

Venho reclamar sobre o relógio que o senhor me vendeu.

— Que tem ele?

— Adianta meia hora em cada vinte minutos; parece até um relógio de gás!

*

— Essa banda alemã também é da Light?

— Por que o perguntas?

— Pois não vês como eles cobram a injeção dos seus "injetores"?

*

A justiça começa por casa: é pensando assim que a *Colmeia* não deixa passar sem uma ferroadada o telegrama d'A *Imprensa* da tarde, em que se anuncia a visita do sr. Euclides Malta a Alagoas.

Que o sr. Rosa visitasse Pernambuco seria digno de um telegrama: mas o sr. Euclides visitar a terra onde mora...

*

Segundo um telegrama d'A *Noite* as forças realistas portuguesas passaram a fronteira brandindo garrafas de *champagne*.

Mas que idéia a dos restauradores! invadir o Porto a *champagne*! É a questão dos vinhos que recomeça.

ZANGÃO

A *Imprensa*, Rio de Janeiro, n.º 1388, 10 out. 1911, p. 1.

Não se realizou a profecia do Múcio; segundo nos comunica o Barão Ergente a restauração da monarquia em Portugal foi adiada por causa do mau tempo no Rio de Janeiro.

Realmente os tempos andam bicudos, por aqui.

*

O Mr. Fallières ofereceu ao Piza um serviço de chá. Por engano os jornais disseram que o serviço era de café; explica-se o engano; o serviço era pequeno para ser de chá e aí é que estava toda a ironia do presidente francês: o Piza nunca tomara chá em pequeno... serviço.

*

Em nota oficial, a um dos nossos vespertinos, o Ministério da Agricultura comunicou que no dia da inauguração da Exposição de Turismo pavilhões brasileiros se achavam prontos. Dada a especial significação que se costuma dar no *slang* carioca, à expressão "pronto", força concluir que o ministério tem razão: — os pavilhões não tinham nada para mostrar.

*

A China em revolta, pretende proclamar a República; agora é que se vai ver no Império do Meio o que é um negócio da China; e a China é que irá "nomeio" em tal negócio.

*

— Quando partes para Minas?

— Não sei bem; estou à espera do tal concurso de aviação d'A Noite.

— E que faz a noite?

— "Adia"... o concurso.

*

"A Rússia vai pedir à Turquia como compensação da sua neutralidade o direito exclusivo de passagem dos seus navios no Bósforo."

Há uma infinidade de leitores que, por simples preguiça mental, exige do mísero autor desta seção o trabalho de mostrar onde está a pilhéria da neutralidade e do pedido russo.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1392, 14 out. 1911, p. 1.

Diz um telegrama que a assembléia nacional chinesa esteve reunida durante 15 minutos e não tratou absolutamente da revolução.

Fizeram bem os parlamentares chins; não falta quem, no resto do mundo, perca o tempo em discutir os seus casos. Até entre nós, seus longínquos antípodas, há muita gente que vive preocupada com os "negócios da China".

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1402, 24 out. 1911, p. 2.



Um advogado, o dr. Hilário Freire, inventou um aparelho de aviação.

Estão bem aviados os autos...

*

Acha-se em estudos na subdiretoria do expediente um concurso para carteiros.

Já se deixa ver que os escolhidos serão os que apresentarem melhores cartas.

*

— Não foste à repartição?

— Não. O ponto era facultativo...

— Por quê?

— Pois não sabes que os médicos festejam de véspera o dia monástico da classe.

Amanhã é o dia de finados.

*

À comissão de tarifa da Alfândega foram enviadas, para dar parecer, as amostras dos tecidos fabricados pela São Paulo Alpercatas Company.

Este luxo de *alpercatas* junto do company é só para dar força à expressão e convencer ao governo de que o produto é nacional.

Aliás, como todas as outras indústrias.

*

Na reforma realizada no Instituto Nacional de Música não foi aproveitado o professor Cavalier, que em requerimento ao sr. ministro da justiça, pediu ser incluído na lista dos professores.

Estende-se ao Instituto de Música a desarmonia de todas as reformas; o sr. Cavalier, porém, surgiu tarde, com o seu protesto; foi mau *chevalier*.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1411, 2 nov. 1911, p. 1.



Ontem, à porta de um cemitério:

— Qual é a diferença que existe entre os sinos e a banda alemã?

— É que os sinos estão tocando a finados.

*

Diz a *Razon*, de Buenos Aires, que o Brasil precisará, nos anos próximos, de 400.000 toneladas de trigo argentino.

É possível que a razão esteja com a dita; tão grande peso de trigo, entretanto, não iguala à tonelagem de intriga com que seremos mimoseados em 1912 como nos anos passados e futuros.

*

O general chinês Jichong está tratando de expurgar o exército dos elementos maus.

Eis uma boa medida de elementar disciplina... chinesa.

*

— Conheces? É a mulher do Properoso: É uma santa...

— Já ouvi dizer: Por isso é que os amigos do marido a chamam Nossa Senhora.

*

Progressos do feminismo:

— Minha mulher dedica-se agora ao *foot-ball*: no domingo último fez doze pontos no *ground* do *Feminil Foot-Club*.

— Sim? meus cumprimentos.

— Qual cumprimentos, meu amigo: em compensação durante a semana inteira não faz um ponto sequer na minha roupa branca.

*

— Foste ver o chafariz das saracuras no Convento da Ajuda?

— Fui e peguei 2\$000 para ver a cera do Santíssimo.

— De forma que, para ver a saracura, pagaste cara e cera?

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1412, 3 nov. 1911, p. 1.

Ecos de Finados:

O Malagutti chega à Colombo com o seu modo rebelaiano e anuncia:

— Sabem? Vi-os panúrgios dos cemitérios.

— ...?...

— Os tratadores de carneiros.

*

Fala-se da pretidão do amor:

— Não era só Camões que se dava a este esporte: vocês vêem, em nossos tempos Baudelaire cantou a Vênus Hottentote, diz o Marcelo Gama.

— É verdade, interrompeu o Emílio, a Vênus que tem de *Bode l'air*.

*

Em Londres continuam em greve os *chauffeurs* de autotáxis.

Como consequência da parede, têm fechado diversos hospitais e grande número de médicos operadores resolveu emigrar.

Baixou consideravelmente o preço da arnica e pontos falsos.

*

Entre as concessões feitas pelo trono chinês aos seus súditos com o intuito de retardar o advento da República Celeste, figura este monstruoso absurdo: a faculdade do rabicho.

— Como, estão? já não serão obrigados os chins a se enraibicharem? e não entra logo pelos olhos que, sem rabicho, se desmorona o império do Meio?

*

— Grande coisa o avi-plano, dizia a um paciente Rocha Alazão: eu há muito tempo descobri o "plano-ave".

*

Para evitar um bolina, é tática dos chefes de família tomarem as extremidades das filas de cadeiras dos cinematógrafos e porem as senhoras no centro.

Vejam os senhores bolinas a que extremidades levaram os pais extremosos.

*

D. Sebastião Leme é o novo arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro.

Os cavalheiros da invicta Sebastianópolis estão muito satisfeitos com esse Sebastião ao "leme" da barca de S. Pedro em excursão pela Guanabara.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1415, 6 nov. 1911, p. 1.

A república chinesa tem despertado a atenção de todo o mundo.
— E não é só isto; a sua influência tem sido universal; já chegou até o Rio.

— Como assim?
— Pois não viste a derrubada dos quiosques?

*

Os dantistas em Pernambuco pintaram de pixe o quartel da Força Policial.

Como estamos longe dos tempos de Floriano! Ele mandaria pintar de verde e dar vivas à República.

*

Mma. Curie, heroína de um romance passionai que está fazendo escândalo no mundo científico, foi contemplada com o prêmio Nobel de química.

Parece-nos que o prêmio que lhe devia caber era o de mecânica realmente, a douta senhora acaba de fazer belos estudos experimentais de colaboração com o prof. Lougevin, sobre a lei de atração dos corpos.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1418, 9 nov. 1911, p. 1.

Em Alcaforges, diz um despacho de Lisboa, as mulheres armadas, em grande número, combateram contra o regimento de infantaria 21, manejando as armas com admirável perícia e precisão.

A professora Daltro, entusiasmada com o fato, vai mandar buscar em Alcaforges instrutoras para sua Linha de Tiro Feminino.

*

Entre homens de letras.

— Sou absolutamente pela admissão do sexo gentil na Academia de Letras.

— Tens algum motivo bastante forte?

Tenho um fortíssimo; as mulheres em geral muito antes dos acadêmicos, já haviam adotado a falta de ortografia na linguagem escrita.

*

Constou ter havido um caso suspeito de cólera: a bordo do vapor "Brasile".

Magnífica ocasião para a prensa de Buenos Aires declarar infeccionados os portos brasileiros, em vista da igualdade dos nomes.

*

— Hoje, mais do que nunca, o governo da Turquia tem o direito de intitular-se Porta.

— Por quê?

— Porque é "com batente".

*

Os chineses estão dispostos a transformar o celeste império em República Celeste.

Com a invasão das idéias ocidentais, os chineses perderão o "ra-bicho" que tinham pelo imperador e estão dispostos a proclamar presidente da República um Chin-Chan-Fó qualquer.

Segundo dizia-nos ontem um monarquista *enragé*, com os maus exemplos do ocidente, os orientais estão desorientados.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1393, 15 nov. 1911, p. 1.

Ao dr. Abdon Milanez foi mandado para pagar 700\$, ouro, pela propaganda, no estrangeiro, do cará nacional.

Não é pilhéria. O aviso veio do *Diário Oficial* de 3 do corrente, sob o n.º 3.142.

Senhores da Propaganda! Mais uma sílaba no cará e toca a trabalhar; propague-se o *cará*. . . *ter* brasileiro!

*

A propósito da nova lei sobre os vendedores de jornais:

O pirralho de 14 anos apresenta-se na agência da Prefeitura a tirar a sua licença:

- Sabe ler? indagam-lhe.
- Não, senhor.
- Então, não pode vender jornais.
- Mas, seu *doutô*, os fregueses sabem. . .

*

Filosofia moderna.

— O homem prático deve tratar de conseguir o máximo com o esforço mínimo. . . Olha, eu ando sem dinheiro e. . .

— Basta, já despendeste vinte palavras; toma lá cinco tostões; é o máximo.

*

Os painéis da Candelária estão ficando estragados. Não será oportuno que o governo abra uma nova conta corrente com os arcebispos, para indenizá-los dos males que a humidade causou aos frescos da Candelária?

*

Entre literatos:

- Estou escrevendo um romance.
- Que gênero?
- Passional; contém episódios de fazer chorar o leitor de coração mais duro; tanto assim ue já contratei com o editor vender, com cada exemplar um lenço, entre as páginas. . .

*

Chegou um cruzador alemão a Chefú conforme anunciam de Tsing-Tong. A banda alemã do cruzador vai pôr em música de Wagner as notas dispersas do *tsing-tong, chefú, tara-ra-chim*, do hino nacional republicano chinês.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1433, 24 nov. 1911, p. 1.

1

O chefe de polícia proibiu a exibição de fitas relativas a um funeral ultimamente havido.

Fez bem o sr. Belizário; com a Morte não se faz *fita*!

*

Em Pernambuco, um garoto que fez uma proeza à Gavroche foi batizado pelos companheiros com o nome de "Chico Cândido"

O almirante José Carlos está aí, está sendo nomeado interventor.

*

... e o José Mariano, o Milet, o José Bezerra, o Simões Barbosa, o Lucena, por que não vão a Pernambuco?

— Estão esperando que o Rosa se resolva a partir, com o Faria Neves a tiracolo...

*

Anunciando uma "serata" musical, em honra ao Liszt, diz o *Jornal* da tarde, que é deveras contristador o desinteresse do público pelo interesse dos empresários.

Mais adiante diz o mesmo *Jornal*: "dada essa harmonia de sentimentos, etc., etc., quem não percebe que este festival se vai tornar memorável em nossa crônica artística?"

Quem? Nós. — Não percebemos como se possa tornar memorável uma festa em que a única coisa interessante, na opinião do *Jornal*, é o desinteresse do público.

Ou será memorável... por isso mesmo?

*

Uma outra emenda do sr. Defreitas, manda reduzir a 20 réis o imposto sobre o arame.

Esta sim, dizia um pronto; o *aramé* é gênero de primeira necessidade; deve estar ao alcance de todas as bolsas.

*

Depois de um lauto jantar, diz o apatacado burguês ao seu convidado: agora vamos fazer as nossas 1.000 gramas?

— Quê? exercício de halteres?

— Não senhor; vamos fazer o *Kilo*...

*

Querem acabar com o último quiosque existente no Rio: um que se acha plantado na Copacabana.

É uma injustiça; se por aquelas bandas não admitem quiosques também não se devem consentir "pagodes". Acabe-se com a Mère Louise.

*

Em uma roda de críticos de teatro:

— Por que o André Brun não faz uma conferência sobre a revolução?

— Revolução? Não é o "forte do Brun".

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1438, 29 nov. 1911, p. 1.



No Recife, foi ferido um estudante com estilhaços de uma bomba. Isto em fim de ano, em vésperas de exame, é lamentável, mas é natural.

*

Os conspiradores Conceiros, diz um telegrama de Lisboa, pretenderam levantar em Paris um empréstimo de cinquenta milhões, garantidas por algumas cabeças coroadas.

Nem havia melhor garantia para arranjar alguns milhões de "sobe-ranos", muito necessários, aliás, para a cerca de "arame" que os realistas querem construir na fronteira.

*

Os Justiniano de Serpa apresentou à Câmara um projeto mandando erigir um monumento da Justiça na Suíça... O Justiniano faz questão de naturalizar a Justiça cidadã Suíça; é assim como quem diz que ela não funciona sem dinheiro. *Pas d'argent*...

*

— Que idéia essa do Justiniano erigir uma estátua à Justiça Suíça?

— Isso me cheira a propaganda do café na Europa!

— ?!

— A Justiça tem uma "venda".

*

— A idéia do Justiniano Serpa...

— Que queres? o homem é todo Suíça: tem "Berne" na cabeça...

*

Redigindo o discurso que o sr. Esmeraldino Bandeira pronunciou ontem, na Câmara, o Goulart de Andrade pensou em arranjar um trocadilho entre o Augusto Comte, os acontecimentos do Recife e o Esmeraldino.

Mas não arranjou a frase em que devia fazer a seguinte citação, atribuível ao orador:

"... segundo A. Comte, cimento armado..."

Como o acontecimento armado é o primeiro o *calembour* só vale pela intenção.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1439, 30 nov. 1911, p. 1.

Diz um telegrama do Chile que a polícia proibiu o jogo das serpentinhas.

Ora, vejam só essa! aqui, entre nós, são as "serpentes" da polícia que proíbem o jogo...

*

Por que é que o Rosa encarregou ao Aníbal Freire de dar o primeiro combate na Câmara?

— Homem, pois não vê logo que se tratava de uma luta contra o conquistador das Gálias? Contra um César só mesmo um Aníbal.

*

A polícia paraense promete tomar novos e interessantes aspectos. O caso de uma certa excursão a Paquetá, tem dado muitas esperanças aos lemistas e muitos aborrecimentos aos lauristas.

Dar-se-á que a pedra da Moreninha se vá tornar em pedra no sapato dos antioligárquicos?

*

— Então, doutor, não quer comprar o automóvel?

— Não, agora é impossível; estou atravessando uma crise política...

— ?

— Estou com o meu orçamento obstruído...

*

— Qual a diferença que existe entre a nossa política e o nosso povo?

— É que a nossa política é de muitos "casos" e o povo é de muito "pouco-caso" pela dita.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1443, 4 dez. 1911, p. 1.

Aos Pequenos Écos, da *Notícia*:

"Foi hoje rezada na igreja de * uma missa em ação de graças pelo restabelecimento de *mlle*,* etc., que há dias foi vítima de sério desastre que a prostrou no leito; o ato teve numerosa assistência de pessoas amigas".

É realmente de admirar que as pessoas amigas, que assistiram ao desastre, não o tivessem evitado a tempo.

Ou então o noticiarista é que foi desastrado.

*

— Já sei por que motivo está havendo revolução no Paraguai.

— Por quê?

— É que o micróbio da bernarda encontrou meio propício e se está desenvolvendo prodigiosamente.

Também íamos mandar para lá o monitor *Pernambuco*!

*

O diretor dos Correios ameaçou de demissão, por circular, os carteiros que se pregarem à prática humilhante e indecorosa de desejar boas festas ao público.

Discordamos do sr. diretor; a prática de desejar boas festas ao público nada tem de indecorosa, ao nosso ver: o que é feio é tudo o mais que o diretor diz, é o fato de os carteiros desejarem dinheiro em troca dos seus bons desejos...

*

O Conselho de Ministros da França fez aplicar uma severa pena a um funcionário, por ter solicitado aumento de vencimentos.

Imagem se a moda pega entre nós! Estava o Felisbello Freire arranjado!

*

Repetem-se as queixas contra a demora dos telegramas.

Pois senhores, não há nada que a justifique: há muito tempo que o coronel Rondon não telegrafia... Não há, portanto, excesso de serviço.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1449, 10 dez. 1911, p. 1.

Diz a *Gazeta* que o sr. Irineu Machado pretende, com a emenda que apresentou na Câmara, matar a indústria nacional do sal.

Não cremos: não há deputado que maior gasto faça de sal nos seus discursos; e se, às vezes, o sal é ático, de outras é sal grosso de Mossoró. O governo que o diga.

Não chegaram os aviadores americanos esperados no *Vasari*, conforme todos os jornais foram os primeiros a anunciar. A barriga geral encheu de satisfação o sr. Jouvin, que assim se vingou da troca que lhe fizeram sobre o caso do *Santa Catarina*, no Paraguai.

Parece que a pedido do diretor do *Diário*, os aeronautas resolveram vir por ar.

O governo federal mandou cercar de todas as garantias os congressistas de Pernambuco, para que possam eles apurar livremente o pleito eleitoral de novembro.

O general Carlos Pinto vai providenciar para que sejam eles cercados na Paraíba e Rio Grande do Norte, para onde muitos se retiraram precipitadamente.

Temos aqui sobre a mesa um sapatinho de verniz n.º 21; o minúsculo proprietário deixou-o cair à porta de nossa redação, talvez para que nele depositássemos um dos três mil brinquedos que Papai Noel nos mandou para distribuírmos pelas crianças. Apressamo-nos em declarar que para obtenção do brinquedo não há necessidade do sapatinho; ele aqui fica à disposição do petiz que o deixou cair.

Os nossos colegas do *Fon-fon* fazem jus a uma leve ferroada que lhes não doa muito.

Em seu número de sábado, estampa o interessante semanário a fotografia de uma feira em *Joazeiro do Crato* (Paraíba do Norte...)

Antes que o sr. Accioly proteste contra esse avanço nos seus domínios, pedimos ao *Fon-fon* que deixe a terra do padre Cícero lá mesmo no Ceará, evitando alguma futura complicação interestadual...

Por falta de comparecimento não houve anteontem, sessão noturna na Câmara.

Bonito! Agora é a maioria que está obstruindo!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1450, 11 dez. 1911, p. 1.



- Diz um telegrama de Pernambuco...
- Diz, não; reza...
- É a mesma coisa.
- Não, senhor; pois não sabes que o atual governador é padre?

*

Anuncia-se para hoje a proclamação da república chinesa, em Nankin.

O dr. Sun Yat Sem assinará o seu manifesto na dita cidade, o que será uma maneira simbólica de mostrar que a República na China é preto no branco ou melhor, no amarelo.

*

É do *Jornal* da tarde, noticiando um crime, este pedacinho de ouro: "a vítima ficou com o corpo cortado ao meio e muito maltratado".

É realmente de lamentar que, depois de semelhante estrago, não tivesse ficado o corpo bem tratado...

*

De um telegrama de Recife:

"O deputado sr. Arthur Muniz fez um discurso declarando ter votado no nome do sr. dr. Rosa e Silva, tendo fiscalizado a sua eleição. Por isso, estava convencido de ter correspondido à sua confiança. Agora, venha desempenhar o mandato que lhe fora outorgado pelo povo, reconhecendo o general Dantas Barreto, que é o verdadeiro candidato popular."

Sim, senhor; Isto é que se chama ligeireza na mudança da casaca! Assim nem o Fregoli!

*

No foro:

— Então o sr. escrivão, estes autos ... estão muito demorados; não podia apressá-los um pouco?

— Quê! os autos? pois o senhor não sabe que organizaram o *trust* da gasolina?

*

Entre "paus-d'água":

— Que me dizes desse projeto do Defreitas contra o álcool?

— Pois não vês logo? o que ele quer é fornecer para o país inteiro as sobras das águas que inundaram o Paraná para serem aproveitadas como bebida...

ZANGÃO

A *Imprensa*, Rio de Janeiro, n.º 1455, 16 dez. 1911, p. 1.

Diz um telegrama de Montevideu ter enalhado em San Rafael a draga "Lauro Muller".

Ontem mesmo, porém, o tenente coronel Lauro Muller foi graduado ao posto de coronel de engenheiros.

S. ex. não enalhou. Antes, pelo contrário.

*

Ameaça-nos uma formidável crise política, dizem os jornais espavoridos; o almirante José Carlos chegava, ontem, a adiantar numa roda de amigos que a marinha ia pronunciar-se.

A *Colmeia* está, porém, autorizada a declarar que não há nada; o Brasil continua a ser o país onde todos mandam, ninguém obedece e por isto mesmo, vive e viverá excelentemente bem. Ainda bem.

*

— É verdade que o Rego saiu da chapa?

— Diz ele que a chapa é que saiu do *regio*.

*

A política do Rio Grande do Sul está tomando novos aspectos; o general Mena Barreto declara que não será candidato partidário... e só aceitará a presidência se esta lhe for imposta pelo POVO, em versal.

Tal qual o homônimo Dantas em Pernambuco...

E não é que o Leão do Norte voltou a ditar leis na política nacional!

*

Entre gaúchos:

— Como vai a política dos pampas?

— Afetada do sinal "Menas".

*

— Que pensará o Barão de todas estas complicações políticas dos Estados desunidos do Brasil?

— S. ex.^a pensa... na política paraguaia.

*

Do inquérito sobre a reforma judiciária, aberto pelo *Jornal do Commercio* edição civilista, opina o dr. Rodrigo Octavio que se deve conservar o Júri, embora ache que ele está decadente.

"Dê cá dente"? Mas se foi coisa que ele nunca pediu? "Dente" para morder é o que não falta no Júri.

*

Mais um quadro célebre roubado!

Seria uma sorte célebre que chegasse a vez de roubarem os quadros ou as estátuas do Bernadelli...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1469, 30 dez. 1911, p. 1.

Com a notícia de que o sr. Álvaro de Teffé ia ocupar a chefia da polícia, os guardas civis mostraram-se satisfeitos: — “Agora, disse um deles, é que nós podemos ter belas maneiras diplomáticas”.

Os *chauffeurs* é que ficaram indignados: — Qual; agora não se *piza* mais ninguém, diziam eles.

*

— Por que é que se chama de ano bom o ano que se começa?

— Porque se tem a impressão de que ele não poderá ser igual ao que se acabou.

*

Algumas das principais profecias do Múcio, que serão brevemente publicadas no *Almanaque do Barão Ergonte* a sair à luz:

— O ano de 1912 terá 365 dias, repartidos em quatro trimestres de três meses cada um.

— Haverá neste ano diversos fatos de grande importância, outros de importância menor; a maior parte não valerá nada.

— O ano será fértil em desastres de automóveis e descarrilamentos na Central.

— Morrerá neste ano um cidadão de avançada idade, muito estimado por seus amigos e a quem todos os seus netos chamam de vovô, exceto um, que ainda não sabe falar.

— Haverá diversas reclamações sobre a falta d'água e sobre o aumento das contas do gás.

— Os telegramas da Europa referir-se-ão amiudadas vezes à questão do Oriente e à polícia imperialista da Alemanha.

— Morrerão na Europa três pessoas importantes que estiveram vivas durante este ano inteiro.

— Fará intenso frio na ilha de Spitzberg e o calor no Sahara será insuportável no verão.

— O Brasil continuará à beira de um abismo.

— Haverá diversas reformas em diversas repartições de diversos ministérios.

— O ano terminará impreterivelmente a 31 de dezembro.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1471, 1 jan. 1912, p. 1.



De um telegrama de Fortaleza para *A Noite*, de ontem: tavam intransitáveis, como é que havia seqüência dos contínuos tiroteios travados entre a polícia e os transeuntes?

O diabo que entenda isto; se as ruas estavam intransitáveis como é que havia transeuntes?

— Sabes que há de novo sobre a revolução do Paraguai?

— Oh, filho! pois se eu não tenho tempo de saber o que há sobre as nossas!

*

No Ceará o povo tomou diversas repartições públicas, às quais está montando guarda.

É o primeiro caso de governo do povo pelo povo que conhecemos. O Ceará acaba proclamando a República.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1483, 24 jan. 1912, p. 1.

Telegrama da Argentina noticia que a Junta Comercial "protestou" contra a proibição do *meeting* contra o serviço das estradas de ferro, considerando essa proibição um atentado contra a constituição.

— Tratando-se de serviços da estrada de ferro, não seria mais prático um "contravapor"?

*

A propósito da evasão do Capitão Luz diz a imprensa parisiense que o prisioneiro da fortaleza de Glatz, uma das mais bem guardadas da Alemanha, recebia, diariamente, uma correspondência em tinta simpática.

— Tinta simpática?... Os jornais alemães não podem ser da mesma opinião.

*

O milionário Patiño fez doação de 30.000 pesos para as escavações arqueológicas que vão ser feitas no Peru.

Se for alguma "cavação" é mais um que cai como um patinho!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1495, 5 fev. 1912, p. 1.

Fala-se insistentemente na escolha do sr. Belisário Távora para diretor dos Correios. Assim se explica o caso; há muito que se ouvem queixas contra a má administração da polícia, os jornais todos gritavam ao governo:

— Correi-o da administração!

O governo entendeu mal e zás, manda o homem para a administração do Correio. Aí está.

*

O Euclides Malta parte para Alagoas.

— Leva alguma esperança?

— É possível; o Malta é fino; não fez oração na capela...

*

Alguns jornais, censurando a polícia, salientam o fato de termos agora dois meses de carnaval.

E que mal há nisto; o ideal seria um ano inteiro de pândega carnavalesca, com três dias apenas para levar-se a vida a sério.

*

A um repórter, que o entrevistou sobre sua nomeação para ministro em Paris, declarou o conselheiro Rosa e Silva:

— Eu agora não cuido de coleta alguma.

No caso de S. Ex.^a quem não daria a mesma resposta?...

*

Ontem, na Avenida:

— Firme, hein, meu velho! Apesar dos cabelos brancos e do reumatismo, metido na pândega carnavalesca!

— Que queres? O carnaval em mim constitui uma "momorragia"...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1509, 19 fev. 1912, p. 1.

"O *Benjamin Constant* chegou à enseada de Araão", diz um telegrama.

A filha diletta do referido Benjamin Constant, a República Brasileira, há muito que vive no seio do dito patriarca.

*

O sr. Pires Ferreira, o delegado que beijou a moça, foi elogiado pelo sr. Belisário Távora, muito digno chefe de polícia.

— O Belisário é católico e católico apostólico romano.

Do baixo império...

*

Atribuem ao Euclides Malta, o "homem das habilidades", uma *frasezinha*, que certamente irá para a história com tripas e tudo: "Pernambuco é o ninho de futuros presidentes da República".

— Ninho de presidentes?! Que é que o Malta chama presidente de República?!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1516, 26 fev. 1912, p. 1.

- Então, o Aurélio veio no vapor *habeas corpus*?
— Não é *habeas corpus*, homem, é *Habsburgo*.

*

Porque uma locomotiva das Obras do Porto, em Pernambuco, matou, acidentalmente, um soldado da bateria da fortaleza do Brum, seus companheiros invadiram aquela repartição pública, praticando toda a sorte de depredações.

— Aguardemos a palavra do general Dantas Barreto. Vocês não de ver que o caso das Obras do Porto é idêntico ao do *Diário de Pernambuco*: as obras estão em más condições financeiras.

*

O ex-soldado Job, um dos sátiros expulsos da Brigada Policial e que há dias fugira do xadrez, onde fora preso, resolveu voltar e apresentar-se à prisão.

É um belo triunfo para a glória dos nossos sherlocks policiais.

O dr. Belisário vai pedir, pelos jornais, ao outro sátiro que volte ao xadrez, para a vitória da polícia ser completa.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1522, 3 mar. 1912, p. 1.

ANEXO B:

CRÔNICAS DE JOSÉ SIMÃO



Uepa! Sururu em 'Sai de Baixo Senão Apanha'

25/01/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Vinheta/Chapéu: TELEVISÃO

Página: 4-6

Jan 25, 1997

1/10725

Uepa! Sururu em 'Sai de Baixo Senão Apanha'

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Emergência! Hoje São Paulo completa 443 anos com 889 obras incompletas. E a melhor definição ainda fica com a Regina Casé: São Paulo não pode parar porque não tem estacionamento. E diz que São Paulo foi fundada há 443 anos. E afundada na última enchente! Aliás, afundada há dois meses. Com a posse do Pitta. Rarará! A única cidade onde abunda Pitta!

E aí perguntaram pro Bussunda qual o lugar mais esquisito que ele já tinha feito amor. Ele respondeu: "São Paulo". Uau! E a coisa que mais cresce em São Paulo é a população de mendigos. Que se instalam rápida e criativamente. Tanto que uma madame acabou de mudar pros Jardins, saiu na janela e gritou: "Desgraçados desses mendigos, mobiliaram a casa mais rápido que eu".

E adoro aquela seção dos jornais: o que abre e o que fecha no feriado. As pernas! É o que mais abre e fecha nos feriados. Rarará! E paulista gosta tanto de São Paulo que comemora o aniversário longe, nas praias. Jogando bostabol no Guarujá! Rarará. Uma comemoração bem paulista, engarrafado no pedágio tomando banho de sol no braço. Pela janela do carro!

Devíamos comemorar promovendo um grande engarrafamento. E um amigo meu diz que prefere ficar preso no engarrafamento ouvindo a 89 que ir ao show da Daniela Mercury! E diz que em São Paulo telefone é tão bom que só falta falar. E ônibus em São Paulo é tão lotado que você desmaia em pé!

Novidades do Pintocídio Nacional! Cortaram mais um em Marília. Por isso que um cara disse: "O meu, por enquanto, tá são e calvo!".

Sururu em "Sai de Baixo"! Demitiram justo a Claudia Gimenez? A Edileusa, a alma do escracho nacional, a empregada interativa. Tem uma amiga que tá louca pra assistir às gravações só pra ver o elenco brigando. Muda o nome pra "Sai de Baixo Senão Apanha". Ops, muda pra "SAI DE CIMA QUE NINGUÉM AGUENTA MAIS!". Rarará! Vai indo que eu não vou!

E-mail: simao@uol.com.br

Chega de bumbum! Vamos encarar o Brasil de frente

14/02/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-10

Feb 14, 1997

2/6875

Chega de bumbum! Vamos encarar o Brasil de frente

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Acabou o Carnaval! Chega de bunda e vamos encarar o Brasil de frente. Ai que tédio! Rarará! E sabe o que eu fiz nesse Carnaval? NADA! Aliás, passei um Carnaval à la Carla Perez: bundando. Rarará. Tô com ressaca de não fazer nada!

E adorei o cardápio de recepção para a palestina Lamia: feijoada, bacalhau, quibe, esfiha, homus e tabule. E aí pega mais 11 anos de prisão... de ventre. Rarará. E o apartamento é deslumbrante. Parece loja de tapete persa do souk de Marrocos. E o irmão dela é a cara do Turco Loco!

E a foto do Don Doca FHC com a Gina Lollobrigida? Sensacional! Quem é mais estrela? Quem tá com o peito mais empinado? O Don Doca, ops!, o Rei-Eleito, tem o peito mais empinado que a Gina Lollobrigida! E sabe o que o FHC foi fazer na Itália? Aderir as massas. Rarará. Rigatoni, reeleicioni, caneloni e tortelloni. Rarará!

Depois rumo a Bolonha pra botar aquele chapéu de doutor honoris causa desemprego. FHC à bolonhesa! Típico casal paulista: dona Pizza Hut e FHC à bolonhesa. Almoço e jantar. Domingão do Faustão. Rarará!

E o Renato Gaúcho que vem pro São Paulo com aquele cabelo do Raoni? Tem uma amiga minha que está se dispondo a fazer o teste de avaliação física no craque! Aliás, o que ela quer fazer mesmo é fazer uma avacalhação física com o Renato Gaúcho.

E viva a batida funk da Viradouro. Uma amiga minha nordestina pulou da rede de tanto entusiasmo assim que ouviu a batida funk. Pra ser sincero eu só percebi a batida funk no dia seguinte quando li no jornal. E me tornei um feroz defensor da batida funk na avenida.

E essa foi a moral deste Carnaval na avenida: perereca que muito pula a gente prende com esparadrapo! Rarará. Nós sofre mas nós goza! Hoje só amanhã. Vai indo que eu não vou. Põe no Mail. E, se acordar cedo desse dinheiro, passarinho já tava milionário!

E-mail simao@uol.com.br



Buemba! Igreja atrasa o relógio em 500 anos!

18/02/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-8

Feb 18, 1997

2/8426

Buemba! Igreja atrasa o relógio em 500 anos!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Urgente! Conselho do Joãozinho Trinta pro Don Doca FHC: "Quero lembrar ao presidente FHC que ele faça como eu, ouse (NR: doce ilusão), que ele faça um Big Bang". Só que o FHC prefere um Big Banco. Rarará!

E adorei a chamada do telejornal do Paulo Henrique Amorim na Band: "Faça como eu, troque de canal". Pois não, obedeci. Já troquei. Pra Globo. Rarará! Ué, ele não mandou trocar de canal? Como é que uma pessoa na tela da Band manda o telespectador trocar de canal? Eu tava louco pra assistir à estréia do Amorim, mas quando ele mandou eu trocar de canal eu troquei. Rarará!

Maratona da moda! Hoje começam os 808 desfiles em São Paulo. Três dias do Micoervas e cinco do Morumbi. E depois quinze dias numa praia de nudismo pra desintoxicar! Rarará!

Moda 97! Nomes novos para cores velhas! E como eu vou vestido? Eu acho que eu vou todo de preto. Mas todo mundo vai todo de preto! Vai parecer o abre-alas da Viradouro!

E o público só aplaude o "inusável"! É verdade! O grande hit do ano passado foi a sunga do Jum Nakao: na frente a estampa duma santa e atrás transparente com a bunda de fora. Aí você vai pra praia com a sunga e apanha duas vezes: uma pela santa e outra pela bunda de fora. E aí a notícia saiu assim em Portugal: "Cuequinha profana agita o Brasil". Rarará!

Hoje é dia de Araraquara voltar à Idade Média. Zé Celso Martinez Corrêa está sendo processado pela igreja de Araraquara por vilipendiar a eucaristia na peça "Mistérios Gozozos". Só falta o Zé Celso ser queimado numa fogueira como bruxo na praça de Araraquara! Aliás, ele podia ser condenado a prestar serviços a comunidade: encenar "Mistérios Gozozos" toda noite em Araraquara durante 30 dias. Rarará! E avisa a igreja que é pra atrasar o relógio em uma hora e não em 500 anos. Rarará. Viva a liberdade de expressão. Hoje só amanhã.

E-mail simao@uol.com.br



Adriana Esteves péssima em "A Requentada"!

19/02/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-8

Feb 19, 1997

2/9064

Adriana Esteves péssima em "A Requentada"!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Tira o tubo e manda um misto quente. Alguma coisa está fora da ordem mundial. Olha duas manchetes da Folha: "ACM critica desigualdade" e "Sarney é comparado a Guimarães Rosa". E eu sou filho do Michael Jackson. Rará! Sarney lança na França seu livro "O Dono do Mar". O título tá errado. Devia ser "O Dono do Mar Anhão". Rará! E o enredo? Pescador busca noiva raptada por monstros marinhos. Isso tá mais pra "A Volta dos Tomates Assassinos 4". Rará! E quer ver levantar a audiência do "Jornal Nacional"? Privatiza a Globo!

E a estréia de "A Indomada"? A Globo estreou uma reprise inédita. Devia se chamar "A Requentada". Requentaram todas as novelas anteriores e jogaram no ar. Marmita dramática! Primeira cena: Riccelli loiro cortando cana. É o Luano! Depois da passagem da Luana pela Globo ainda sobrou cana pra cortar?! E a Adriana Esteves? A Adriana Esteves péssima. Rará! Chamaram o dr. Badan Falhares pra exumar o resto do elenco!

Fora as cinco novelas mexicanas da CNT. Nunca vi tanta mulher maquiada. Parecia o estande da Payot. México, capital São Paulo. Aliás, as brasileiras já estão se vestindo como nas novelas mexicanas. Vide a Maria Teresa Collor!

E novela mexicana é bom porque ninguém constrange ninguém. Todos trabalham mal. Uma dubladora me contou que passou 99% da novela chorando. E 1% no banheiro. Se maquiando! E tem que dublar mesmo porque sabe como chama orelhão no México? Caceta pública! E adorei a presidente do São José Futebol Clube na Record: "Futebol é uma bolinha de surpresas. São 12 contra 12 e seja o que Deus quiser". Sensacional! Parece aquela grã-fina do Nelson Rodrigues que chegou ao estádio perguntando: "Quem é a bola?". Quem é a bola eu não sei. Mas aquelas duas são do Renato Gaúcho. Rará. Hoje só amanhã! Põe no Mail. O mail é a mensagem!

E-mail: simao@uol.com.br



Uepa! Troféu Phytoervas parece um vibrador!

20/02/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-8

Feb 20, 1997

2/9452

Uepa! Troféu Phytoervas parece um vibrador!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Urgente! Eu fui lá pro Ginásio do Ibirapuera. Pros desfiles do Phytoervas Fashion Awards. Com transmissão direta da MTV. Os fãs do Sepultura devem estar putos da vida! Micoervas Fashion Awards. Agora não se diz mais "prêmio", mas "awards". Que é prêmio em inglês. Tanto que em Curitiba já tem um prêmio chamado Prêmio Awards. Rarará. Básico!

Entre os desfiles, prêmios para o mundo da moda. E o troféu? Parecia um vibrador! Um vibrador?! Finalmente, um troféu útil. Não precisa mais ficar mofando em cima da lareira. Já tem alguma serventia. Mas aí me disseram: "Não é vibrador, é uma agulha". Daquele tamanho? Só se for pra costurar fiofô de elefante!

E eu sei que é moda de inverno, mas pra que tanto sobretudo e cachecol? Vai nevar no Brasil? Onde usa cachecol no Brasil? No pescoço! Rarará. Ou no inverno de Porto Alegre ou pra fazer caminha pra cachorro! E aquele cenário todo acolchoado parecia penhoar de sogra! Rarará!

E a pista, ops, a passarela: 26 metros! Já que é no Ginásio do Ibirapuera, por que não fizeram na pista de atletismo? Um cara dava um tiro pro alto e aquele monte de osso saía correndo! E a Glorinha Khalil me explicou que o Phytoervas é um exercício de criatividade. Mas precisavam botar o bolso do paletó nas costas? Aí já é criatividade de exercício!

E desfile de moda é show biz. Por isso viva o Ronaldo Fraga com suas máscaras e roupas de malucos. E cobertor de mendigo. Pra aquecer o mercado?! E o Patricio Bisso como apresentador estava hilário, sensacional! E agora moda não é mais frescura. Agora é moda-cabeça. Como disse um estilista amigo meu: "É tudo conceito, filhinho". Rarará! E hoje eu tenho que entregar um dos prêmios e tô com uma espinha nascendo no nariz. E quem conseguir pronunciar Phytoervas Fashion Awards com a boca cheia de farofa ganha um vibrador. Hoje só amanhã. Vai indo que eu não vou!

E-mail simao@uol.com.br



Desfile de moda? Tô fora! Chega de osso!

22/02/97

Autor: JOSÉ SIMÃO
Origem do texto: Da Equipe de Articulistas
Editoria: ILUSTRADA
Edição: Nacional
Seção: TELEVISÃO
Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-10
Feb 22, 1997

2/10583

Desfile de moda? Tô fora! Chega de osso!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Continuo pasmo com os desfiles de moda. É cada roupa esdrúxula! Coitadas das modelos. Elas deviam ter uma tabela de preços: vestida, R\$ 1.000, fantasiada, R\$ 2.000, ridícula, R\$ 3.000, e patética, R\$ 4.000. Rarará. E pelada? Pelada nem de graça. Uma modelo pelada quem vai gostar é o meu cachorro Milu. Oba! Osso! Rarará!

Tem um amigo meu que gosta de mulher que tá revoltado com essa moda Frankenstein: cabelo de bruxa, make de bruxa e bronzeado coalhada. E quem faz mais sucesso em desfile de roupa é bofe SEM roupa. Aqueles rinocerontes de sunga continuam arrasando na passarela!

E agora mais cinco dias de desfile, Morumbi Fashion lá na Bienal. Depois de oito dias de desfile pode passar um enterro ou uma escola de samba que tanto faz. Rarará. Num guento mais. Eu acho que eu vou fazer como o Renato Gaúcho, que veio pra São Paulo só pra dizer que ia continuar no Rio. Eu acho que eu vou só pra avisar que eu não vou! Eu já sei como vai ser: aquele monte de gente vestida de preto indo duma sala pra outra, punc, punc, punc.

Aeroporto de Urubu! Rarará!

E adorei essa manchete: "Phytoervas traz insetos, drama e bonecas". Principalmente bonecas. Rarará. E os temas? "Ah, eu me inspirei em Santos Dumont porque ele era criativo e usava salto alto porque era muito baixo." Santos Dumont era uma biba com o sonho de voar.

Rarará!

E aqueles bofes marombados com macaquinho de lycra? Uma amiga minha diz que pagava pra me ver com um macaquinho de lycra. E com esse calor como é que você tira um macaquinho de lycra? Fica grudado no corpo. Pra sempre! Precisa de três caras. Um pra vestir e dois pra ajudar a tirar.

E junta aquele cara de macaquinho de lycra com aquela fantasiada de inseto num motel. Três diárias só pra tirar a roupa! E depois que tira tudo, brocha. Rarará. Ô, vida ingrata. Hoje só amanhã.

E-mail: simao@uol.com.br

Buemba! Tamo indo de Marimar a Maripior!

05/03/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-8

Mar 5, 1997

3/1938

Buemba! Tamo indo de Marimar a Maripior!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Urgente! Sensacional! Surgiu um novo tipo de evangélico. O evangélico trash. As minisséries da Record. O Bispo tá dando uma de Zé do Caixão. Edir do Caixão. A minissérie chama "A Filha do Demônio". Totalmente trash. A corte do demônio é composta por: duas drag queens, dois go-go boys e uma pomba gira. É a turma que eu pedi a Deus. Rarará!

E as mexicanas do SBT? Saiu a Marimar e entrou a Maria do Bairro. Saiu a Marimar e entrou a Maripior. Tamo indo de Marimar a Maripior. E o campeonato paulista está tão bom que até o São Paulo NÃO está perdendo! Rarará!

E uma leitora disse que depois dos precatórios ela também quer ser laranja, cansou de ser banana. Aliás, sabe qual foi a primeira negociata do Brasil? Quando Cabral gritou "terra à vista", um cara ao lado disse: "Compro tudo, mas só pago com moeda podre". Rarará.

O Brasil é uma terra à vista, mas todo mundo só compra a prestação?!

Loucademia de Polícia Zero! O Tuma foi abrir o cofre daquele envolvido Wagner Ramos e encontrou 55 notas de US\$ 1 e um par de alianças. E um bilhete escrito "otários"! Rarará!

Novidades da Espremedora de Laranjas, vulgo CPI dos Precapatos com Laranja! Nunca vi perguntas tão compridas e complicadas como as do Serra. Se ele tropeçar na pergunta ele quebra o fêmur! Rarará!

E o Pitta engoliu um gravador. Passa o dia repetindo: "Totalmente improcedente".

"Totalmente improcedente." "ISTO É UMA GRAVAÇÃO, totalmente improcedente." Essa CPI não apitta nada! Nunca vi CPI investigar só o que o governo quer. Suruba de luz acesa! Rarará!

E eu já sei como vai terminar: com vergonha de chamar os bombeiros, eles vão descer pela escada de incêndio. E eu sei qual vai ser o veredicto: FORAM TODOS ACUSADOS DE INOCENTES! Rarará. Nós sofre mas nós goza. E gostoso!

E-mail simao@uol.com.br



Pitta dança... um bolero com Bernardo Cabral!

06/03/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-10

Mar 6, 1997

3/2523

Pitta dança... um bolero com Bernardo Cabral!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Sensacional! Olha a manchete da Tribuna da Bahia: "Bahia já tem condições de fazer clonagem". Então não é clonagem, é clonaxé! Contanto que não clonem o ACM. Já basta um pra mandar no FHC! Rarará! Eu quero o clone da Dinha do acarajé! E um outro quer duas Carla Perez pra fazer a dança do sanduíche! E um adepto da zoofilia me disse que entre o clone da Cindy Crawford e o da Sharon Stone ele fica com a ovelha mesmo. Rarará!

Deu a louca no mundo! Deu a louca na ciência! "Pesquisadores fazem galo cantar como codorna." E daria pra fazer a Sula Miranda cantar como a Kiri Te Kanawa e a Shakira cantar como a Madonna e o Tírica cantar como o Frank Sinatra? A melhor invenção depois do playback!

E uma outra chegou de Miami e disse que não existe coisa mais clone que bicha americana. Uma é clone da outra. Marombadas, depiladas e bronzeadas. Ali, comeu uma, comeu todas. Rarará. MacBiba!

ATENÇÃO! PIZZA PARA TODOS! A CPI dos Precapatos com Laranja! Que segundo o Angeli, o FHC já mandou chamar o Agente Mozzarella. Agente Mozzarella em ação! E aqui em São Paulo todo mundo pergunta: "E o Pitta dança?". "Será que o Pitta vai dançar?" Vai! Dançar um bolero com o Bernardo Cabral.

Numa CPI presidida pelo Bernardo Cabral o máximo que vão dançar é um bolero. Rarará. Veredicto da CPI: todos os acusados vão dançar. O "Besame Mucho" com o Bernardo Cabral!

E um leitor me contou que ele se inscreveu no plano da Telesp em 94, esperou três anos e não se conteve e ligou para a Telesp pedindo informações. Resposta: a Telesp não dá informações pelo telefone. Telesp não dá informação pelo telefone? Rarará. Então deviam vender outra coisa e não telefone. Depois dessa eu vou ficar proibido de contar piada de português por uns dois anos. Ops, uns dois dias. Rarará. Vai indo que eu não vou!

E-mail: simao@uol.com.br

Buamba! Convocado o banco da 'Praça É Nossa'!

07/03/97

Autor: JOSÉ SIMÃO
Origem do texto: Da Equipe de Articulistas
Editoria: ILUSTRADA
Edição: Nacional
Seção: TELEVISÃO
Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-14
Mar 7, 1997

3/2737

Buamba! Convocado o banco da 'Praça É Nossa'!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Tira o tubo e manda um misto quente! Diz que tem um laranja ameaçado de morte. Já vi esse filme, "O Laranja Que Virou Suco"! E o Jô com aquela barba voltou a cara do Ray Connif! E o campeonato paulista está tão emocionante que em vez de vaiar a torcida boceja. UUUU! Aí pensa que é vaia. Não, é bocejo!

E diz que em Fortaleza um advogado de acusação pediu a absolvição do réu. Nem ele acredita nele! Rarará! Contrata pra CPI. Dos Precapatos com Laranja. Ontem depôs o dono da Split. Ué, mas não era banana split? Agora já tem laranja split? Rarará!

E atenção! Convocado o banco da "Praça É Nossa". Comédia por comédia convoca o banco da "Praça É Nossa"! Antes que botem a culpa no Banespa de Moçambique! E quem tá editando o "JN" é o Agente Mussarela do Angeli?!

E um leitor me disse que aquele balcão novo do "JN" parece um cachorro-quente futurista. Cachorro-quente futurista é aquela boca vermelha da Lilian Bife Quibe. Ela engoliu o pão e esqueceu a salsicha atravessada na boca. Rarará!

E a Lilian abriu o "JN" gralhando: "Parte do dinheiro roubado do INSS está de volta pro Brasil". Não! Não! Deixa lá. Que é mais seguro!

Loucademia de Polícia Zero! Estou adorando as diligências do Tuma. Ligo a televisão: Tuma desce em São Paulo para as diligências nos flats da Abilio Soares. Meia hora depois: Tuma está na sede da Polícia Federal dando uma entrevista coletiva antes de partir pra as diligências na Abilio Soares. Quarenta minutos depois, novas notícias: Tuma parte para as diligências rumo a Abilio Soares. Já? Já sei, ele foi de diligência! Rarará!

E sabe o que eles encontraram? Meia garrafa de uísque. Mais meia hora e eles encontravam a garrafa vazia. Rarará! Demorou mais que aquela mulher que passou 27 anos pra tirar a carteira de motorista. Rarará! Nós sofre mas nós goza! Põe no Mail. Que eu Ponho no Tail. OOOPS!

E-mail simao@uol.com.br

Buemba! Buemba! Clone de peruá é o siliclone

08/03/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-6

Mar 8, 1997

3/3171

Buemba! Buemba! Clone de peruá é o siliclone

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Ai, minha Santa Periquita do Bigode Loiro! Macaquito Simão Urgente! Abaixo a Testosterona! Hoje é o Dia Delas. Dia Internacional da Mulher. O Xota's Day. Day, Dou e Darei! Forever! Elas querem é poder!

E que data mais politicamente incorreta. Porque um dia só? Uma amiga minha diz que se alguém for cumprimentá-la pelo Dia da Mulher ela vai dar porrada. Oba! O mundo é das mulheres. E não adianta discutir. Alias, se discutir é pior!

E diz que Deus criou o mundo em seis dias, no domingo descansou, na segunda criou a mulher. E aí ninguém mais descansou! E todo ano a Rosemarie Muraro diz que "a primeira coisa que a mulher exigiu quando ganhou seu primeiro dinheirinho foi: quero o meu orgasmo de volta". Então quem encontrar o orgasmo dela favor devolver. Rarárá!

Elas querem é gozar! Eu também, ué!! Elas querem é gozar! E reclamar do parceiro! E o pior é que quando elas descobriram que querem gozar os homens descobriram que preferem coçar! Rarárá! E como diz o cabeleireiro cearense Dudu: "Atrás dum grande homem sempre tem uma mulher e atrás duma mulher sempre tem uma bicha". Uau!

E diz que essa CPI presidida pelo bolerão Bernardo Cabral vai terminar em "Pizzame Mucho"! E olha o respeito! Banqueiro não depõe, "presta esclarecimento".

E ontem depôs o Lourenço Calabria. Então a pizza é de calabresa? E o laranja da Split? Pizza de calabresa com laranja split! AAAARGH! E o governo quer pizza porque sabe que O BURACO É MAIS EM CIMA! E o resumo da CPI dos Precapatos com Laranja: tem culpa todo mundo só não tem culpa eu. Como sempre.

E elas querem é gozar. Eu também! E quem não quer? Vai indo que eu não vou. E diz que um sapatão estava correndo quando passou um carro de mauricinhos gritando: "Sapatão! Sapatão!". E ela: "Sapatão o ano passado, agora eu sou homem mesmo". Rarárá!

E-mail simao@uol.com.br

O quê? Brimo Maluf foi atrás do xeque?

21/03/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Mar 21, 1997

3/9320

O quê? Brimo Maluf foi atrás do xeque?

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Operação Pega-Maluf! O Brimo deu drible na imprensa. Foi pra Arábia! O brimo foi bra derinha. A convite de um xeque! O quê? A convite de um xeque? Com "X" ou com "CH"? Não aguento mais piada pronta!

E o xeque é gordão? Só faltava ser um xeque sem fundos. E jornalista pra pegar visto pra Arábia demora um mês. No mínimo. E aí o Maluf se fantasia de camelo. E o céu que nos proteja! Dr. Paulipetro 2! E lá eles não têm essa frescura com dinheiro: "Brimo emitiu título? Brimo inteligente! Brimo bom de conta!" E posso fazer uma pergunta pro Maluf? Rarará! Quem mandou ser contra a reeleição? Rarará!

E o Maluf é assim: politicamente um desastre, mas como humorista um sucesso. Tanto que que ele devia escrever uma autobiografia não-autorizada intitulada "Minha Vida É uma Esfiha Aberta". Fechada pra balanço! Rarará!

E um amigo meu disse que há dois meses seu Gol não dá problema. "Tô até pensando em emprestá-lo à Nicéa". E um outro me pediu o clone da Cindy Crawford. "Não serve o da ovelha?" "Não, que eu sou alérgico a lã."

Deu zebra! O São Paulo ganhou. Saco! Eu esperando por mais um vitorioso empate e ele ganha? Por isso que a torcida vaia. E não estou vendo "A Requentada", mas me contaram que a Adriana Esteves Péssima continua catatônica e a Betty Faria parece o pai da Tieta gritando "TOOONHA!" com dois ouriços na goela!

Só espero que a CPI não vire apenas _eu disse APENAS_ OPM. Operação Pega-Maluf! Vendetta! A CPI dos Predatórios: um acabando com o outro. Pequenos Governos, Grandes Negócios. O Brasil tá uma mistura de 171 com 007!

E diz que o Don Doca FHC está dando graças a Deus de o Rainha estar foragido. Não ia suportar o encontro de dois rainhas. "Bom dia, presidente, meu nome é Zé Rainha." "NÃO! Rainha aqui só eu!" Rarará. Enquanto isso, a gente vive precatória. Mente! O quê? Mente? Mas ninguém tá mentindo! Rarará!

E-mail: simao@uol.com.br



Buemba! Pobre vira Playcenter de patricinhos!

23/04/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-8

Apr 23, 1997

4/9943

Buemba! Pobre vira Playcenter de patricinhos!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Urgente! Uma amiga minha disse que a situação tá tão periclitante que no lugar do "bóbis" ela tá usando cartucho de papel higiênico! E você viu a foto dos estudantes mostrando a bunda pro Malan? Do jeito que eles gostam de ferrar com a gente, isso é de uma imprudência astronômica! Rarárá!

E esse macabro churrasquinho de índio só podia ter acontecido em Brasília. Onde todo mundo é filho de alguém. Em Brasília não se diz: "Sabe com quem você está falando?". Lá se diz: "Sabe com o filho de quem você está falando?".

E diz que em toda blitz em Brasília a polícia separa as pessoas em três filas, ops, três filhos: filho de militar, filho de político e filho de ninguém. Aí os filhos de ninguém apanham pelas três filas de filhos! Rarárá! E com essa história do índio eu me lembrei da frase do comico Golias; "A civilização não se comportou!".

SBeSteira Urgente! Trocaram o Gil Gomes pelo Pato Donald! Substituíram o "Aqui Agora" pelo "Disney Show"! Tá certo! A violência no Brasil já virou uma Disneyworld! Pobre é Playcenter de patricinho! Já imaginou as manchetes? Minie entrou em óbito! Estamos na captura de um elemento pardo codinome Donald!

E o "Vitrine" fez uma reportagem sobre a mexicanização das telas. Não sei por que se assustam tanto com o visual das mexicanadas. A dona Pitta é uma novela mexicana ambulante. Usa o mesmo estilista da Maria do Bairro!

E o rei eleito Fernando Henrique tem pinta de canastrão mexicano. Parece o pai da Marimar. Só falta o "foulard" e o robe. E dá uma olhada no estilo "Caras". Só dá mexicana. Com aqueles bumba-meu-boi de strass. Combinam o tapa-olho com o sapato. Usam o mesmo tecido pra forrar o tapa-olho e o sapato! Rarárá!

E aquelas minisséries da Record? Aquilo não é México. É Tréxico. De trash! Adorei "A Filha do Demônio". A comitiva do demônio era composta de dois go-go boys, duas drags e uma pomba-gira. A turma que eu pedi a Deus. Rarárá!

E-mail simao@uol.com.br



Botou uma saia de pataxó e saiu por aí!

25/04/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Apr 25, 1997

4/10831

Botou uma saia de pataxó e saiu por aí!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Peru! Peru! Peru! Vira esse negócio pra lá que eu sou alérgico! Rarárá! Como sofre um colunista. Tem que ficar fazendo piada com peru. Na minha idade! E diz que o Super Fuji Fujimori já está sendo chamado de Jaspion! Super Jaspion diz que o Peru continua em pé! E diz que foi o peru mais bem servido do século: durou quatro meses!

E se existe uma coisa que tem que ser democratizada é o Peru! E eu quero perguntar praquela refém o que é pior: ficar com o peru preso no zíper da calça ou ficar preso no Peru? Eu acho que eles estão querendo ver o Peru pelas costas! E agora já temos a PM de Diadema, a PM de Cidade de Deus e a PM do Fujimori. A globalização da PM!

E adorei a fila dos reféns se arrastando pelo chão: um peruano e um asiático, um peruano e um asiático. Já sei, um peruano e um peruzinho, um peruano e um peruzinho. Rarárá. Que piada mais preconceituosa. Preconceituosa mas é minha! Rarárá!

E o grande hype da semana: os pataxós! Cabral descobriu o Brasil há 500 anos e o Brasil descobriu os pataxós agora. Sensacionais esses índios. Dá vontade de pegar um avião e ir pra lá! Não sendo funcionário da Funai, é claro!

E eu tô fascinado por aquela saia de palha dos pataxós. Totalmente fashion. Derrubou o Phytoervas! Tem uma amiga minha louca pra sair com uma saia pataxoca dessas! Pataxoca Alucinada! E não sei como o Requião ainda não vestiu aquela saia de palha pataxoca. Já imaginou o Requião de saia de palha e barriga de fora?

Tristes Trópicos! Tem mais índio no sambódromo que na selva. Na avenida quando tem 500 índios dá branco na tela. E na selva quando tem mais de 70 índios o que o pessoal faz? Uma fogueira! E quantos pataxós são? Não interessa. Como diz uma amiga minha: é população simbólica. Rarárá. Adorei essa expressão: população simbólica! Nós sofre mas nós goza! Viva indiada do Brasil! Hoje só amanhã! Vai ÍNDIO que eu não vou!

E-mail simao@uol.com.br



Buamba! Brazucas introduzem o bidê em Miami!

26/04/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Apr 26, 1997

4/11439

Buamba! Brazucas introduzem o bidê em Miami!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! O Brasil entrou pro Primeiro Mundo! Brazucas introduzem o bidê em Miami! Uma brasileira que mora em Miami estava assistindo ao programa do Luciano do Valle do Cariri quando apareceu um empresário brasileiro lançando um condomínio: "Não estamos apenas construindo condomínios, estamos introduzindo um estilo de vida, estamos introduzindo o bidê no mercado internacional".

Americano não conhece bidê! Vão pensar que é bebedouro. "Ih, que condomínio maravilhoso, tem até bebedouro no banheiro." Rarará! E tá muito coerente. Depois de exportar a bunda a gente exporta o bidê. Tinham que chamar a Carlinha do Tchans pra anunciar o condomínio.

E uma amiga minha instalou um bidê tão forte na casa dela que toda vez que ela senta, esguicha água pela boca! Rarará. Vamos exportar bunda e bidê. Pra equilibrar a balança. E quem quiser ir pra Miami que se apresse, antes que o real comece a valer meio dólar!

E o Timão? Perdeu do São José. De São Jorge pra São Jorzé! Já sei, a diretoria deve ter pago os bichos com cheque sem fundos do Excel. Até o Túlio jogou. O Túlio desagradou o patrocinador: saiu do banco. Rarará!

Mais uma da PM do Fujimori, vulgo Jaspion. O único refém que morreu era da oposição. Já imaginou se a moda pega na América Latina?

Efeito churrasquinho de índio. Em Curitiba um cara botou fogo no vizinho. Já sei o que ele vai dizer pra se defender: "Mas eu não sabia que era vizinho, pensava que era um mendigo".

E adorei o adesivo que o Angeli bolou pro carro do rei eleito Fernando Henrique: "Hei de Vender".

E o Raul Cortez disse na TV pra gente não se preocupar com a venda da Vale porque nós vamos ficar com o ferro. Grandes novidades. É sempre assim: eles levam tudo e a gente leva ferro. Pra não perder o costume. O FERRO É NOSSO! Rarará. Nós sofre mas nós goza. E gostoso!

E-mail simao@uol.com.br



Sapatos americanos arrombam o armário!

03/05/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

May 3, 1997

5/1086

Sapatos americanos arrombam o armário!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Deu jacaré! Sapatas americanas arrombam o armário! A Ellen, atriz do seriado de sucesso "Ellen" assumiu que é lésbica. Arrombou o armário! Apareceu na capa da "Time": "Yeap, eu sou gay". Então ela virou Ellen com H. Muda o nome do seriado pra "Ellen com H"!

E sabe quem é a namorada dela? Aquela atriz linda que faz o papel de esposa do Johnny Depp em "Donnie Brasco". Diz que ela não era sapa, mas quando viu a Ellen com H se apaixonou. Virou sapa. Apertou a tecla sap. Essa é a nova gíria pra quem sapateia: apertou a tecla sap! A Turma do Rala Coco tá demais! As duas foram assumir que ralam coco lá no programa da Oprah. Pra América inteira. Só faltou ter corrida de saco e luta livre de aranha. E sabe como sapata transa? Como tirar fogo de pedra, roça uma na outra até sair faísca. Rarárá!

E as duas aparecem numa foto com o Clinton. A Hillary que se cuide. Só falta a Hillary aparecer na capa da "Time": "Yeap, eu sou gay!". Testemunhas: Donna Karam e Barbra Streisand. Rarárá!

E algumas empresas retiraram o patrocínio da "Ellen" com medo de prejudicar a imagem dos produtos. E aí a Elle reboicotou o boicote: "Gay que é gay não frequenta mais a rede Wendys. E se os fabricantes de jipes tem problemas com gays, as gays têm que começar a devolver os jipes". Bateu o pau na mesa!

E uma amiga minha diz que aquela cantora k.d. lang já não é mais sapata, é um petisco, um homem lindo. Xi, essa vai apertar a tecla sap já já! E pra ela quanto mais sapata melhor que aí sobra todos os homens só pra ela.

E tem uma cidade chamada Lesbianville. Lesbianville? Tão loteando cantora brasileira? Rarárá! A MPB virou loteamento? E diz que no Ceará uma mulher estava correndo no calçadão quando passou um carro de mauricinhos gritando: "Sapata! Sapata!". E ela: "Sapata foi no ano passado, agora eu sou é homem mesmo". Rarárá!

E-mail simao@uol.com.br



Vamos filmar "O Que É Isso, Mauricinho?"

07/05/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO

Página: 4-8

May 7, 1997

5/3002

Vamos filmar "O Que É Isso, Mauricinho?"

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Reparou que hoje só se faz filme nacional pra ganhar melhor filme estrangeiro? Pois eu vou fazer o contrário: um filme estrangeiro pra ganhar melhor filme nacional _"O Que É Isso, Estrangeiro?" Aliás, eu vou fazer "O Que É Isso, Mauricinho". Com o Pedro Paulo Diniz e a Ana Paula Arosio. Um corredor e uma top model se encontram entre Angra e Maresias e assaltam o Moinho Santo Antônio e sequestram a Adriane Galisteu! Ia ser o maior sucesso. Quem diz que filme nacional não dá dinheiro?! E depois de ver o Barraco MTV sobre o cinema brasileiro eu cheguei à conclusão que: filme nacional não é pra assistir, é pra discutir! E o grande problema do cinema nacional é que todos os cinemas estão virando igrejas da Universal do Reino de Deus! Já tô vendo o Barretão gritando "Aleluia! Aleluia! O que é isso, irmão!"

E eu gosto mesmo é de filme de cangaço. É verdade! O Massaini devia fazer um "O Que É Isso, Cangaceira?" Com a Elba Ramalho com aquela peruca de arame farpado! E o grande segundo problema do cinema nacional é o preço do estacionamento.

E eu fui assistir "O Que É Isso, Companheiro" no Espaço Unibanco. O que é uma contradição: assistir a um filme em que terroristas assaltam banco no Unibanco. E o elenco é maravilhoso, mas desgastado pelas telas da Globo. Ai quando você vê o Luis Fernando Guimarães com o Pedro Cardoso você pensa que é gozação!

E o torturador é bonzinho! Isso que foi uma pisada na bola. Aliás, nas duas bolas! Rarará! E a dona Luci Barreto tem mais cara de embaixador americano que o próprio embaixador americano?! E o bom do cinema nacional é que você pode ver os atores sem ter que assistir novela.

E a minha utopia é fazer um filme nacional sem que o ator vire pra câmera e grite: "Puta que o pariu!" O meu sobrinho imita direitinho ator nacional. Ele faz aquele olhar do Zé Mayer e grita: "Gostosa! Puta que o pariu!" Hoje só amanhã! Vai indo que eu não vou!

E-mail simao@uol.com.br



Diz que o Prêmio Shato foi o sagui do ano!

09/05/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-14

May 9, 1997

5/4447

Diz que o Prêmio Shato foi o sagui do ano!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Marmelada no futebol! Grandes novidades!

Chefão dos juizes suspeito de corrupção. Então vamos melar todas as copas desde 1500.

E um cartola aí ficou indignado porque os outros cartolas são corruptos. O que ele queria?

Exclusividade? Rarará!

E não sei por que a Globo insiste em ficar mostrando fitas de gravações de telefonemas pra provar a corrupção. Faça como a Bandeirantes. É só transmitir os jogos ao vivo.

E deu no Humortardela da Internet que o Excell vai processar a Seven Up. Porque venderam o Túlio sem gás! Rarará!

E os juizes? Vocês conhecem aquela piada do juiz? Diz que um cara estava tentando subornar um juiz e perguntou de maneira sutil: "O senhor já viu R\$ 10 mil?" E o juiz: "Já, eu ainda não vi foi R\$ 50 mil". Rarará. É mole? É mole mas sobe!

E buamba! Buamba! Diz que o Prêmio Shato foi o sagui do ano! Prêmio Sharp para melhor representante. Ninguém foi! Nenhuma estrela subiu no palco. A Denise Fraga dizia: "E o Prêmio Sharp de melhor disco vai pra fulano representado por sicrano".

E aí o Frejat: "E o prêmio de melhor batuque vai pra sicrano representado por fulano". No próximo ano não é melhor fazer a entrega dos prêmios pelo correio? Prêmio Sharp Delivery! Entrega a domicílio!

Melhor: larga os troféus num canto e grita: "Quem ganhou e tiver por aí vem aqui e cata o seu". Rarará! Só faltou ter representante de entregador de prêmio! E diz que a Rita Lee e a Fernanda Montenegro ganharam o Prêmio Shato de melhor tricô do ano!

E o Serjão Motta insinuando que deputado é ladrão: "Tem deputado com quem a gente só pode conversar pelado, na sauna". O quê? NÃO! Já imaginou o Serjão pelado numa sauna? Poltergeist 4, o Terror Continua! Prefiro morrer honesto! E deputado pelado em sauna não é deputado. É de putada! Rarará. Nós sofre mas nós goza. Põe no Mail. Que eu Ponho no Tail!

E-mail simao@uol.com.br

Escândalo Gate! Queremos mais fitacassetadas!

17/05/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4
May 17, 1997

5/8404

Escândalo Gate! Queremos mais fitacassetadas!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Levanta o pé que lá vem pizza! Buemba! Buemba! Mierda! Mierda! Escândalo Gate!

Fitacassetadas do futebol! Fitacassetadas do Serjão! Queremos mais fitacassetadas! Agora eu quero tudo gravado. Tudo jurunado. Lembra do índio Juruna que andava com um gravador gravando tudo? O Juruna era um profeta. Um visionário!

Mas aí o Rei Eleito FHC disse que as denúncias das fitacassetadas é uma onda. Tá certo!

Ondas de rádio, ondas de TV e ondas médias, curtas e onduladas. E veja como anda o nosso país: um deputado não vale nem uma Ferrari 355! E hoje não tem escândalo? O que já é um escândalo. Escândalo é o Ronivon ter pinta de Waldick Soriano! E o governo faz "Operação Abafa". É como o corno cuscus: sabe, mas abafa!

E esse é o resumo dos escândalos: o governo pagou 200 mil prum cartola do futebol matar a namorada do PC no Acre que era contra a reeleição. E cada ovo que se come é um pinto a mais que se foi. Essa é a minha única certeza. A filosofia do dia!

E os jornais do Acre duvidam da veracidade da voz do Ronivon. Ele disse: "Isso aqui é uma barbárie". Barbárie é muito difícil pro vocabulário dele. Rarará! E diz que o suplente dele já está desfilando de terno e gravata pelo Acre. E um jornal de Rio Branco noticia que o Ronivon Gate não derrubou apenas as ações da Bolsa de Londres, mas caiu também a cotação do mandim no restaurante da Leide!

E do jeito que tá indo a coisa o Don Doca FHC vai ter que fazer como o Papa: só vai sair de dondoca móvel. Desfilar naquela cristaleira a prova de vaias. Parece o Sarney no final do mandato!

E aviso aos sofrendores do futebol! Sofredor não precisa mais sofrer pra torcer. É só ligar pra CBF e perguntar qual vai ser o resultado do jogo. "Alô, é da CBF? Quanto que vai ser o jogo hoje?" Rarará. Nois sofre mas nós goza.

A Volta da Jovem Guarda! Depois do Ronivon, só falta a Wanderléa entrar em campo de futebol: "Senhor juiz, pare agora!".

E-mail simao@uol.com.br



Buamba! Furacão mexicano incendeia o SBT!

21/05/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-6

May 21, 1997

5/10389

Buamba! Furacão mexicano incendeia o SBT!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Pausa na CPI do Votoshop! Furacão mexicano incendeia o SBT! Adivinha quem desceu no Brasil rebolando mais que minhoca em anzol? A Thalia! A Maria do Bairro Mercedes Marimar! E arrasou na Hebe. Dançando como uma cobra alucinada. Rumbera Atômica! Até as sapatas gritavam "Frangota! Bijoux! Gostosa!". Rarará! O Brasil precisa dum vulcão mexicano. Num guento cantora brasileira desenxabida: "Agora vou mostrar um trabalho baseado no embasamento". E aí dorme em cima do violão. Pensa que violão é travesseiro!

E sabe como chama happy hour no México? Hora feliz. E sabe como chama orelhão? Caceta pública. E "Rubber Soul" eles traduzem por "Almas Engomadas".

E aí a manchete: "Thalia passa hora feliz pendurada na caceta pública cantando almas engomadas". Ops, Thalia passa happy hour pendurada no orelhão cantando "Rubber Soul"!

ACORDA BRASIL! QUE EU VOU DORMIR! Levanta o pé que lá vem pizza! Eu já disse que esse votosop não é caso pra CPI. É caso pra BO. Boletim de Ocorrência! E CPI quer dizer Coma a Pizza Inteira. Mas posso completar com uma banana pra ajudar a descer?

E um outro quer a CPI da Bunda! A recontagem dos centímetros do bumbum da Carla Perez.

E os tucanos têm que se preocupar com a reereção. Pra ver se eles dão uma dentro!

E deu na coluna do Fred Suter que na última vez que o David Copperfield esteve no Brasil ele fez sumir o Cristo Redentor. E que agora bem que ele poderia sumir com o Serjão. Rarará! Só que ele já vai ser sumido. Parte pra Portugal e depois férias de verão na França. Férias de verão na geladeira! Rarará!

E adorei aquele pintor anunciando nos classificados: "PINTO APTO". Pinto apto? Já tá empregado. Vai ser ao contrário: em vez de fila pra se empregar vai ter fila pra empregar. Rarará. Vai indo que eu não vou. E cada ovo que se come é mais um pinto que se foi!

E-mail simao@uol.com.br



Movimento de gays no Exército é MILIGAY!

23/05/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: CARVALI

Página: 4-4

May 23, 1997

5/11373

Movimento de gays no Exército é MILIGAY!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Dar risadas não paga as contas mas oxigena o cérebro! Pausa na CPI do Votoshop e na PM Tiro e Queda! É que um leitor me disse que seu cartão de crédito foi roubado mas ele nem prestou queixa. O ladrão está gastando muito menos que a mulher dele. Rarárá!

E uma amiga me disse que a lua-de-mel acaba quando o marido liga avisando que vai chegar tarde pro jantar e a secretária eletrônica responde que o jantar está no microondas. E aí um marido disse pro outro: "A minha mulher é um anjo". "Sorte sua, porque a minha ainda tá viva". Rarárá! É mole? É mole mas sobe!

E os outdoors que os movimentos gays espalharam pelas cidades? "Gays de todo o Brasil, ao completarem 18 anos, alistem-se." Esses outdoors gays estão deixando o Exército de saia justa. Rarárá. E sabe como devia se chamar esse movimento de apoio aos gays de farda?

MILIGAY! Rarárá. Miligay ao Exército!

E tá certo! Porque pra ser gay no Brasil precisa ser mais macho que muito homem. E já deu no "Diário de Sorocaba" que agora teremos oficiais da ativa e oficiais da passiva.

E um gay me disse que ele já serve o Exército há mais de 20 anos. Ele mora ao lado do quartel e toda noite pula o muro pra servir o Exército.

E diz que o FHC está conseguindo acabar com a miséria no Brasil. Com a ajuda da PM!

Rarárá! E o Covasculante, vulgo lesma lerda, vendo as fitacassetadas: "Não dá pra saber se a culpa é da PM ou não". Isso porque era fita da TV Cultura. O que ele queria? O tira-teima da Globo? Pra saber se foi pênalti ou impedimento?!

E não adianta o Rei-eleito dizer que foram apenas cinco votos comprados. A re-nhenhenhen-leição já está fraudada. Porque um pinga de café num copo de leite já vira café com leite! E um leitor disse que meu texto é curto, grosso e penetrante. Agradeço o grosso e penetrante. Só o curto que eu não curti muito. Rarárá. Vai indo que eu não vou! A SEGUIR CENAS DO PRÓXIMO ESCÂNDALO!

E-mail simao@uol.com.br



Me segura que eu vou botar um ovo quadrado!

24/05/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

May 24, 1997

5/11746

Me segura que eu vou botar um ovo quadrado!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Pausa na CPI do Votoshop e na PM Tiro e Queda! É que um yuppie bateu com a BMW no poste e saiu gritando: "Ai minha BMW! Ai minha BMW". E o guarda: "Como é que o senhor chora por uma BMW quando acaba de perder o braço?". "Ai meu Rolex! Ai meu Rolex!" Rarará! E o Covas já tá sendo chamado de Covas Rasas!

E o discurso-ameaça do Don Doca Rei eleito FHC? Ai que medo! Vou passar três dias chorando embaixo da pia! Gritou: "Basta de baderna!". Eu que digo pra turma dele: basta de baderna. O pavão esqueceu de olhar pro próprio pé!

Parecia a neovelha América Latina! E diz que até o ACM disse: "Não precisava exagerar". O discurso era pra comemorar o Dia Nacional da Oligarquia? Só faltou a Evita Perón gritando "Oligarcas! Oligarcas!" O Brasil não é uma democracia, é uma oligarquia!

E um leitor de Rio Claro disse que foi pro shopping e viu uma menina chorando abraçada a uma televisão. E adivinha quem tava nas telas? Thalía! A super mega ultra estrela merricana. A única alegria da semana veio do México!

E dos outdoors dos movimentos gays pra entrar no Exército. É o movimento MILIGAY! AS BIBAS QUEREM VIRAR MILICAS? Dez! Tava na hora de mudar aquela farda mesmo.

Chama o Herchcovitch! Farda sim, mas bigode não. Bicha de bigode nem o diabo pode! E agora teremos os oficiais da ativa e os oficiais da passiva!

E eu vou fazer um adesivo pra dar pra Erika Palomino botar no carro dela: "Eu odeio DJs". Rarará!

E a frase do século do ministro da Justiça sobre as mortes dos sem-teto: "Às vezes o crime é inevitável". Pior, levou uma claque de 3.000 goianos pra posse. Com que posses?

E um corintiano me disse que tá fácil ganhar o campeonato: ganha do Santos, empata com o São Paulo e perde pro Palmeiras. Rarará. Vai indo que eu não vou! Morra que a Polícia Vem Ai 33 1/2. A SEGUIR CENAS DO PRÓXIMO ESCÂNDALO! OBA! Rarará!

E-mail simao@uol.com.br



Buembra! Bota um bandeide na ponte e pronto!

06/06/97

Autor: JOSÉ SIMÃO
Origem do texto: Da Equipe de Articulistas
Editoria: ILUSTRADA
Edição: Nacional
Seção: TELEVISÃO
Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 5-4
Jun 6, 1997

6/2736

Buembra! Bota um bandeide na ponte e pronto!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buembra! Buembra! Macaquito Tricolor Simão Urgente! São Paulo está esfarelando! O mofo deu, e a ponte quebrou. E como é o nome da ponte? Ponte dos Remédios. Dos Remédios? Então bota um bandeide na ponte e pronto! E diz que cada ponte que cai é mais 30 sem-teto sem teto. E aí a manchete: "Ponte dos Remédios preocupa indigentes hipocondríacos"! E um palmeirense revoltado com a minha condição de são-paulino gritou: "Vá passear na rachadura do Maluf que dá mais certo".

E a Lourebe Camargo disse que o símbolo de Brasília devia ser um rato. Pelos políticos. E aí um deputado do PTB revoltado rebateu pela CBN que o símbolo devia ser um rato com a cara do Pitta e a bunda da Hebe! Que baixaroca! Mas eu quero esse rato pra mim! Rato de estimação!

Já imaginou eu desfilando na Oscar Freire com o rato na coleira. Com a cara do Pitta e a bunda da Hebe? Ia ser a maior sensação. Não ia sobrar uma ponte viva! Viva a nossa Hebita Peron!

Aviso aos navegantes! Amanhã eu escrevo a coluna sobre o São Paulo e Timão e depois parto pra Los Angeles. Aquela cidade mais artificial que um copo de papel. Por dez dias. E não quero nenhum leitor reclamando: férias de novo?

E eu vou comprar ingresso antecipado pro depoimento do Clinton. Sobre o assédio sexual! E ainda trazer prum amigo meu aquela camiseta: "Sorria, olha o passarinho do presidente". Rarárá!

Tchau, macacada! Vou pra terra do terremoto! Já mandei meu dentista botar obturação antiterremoto. E diz que no Brasil é bom porque não tem terremoto. Mas em compensação você não encontra o Eddie Murphy na rua. E já imaginou o sucesso que eu vou fazer entre aqueles homens marombados e aquelas mulheres siliconadas com o meu corpinho de campeão de dengue? Bem Terceiro Mundo. Campeão de tênis, beribéri, malária e dengue! E o São Paulo X Timão? Será que deu ensopado de gavião? Rarárá! Hoje só amanhã! Amanhã ainda volto! Nós sofre mas nós goza.

E-mail simao@uol.com.br

Vou alugar uma grávida pra furar o rodízio!

25/06/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Jun 25, 1997

6/12121

Vou alugar uma grávida pra furar o rodízio!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Fé em Deus e Pé na Jaca! As grávidas estão isentas do rodízio. Vou alugar uma grávida. Pra furar o rodízio. Pago bem, todas as quartas. Grávida não é poluente. Ou é? Uma amiga minha pegou carona com o marido duma grávida e ficou grávida do marido da grávida!

E amanhã no jogo contra o Peru o grande problema é saber quem é o peru, com todos esses carecas na seleção!

E depois da muambada da Marinha, em vez de fuzileiro naval, agora temos sacoleiro naval. Tá certo. Com tanto navio ocioso!

E manchete da Folha: "SP adere ao rodízio, e o ar piora". Então agora o Feldmann vai ter que pagar R\$ 100 pra cada um. Porque não muda o rodízio pra novembro, quando chove? Rarárá! Esqueceram de avisar o homem do tempo que o rodízio ia começar!

E uma amiga minha pra colaborar pegou um táxi, emparelhou entre um caminhão e um ônibus, engoliu uma fumaça preta e voltou pra casa tuberculosa. Rodízio é coisa de Primeiro Mundo. Onde não tem rodízio. Tem ANEL VIÁRIO. Ah bem, pensei que fosse anel viado!

E como enfrentar o rodízio? Entra pra comitiva do Flying Henrique Cardoso e faz um rodízio pela Europa, África e Oceania. E vocês viram a foto do FHC com o Tony Blair, ops Tony Blinton? O Don Doca FHC tá parecendo aquele mendigo metido da "Praça É Nossa": "Bboó, sim, sim, a Rainha Elisabeth é muito amiga minha". E não sei o que esse povo tanto se reúne na ONU. Essa ONU é uma Central de Abobrinhas!

Vamos aderir às massas. Pra quem gosta de macarrão, o livro da Orietta del Sole "Nunca Treze a Mesa" é um prato cheio. E fumegante! Eu já fui num dos jantares da Orietta. Diz que o Pietro Maria Bardi uma vez comeu 14 pratos de macarrão! E foi pro Masp!

Nóis sofre mas nós goza. Rodízio nem de carne. Sou contra. E nem tenho carro! Vai indo que eu não vou. Nasci com a placa errada. E o dinheiro da multa vai virar fumaça?

E-mail simao@uol.com.br



Buemba! Diz que o Chupagallo tá uma arara!

08/07/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Jul 8, 1997

7/3934

Buemba! Diz que o Chupagallo tá uma arara!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Urgente! Voltei! De novo?! Então re-voltei. Revoltei revoltado. Rará. Aqui quem vos fala é um sobrevivente dos parques da Flórida.

E eu ando viajando tanto que um leitor me disse que já nem me deseja mais boas-vindas. Me desejou um happy retrocesso! Outro me disse que hoje a Ilustrada vai escrever no rodapé da coluna: "Hoje excepcionalmente PUBLICAREMOS a coluna do José Simão". Rará!

E o grande assunto nos EUA ainda é o Mike Tyson. Já lançaram até luva de boxe pra orelha. Os comicos aparecem na TV com uma luva de boxe em cada orelha. E eu sempre achei o Tyson parecido com o rotweiller do vizinho. Agora eu tenho certeza que eles devem ser da mesma ninhada!

Os americanos ameaçam não pagar o pay-per-view. Alegando que não houve luta. Três rounds e duas dentadas e ainda não querem pagar? Prejuízo teve o irmão duma amiga minha que mora na Flórida e que pagou US\$ 30 pra assistir a Brasil X Bolívia. E no primeiro frango do Frangarel ele gritou: "Não pago mais essa bosta". Pay-per-bosta!

A primeira foto que eu vi no Brasil: os sobreviventes do desastre aéreo _Hans Donner e a Mulata Globelesma. Já imagino como foi o salvamento. Cento e vinte bombeiros tentando salvar a mulata. "Salva a mulata! Salva a mulata." E o Hans Donner? Ele que faça um efeito especial e se vire. Diz que o Donner sobreviveu porque prometeu pra Deus nunca mais fazer uma vinheta!

E eu já soube que o Chupagallo (enxerto de zagallo com chupa-cabra) tá uma arara com a imprensa. Vai fritar a orelha do Juca Kfourí. Se o Juca ver o Chupagallo vai ter que correr mais que o Jeff Goldblum correu dos dinos.

E o leitor Ze Scaffi, de Piracicaba, está escrevendo "O Lado Honesto da Política Brasileira". Já está na segunda e última página. Rará. Nós sofre mas nós goza. E gostoso. Voltei. Para alegria de uns e desespero de outros. Põe no Mail. Que eu ponho no tail. Do planeta. Rará!

E-mail simao@uol.com.br



Buamba! Quem vai querer a mortadela da Hebe?

10/07/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Página: 5-4

Jul 10, 1997

7/15311

Buamba! Quem vai querer a mortadela da Hebe?

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Eu vou ter que fazer um Databundinha pra ver se a torcida aprova o rebolado do Edmundo Perez!

E como disse aquela minha amiga: quanto mais eu conheço os homens, mais eu gosto do Edmundo. Mens insana in corpore tesudo! O Animal vem pro Palmeiras. Vão gastar toda a grana em ração! A Parmalat vai ter que começar a vender leite em garrafa. Pro Edmundo Perez cair no tchans!

E um amigo meu em Nova York foi ver o show daquele sapateador sensacional que o Fernando Henrique também foi ver. Pra aprender a sapatear nos aposentados. Por que será que sempre ferram com quem já tá ferrado?

E quem vai querer a mortadela da Hebe? Já viram o comercial da Lourebe com a Nair Bello comendo mortadela? Hilárias. Diz que a Hebe come mortadela na TV e arrotta peru em Mônaco. Outro me disse que a mortadela da Hebe está com o prazo de validade vencido. Válido até novembro de 74.

E o seu convidado Tim Maia. Que não pode mais cantar na Globo porque faltou no programa do Faustão. "Não é que eu faltei, eu não fui", disse ele! Tá certo? Tem muita diferença entre faltar e não ir. E tem aquele cara que ganhou um convite pro show do Tim Maia com o João Gilberto e gritou: "Oba! Eu também não vou!".

E o "24 Horas" da Manchete exibiu a parada gay no Rio. E o grito de guerra dos gays: "Ah, eu sou viado!". Que esculhambação! Essas arrombaram o armário no grito.

E aí apareceu um casamento de sapatas. E o filho de uma delas veio pra cerimônia. E aí ela perguntou: "Meu filho, você gosta de mulher?". "Gosto." "Então puxou a mamãe, tem bom gosto!" Sensacional! Ela estava se casando, mas já estava quase comendo as damas de honra. Rarará.

E o campeonato de tatuagens entre dois americanos e um português. E o americano de Nova York mostrando a dele: New York City. E o outro americano: Atlantic City. E aí o português abaixando as calças: APENDICITE! Rarará. Nós sofre mas nós goza. UFA!

E-mail simao@uol.com.br



Malufada tá mais suja que pau de galinheiro!

16/07/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Página: 4-6

Jul 16, 1997

7/7371

Malufada tá mais suja que pau de galinheiro!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Frangogate! Desculpe o trocadilho, mas com esses negócios do frango a malufada tá mais suja que pau de galinheiro. A dona Sylvia é dona de granja? Eu nunca ia imaginar que a dona Sylvia criasse galinha. Ela tem cara de quem é alérgica a pena!

Eu acho que ela toca galinha como a dondoca do Ceará querendo bancar a fina: "Xô galinha, xô, absolutamente xô, sim". Frango: o herói do Real vira vilão da malufada!

E o robô de Marte, que foi acordado com a música da Beth Carvalho. Martírio em Marte!

Inacreditável! A cientista brasileira da Nasa tascou um "Ô coisinha tão bonitinha do pai" pra acordar o robô. Por isso que ele bateu com a cabeça na rocha. Se você fosse acordado com a Beth Carvalho, você também não bateria com a cabeça na pedra? Por que não botaram um João Gilberto? Porque aí o robô voltava a dormir. Rarárá!

E fez o maior sucesso na Globonews a entrevista de Jorginho Guinle. Lançando o livro "Um Século de Boa Vida". O que é um ato de heroísmo! Playboy internacional, ex-dono do Copa, baixinho, charmoso e, tirando a Lassie (por ser nariguda), ele comeu todas as estrelas de Hollywood!

E revela que Jayne Mansfield era cafajeste, Marilyn era burra e Kim Novak era sapatão. Uau! Tô louco pra ler! Namorou com a Marilyn antes de a Marilyn virar Marilyn. Quando era garota de programa e saía com todo mundo. E diz que ela era burríssima. Mas como ele mesmo diz: "Se eu quisesse inteligência, eu saía com o Einstein". Rarárá!

E diz que, um dia, ele levava um colar de esmeraldas pra Marilyn quando, no aeroporto, ele soube que ela tinha se suicidado. E ele com todas aquelas pedras no bolso. E aí, o que ele fez com o colar? Deu pra Jayne Mansfield. Que era uma Marilyn de segunda!

E torrou a grana da família. Muito bem torrada. "Tem gente que administra ganhos, eu administrei os gastos." Nós sofre mas nós goza. E gostoso! Como Jorginho Guinle. Vai indo que eu não vou!

E-mail simao@uol.com.br

Buemba! Buemba! Tô mais parado que a PM!

22/07/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-8

Jul 22, 1997

7/10572

Buemba! Buemba! Tô mais parado que a PM!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Urgente! A PM tá de TPM! Já imaginou PM, PT e MST na mesma passeata? Que sem graça. Não vai ter ninguém pra bater e ninguém pra apanhar! O Brasil está tendo o inverno mais quente da história. E o Exército fazendo carreata em Maceió? Ninguém desce do caminhão!

Diz que pior é em Pernambuco. Como ninguém entende o que o Arraes fala, a negociação vai durar anos. Tem que ter legenda pro Arraes! E um leitor me disse que pra Carla Perez segurar aquele tchambundão tem que botar joelho hidráulico! Rarárá!

E sábado eu fui assistir "O Burguês Ridículo", de Molière. E a Betty Gofman é uma das melhores comediantes do Brasil. Talento e pique de desenho animado! E quando o Nanini, hilário, apareceu fantasiado e falando abobrinhas como o burguês querendo virar nobre, eu gritei: "É o Fernando Henrique!". Rarárá! É a biografia do FHC. Do Rei-Eleito!

E um amigo meu diz que dinheiro pra comprar ingresso pro teatro ele ainda tem, ele não consegue pagar o estacionamento. Diz que fica mais barato levar os atores pra contracenar em casa!

E, enquanto as fardas agitam o Brasil, o FHC fica bebendo champanhe com os fardões, com a rapaziada da Academia Brasileira de Letras. Que comemorou 100 anos com boca livre _BL na casa do dr. Marinho. O melhor da ABL foi a BL no dr. Marinho! O Brasil quase em guerra civil e o Don Doca FHC bebendo champanhe no Baile da Ilha Fiscal!

E todo mundo de fardão. Menos ele! Ele deve ter ficado morto de inveja do fardão do Sarney! Pede pra PM dar um fardão pro FHC!

E aí eu vi na "Caras" o apartamento que o Cesar Filho preparou pra ele e pra Angélica. Com um portão de ferro com as iniciais C e A. Agora ele quer arrumar uma namorada chamada Ana. Pra não perder o portão. Perde a namorada, mas não perde o portão. Tá certo. Super prático! Rarárá! Nós sofre mas nós goza! E gostoso! Viva o Brasil! PÔE NO MAIL. Que eu ponho no tail!

E-mail simao@uol.com.br



Buemba! Buemba! Solta a grana, Fernandoca!

26/07/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Jul 26, 1997

7/12565

Buemba! Buemba! Solta a grana, Fernandoca!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaquito Simão Urgente! O Brasil acorda grvido de greves. O Brasil não tá real, tá surreal! Estados tentam abafar protestos. É como corno cuscuz: sabe, mas abafa! E eu já disse que o FHC é como espaguete: é só jogar na água quente que amolece. E não é que o país está nessa bagunça por falta de autoridade. É por falta de grana mesmo. Solta a grana, Fernandoca. Acorda, Maria Antonieta! Nem que seja só pra cuspir!

E eu quero saber se sindicalista fala tudo igual ou é o caminhão de som que tá com defeito! E aí no meio de toda a confusão de ontem eu queria assistir "O Sertão das Memórias". Fácil, disse um amigo meu: pega carona numa passeata e quando chegar na Paulista entra no cinema! Rarárá!

E a feira de informática, a Fenasoft? Ops, Fenasofre. Sofre pra chegar, sofre pra entrar, sofre pra andar, sofre pra comprar e sofre pra pagar. É mole? É mole mas sobe!

Menos os salários. Sabe quanto tá um salário no Brasil? REALmente NADA! Rarárá! Se descontarem os dias parados, a polícia volta pro trabalho devendo. E aí entra em greve de novo. Descontar dia parado de oito salários atrasados já é sacanagem. E sacanagem por sacanagem eu prefiro ver a Cicciolina dando na Manchete!

E o relatório da CPI dos Precapatos? Quantas folhas? UMA. Em branco! E no meio de uma quase guerra civil, a melhor piada do século: "Está tudo tranquilo", afirma presidente. Rarárá. Tá vendo? Não dá pra continuar. O tucano substituiu o papagaio no anedotário brasileiro.

HUMORISTAS DECIDEM PARAR!

E eu já disse que a policia continua dividida: metade vai pra passeata e metade vai pra baixar o cacete. E depois eles invertem. Rarárá!

E tá na hora de o Maluf voltar pra botar ordem no galinheiro! Rarárá! Malufrangogate!

Escândalo da galinha! Que falta de glamour! Se ainda fosse pavão ou flamingo! Rarárá. Vai indo que eu não vou! Nós sofre mas nós goza. UFA!

Acorda Brasil!

Que eu vou dormir!

E-mail simao@uol.com.br



O documento do Fujimori não é do Peru?

29/07/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Jul 29, 1997

7/13939

O documento do Fujimori não é do Peru?

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Ai, minha Santa Periquita do Bigode Loiro! Diz que a MTV está fazendo apologia das drogas: está patrocinando o Fluminense. E aí a mãe de um amigo meu contratou uma bichinha para copeiro e perguntou: "Menino, o que você sabe fazer?". "DUBLAR!". Rarará!

E olha a inscrição na porta do banheiro de uma cidadezinha nordestina: puxe a descarga com força e boa viagem até o Planalto. Rarará! E olha a manchete do ano: "Fujimori mostra o documento para provar que é do Peru". Se ele não provar que é do Peru, ele não consegue manter a ditadura.

Ele aparece no balcão do palácio e mostra o documento. Aí a peruzada grita: "É do Peru!".

"Não, não é do Peru!". Resolve nas palmas. Decide no pênalti! Rarará! Já imaginou se descobrem que o Fernando Henrique é mexicano? Ele tem a cara do pai da Maria do Bairro!

Renascimento do cinema nacional: os evangélicos compraram o maior cinema de Feira de Santana! Eu acho que eles vieram para substituir a Embrafilme! E aí eu fui assistir "O Sertão das Memórias" e tem lances geniais, mas devia ter meia hora. "Meia hora a menos?", perguntou uma amiga minha. Não! Só meia hora. Rarará! É mole? É mole mas sobe!

E o rei-eleito FHC disse que os manifestantes deviam guardar a raiva e a bôlis dentro de casa.

Primeiro: como é que sem teto guarda bôlis em casa? E segundo: um leitor me disse que, desde o Plano Real, a bôlis dele não sai de casa. Nem para o restaurante! Rarará!

E o Don Doca ainda declarou que acha o jacaré mais dócil que os homens. Na primeira passeata de jacarés ele muda de idéia. Vai acabar virando bolsa! Rarará! Nós sofre, mas nós goza. Vai indo que eu não vou! Quem fica parado é poste!

E aquele bonzinho do filho do Sadam que mandou espancar a seleção do Iraque? Porque perdeu para o Cazaquistão. O Gallo que se cuide. Senão a gente manda ele para o Iraque.

Rarará! E já imaginou se a moda pega e a gente faz o mesmo com os cartolas do futebol?!

E-mail simao@uol.com.br



Peladas, atenção! A sem-terra tá com tudo!

14/08/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 5-4

Aug 14, 1997

8/6682

Peladas, atenção! A sem-terra tá com tudo!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Brasil x Zapão. Onze jogadores brasileiros versus 11 fãs dos jogadores brasileiros. Três a zero. Podia ser mais, mas diz que a bola tomou susto com a roupa do goleiro japonês. E o beijo na boca que a Rita Lee deu na Hebe? Será que não tinha outro jeito de fazer a Hebe parar de falar? Rarárá!

E o grande babado da semana. A sem-terra que vai posar pelada pra "Playboy"! Cachê de R\$ 20 mil. Só? Todas ganham um apartamento, e ela só R\$ 20 mil? Eu tô achando esse cachê meio Paulinho da Viola. Rarárá. Ai, que horrível.

E ela é supergostosa. A sem-terra tá com tudo! Mas um outro acha que ela é gostosa pra torcedor de futebol. Parece mais a Garota do Placar!

E o cachê é uma porcária. Até a Lourebe Camargo já protestou. Vinte paus? Você posaria pelada por vinte paus? "Basta um que eu já tiro a roupa." Rarárá! Gritou a petista da pasta rosa. Que agora "evoluiu" e virou tucana. Se ela "evoluir" mais um pouco entra pro PFL. Aí sai no Jornal Nacional: "Petista evolui e entra pro PFL!". Ué, não é assim que a imprensa pensa: "O PT não evolui e só o malufismo é corrupto". E como disse um amigo meu: "Será que eu vou ter que votar no Covas de novo?". Pronto, missão cumprida. Nem precisa de frangogate!

E desculpe os trocadilhos mas um leitor me disse que o Malupitta tá deixando a cidade em frangalhos e tá governando nas coxas. Rarárá! É mole? É mole mas sobe. Macacada véia do meu Brasil!

E o Chico Ninja lá de Fortaleza que tem um bar em Pirambu diz que toda vez que ele pendura um pôster da "Playboy" na parede dobra o faturamento. E eu só quero saber se a gente lê a "Playboy" com a mão esquerda ou com a mão direita? Rarárá!

E tem uma amiga que quando os filhos adolescentes estão nervosos ela manda eles ficarem correndo em volta do prédio folheando a "Playboy". Desgaste duplo de energia. Rarárá. Nós sofre mas nós goza. Vai indo que eu não vou!

E-mail: simao@uol.com.br



Ceará Urgente! Tizuka Yamazaki vira Tia Zuka!

26/08/97

Autor: JOSÉ SIMÃO
Origem do texto: Da Equipe de Articulistas
Editoria: ILUSTRADA
Edição: Nacional
Seção: TELEVISÃO
Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4
Aug 26, 1997

8/12751

Ceará Urgente! Tizuka Yamazaki vira Tia Zuka!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! E a Tizuka foi dirigir o filme do Renato Aragão no Ceará e está sendo chamada de Tia Zuka! Adaptação da língua. Sensacional. Tia Zuka Yamazaki.

E um amigo minha que passou dos 50 diz que não tem os peitos caídos, já tem os peitos tombados. Pelo patrimônio histórico. Peitos tombados!

E as batinas novas que o Castelbajac fez pros bispos lá na França? Com um arco-íris.

Cruuuzes! Arco-íris é bandeira gay. Parecia o Bispo Gay Pride!

E as duas bichinhas conversando: "Você está toda arrebetada, foi o bofe de novo?". "FOI!"

"E por que você não fugiu?" "E podia? Salto alto, areia fofa e saia justa?"

E aquele prato de spa no caderno Turismo? É o turismo da fome: metade um arranjo de azaléias e outra metade um bifeinho de soja. O cozinheiro, em vez de passar no supermercado, passa na floricultura.

Tem um amigo meu que comeu tanto arranjo de azaléia que acabou com desarranjo de azaléia.

E depois caminhadas. Com uma kombi atrás. Pra ir recolhendo as véias. Rarárá!

E um outro amigo de tão faminto roubou a cenoura do cavalo! O cavalo emagreceu mais rápido que ele. E uma outra amiga foi prum spa em Salvador (pleonismo) e pediam pizza escondido: "Depois das dez, joga uma de mozzarella no oitavo coqueiro a esquerda".

Em spa a fome é tanta que praticam até canibalismo: uns ficam comendo os outros!

E aquelas histéricas gritando na televisão contra o aborto legal? Pré-histéricas! E a visita do Papa vai atrasar o Brasil em mais 500 anos.

Nem a dona Pizza Hut pode emitir sua opinião pra não pegar mal na visita do Papa.

Quem diria que um dia a dona Pizza Hut deixasse de emitir sua opinião por causa do Papa. Foi papada pelo Papa.

E o Sinistro da Saúde? Aquele ministro católico furibundo, como disse uma leitora. E a Zulaia Cobra Ribeiro? A primeira mulher com uma cobra no meio. Rarárá! E aí ela pegou e bateu a própria na mesa! E aprovou o projeto. Viva ela! Nós sofre mas nós goza.

E-mail: simao@uol.com.br



Segura o fiofó que o mundo acaba hoje!

29/08/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Aug 29, 1997

8/14066

Segura o fiofó que o mundo acaba hoje!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Sabe como as mineiras falam quando vão fazer sexo oral? "Vou chupar um queijo." Rarárá. É verdade! E diz que lá em Cuba abriram uma outra boate gay. A GAYVARA! Rarárá! E tchau macacada! Vamos se acabar que o mundo acaba hoje!

Hoje o computador do Arnold Schwarzenegger, o Skynet, destrói o mundo. Segundo o filme "Exterminador do Futuro 2". Pelo menos, os mutuários da Encol não têm mais com que se preocupar.

Sacanagem é o Bandido da Luz Vermelha, que acaba de ser solto quando o mundo acaba! E pelo jeito, o FHC e o Feldman não acreditam que o mundo vá acabar hoje.

O primeiro quer prorrogar a CPMF, e o segundo quer prorrogar o rodízio!

E eu já sei como vai ser o "Exterminador do Futuro 3": o computador Skynet não destrói o mundo porque instalaram o Windows 95, e o computador TRAVOU! Como sempre.

E, como sempre, apareceu aquela mensagem de sempre: "O programa de destruição do mundo realizou uma operação ilegal. Favor fechar!". Rarárá!

Erramos. Ops, Tony Erramos: diferentemente do noticiado pela Ilustrada, o mundo não acabou anteontem, acaba hoje. Rarárá.

Um leitor quer processar a Ilustrada porque quase passou a mão na bunda da boazuda da mulher do amigo dele porque o mundo ia acabar!

Outra quer processar a Ilustrada porque quando leu a manchete "O mundo acaba hoje" ela saiu dando pro prédio inteiro. E o mundo não acabou. Quem se acabou foi a mulher. Rarárá! Sensacional!

E o dr. Badan Falhares depois de uma autópsia numa ovelha afirmou que o chupa-cabras é um cachorro do mato. Vamos criar o Disque Badan. Se você acha que o chupa-cabras é um cachorro do mato, disque 09002323. Se você acha que o chupa-cabras é uma onça passional, disque 0900-4422.

E se você acha que chupa-cabras é o Sérgio Motta, disque pro FHC. Rarárá. Vai indo que eu não vou! PÔE NO MAIL!!!

E-mail: simao@uol.com.br

A família real tá mais suja que pau de galinheiro!

04/09/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 5-4

Sep 4, 1997

9/1390

A família real tá mais suja que pau de galinheiro!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! As Múmias de Buckingham tão mais sujas que pau de galinheiro. Lady Di ainda vai transformar o Reino Unido em República Unida.

Até os punks amam ela. E a Vânia Toledo foi fotografar o Pantanal, e eu apelidei ela de paparazzi de tuiuiú! E sabe como chama o jornalzinho da associação dos fotógrafos do Rio? "Paparazzi". Uau! Sujô! Troca urgente!

Eu contei prum amigo fotógrafo que ia ter um "Globo Repórter" sobre paparazzis, e ele me respondeu se não dava pra fazer um "Globo Repórter" sobre motoristas bêbados.

Outro fotógrafo, quando soube que o motorista estava bêbado, me perguntou: "Então agora eu já posso sair na rua?". Pode, mas sem o colete!

A família real tá mais suja que pau de galinheiro. Olha os e-mails que eu recebi detonando a família real.

Um leitor indignado me escreve dizendo que a Camila Parker Bowles cancelou o encontro da Sociedade Nacional de Osteoporose, mas ela devia mesmo era presidir a Sociedade Nacional da Menopausa dos Canhões de Navarone!

E um me disse: "O Charles cancelou os compromissos". Que compromisso? Campeonato de arremessar OB? Concurso do maior orelhudo do United Kingdom? Quando ele ia pra Disney, era só pintar as orelhas de preto.

E uma leitora de São Francisco me escreveu contando que as bibas desconsoladas iniciaram um tributo de flores na esquina do Castro, o bairro gay, com a faixa "Diana, queen of our hearts".

E que o jornal local em vez de estampar a manchete "Di Died" devia estampar "Di Killed". Eu não disse que a Lady Di ainda vai transformar o Reino Unido em República Unida?!

E os árabes radicais estão dizendo que a rainha jamais suportaria que o futuro rei da Inglaterra tivesse um meio-irmão chamado Mohamed.

Uau! Hoje só amanhã! Vai indo que eu não vou. Não perca amanhã minha coluna ABAIXO A DENTADURA! Rarárá!

E-mail: simao@uol.com.br



Buamba! Pênis público dá enguiço em Sorocaba!

19/09/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Sep 19, 1997

9/8741

Buamba! Pênis público dá enguiço em Sorocaba!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Eu tenho a saída pra redução das penas pra crimes hediondos.

Estuprou, mas gozou fora, cumpre só metade da pena. Sequestrou, mas parcelou o pagamento, cumpre um terço. Sequestrou, mas parcelou o pagamento pra todo dia dez com cheque pré-endossado pelo dono da Encol, metade da pena.

Agora, se cobrou os mesmos juro das Casas Bahia, aí meu, PERPÉTUA! Rarará.

E os sorteios filantrópicos na TV mudam de nome pra Sorteios Pilantrópicos. Crise tucana: até o Antonio Britto ameaça sair do PSDB. Sem nunca ter entrado. Até quem não entrou quer sair. É como a crise econômica: até quem não comprou não tá pagando.

E frase ouvida de um passageiro desembarcando da TAM: "Falhei na minha tentativa de suicídio". Rarará!

E diz que o DonDoca FHC vai enfrentar o segundo turno. E aqui em São Paulo quem vai enfrentar o primeiro turco?

E diz que uma bichinha assumiu, abandonou a casa dos pais e montou apartamento. Como é o nome do filme? "Independence Gay"! Rarará!

Deu no "Diário de Sorocaba"! O Escândalo do Pênis Público! Na cidade Piedade! Servidor é condenado por usar verba pública pra pagar implante de pênis! E como chama o funcionário público? José Pinto de Moraes.

E ele vai ter que devolver o dinheiro que gastou pra implantar uma prótese peniana em 1988. Ih, já deve estar com a validade vencida. Rarará!

E o juiz da Vara Única de Piedade. O quê? Vara Única? É por isso que o outro fez uma prótese: pra ter duas. Rarará!

Mas o juiz diz que o ato caracterizou desvio de finalidade pois satisfaz a pretensão particular não coincidente com o interesse coletivo.

Aí eu discordo. Se ele usou a prótese pra transar com um monte de gente, já virou interesse coletivo!

E o cara da Câmara que assinou a liberação da verba vai ter que pagar metade da prótese. Aí é que é sacanagem. O cara nem usou o pinto. Rarará. Vai indo que eu não vou!

E-mail: simao@uol.com.br

Buembra! Fafá de Belém em Mamas and Papas!

22/10/97

Autor: JOSÉ SIMÃO
Origem do texto: Da Equipe de Articulistas
Editoria: ILUSTRADA
Edição: Nacional
Seção: TELEVISÃO; FILMES
Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4
Out 22, 1997

10/10758

Buembra! Fafá de Belém em Mamas and Papas!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buembra! Buembra! Macaquito Simão Urgente! Sabe o nome do show que a Fafá deu pro Papa? Mamas and Papas.

E olha o anúncio que eu vi no Classline: moça cética procura rapaz cético pra relacionamento sem compromisso. E a melhor notícia do jornal hoje: Cancún 10x sem juros.

Porque olha o resto: "ACM e Maluf acertam aliança pra 98". UUUUUk! A Falsa Baiana com o Sírio Postigo! "Governo reduz tamanho dos lotes para reforma agrária em 30%." TRUCÃO! Tucano não sobrevive sem um truque!

Já sei, vão assentar um assentado em cima do outro! Favela Rural! Por que não botam o Don Doca FHC assentado num formigueiro?

E os telefones do Serjão? Tem mas tá em falta! Como dizia o português da mercearia. A única coisa que baixa de preço no Brasil não tem pra vender! E a última notícia: "Juros recordes no Brasil". UUUU! Cancún 10 vezes sem juros urgente urgentíssimo!

E a novelha nova da Globo? Antonio Fagundes e Regina Duarte. De novo? Por isso que eu sempre digo que o homem mais fiel do mundo é ator de novela. Há 20 anos que contracena com a mesma atriz.

E as frases feitas da Regina Duarte, vulgo Gralha das Oito: "Você acredita em amor à primeira vista?". Querida, no Brasil até o amor é a prazo e em cheque pré!

E de tanto fazer propaganda do governo a Regina Duarte de namoradinha do Brasil virou a Velhinha de Taubaté. E eu não aguento a Regina, uma das melhores comediantes do Brasil, fazendo romantismo!

E uma amiga minha foi pro Free Jazz ver o Jamiroquai e disse que tinha mais Jamiroquai na fila que lá dentro cantando. E aí uma hora ele deu um tempo e foi tomar um ar e o povo nem ligou, achando que ele era um VJ da MTV.

Aliás, sabe como você faz pra saber se é o Jamiroquai ou um VJ da MTV? Pede pra anunciar um videoclipe. Se ele mexer os braços sem mexer o corpo, É UM VJ DA MTV. Rarárá. Hoje só amanhã! Nós sofre mas nós goza. Voltei. De miolo mole e pipa dura. Ainda!

E-mail: simao@uol.com.br

Bota tudo na caixa-forte do tio Patinhas!

31/10/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Out 31, 1997

10/15222

Bota tudo na caixa-forte do tio Patinhas!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão urgente! Moral da Bolsa: o real é uma moeda estável que é instável. Nova queda em Hong Kong! Estamos flitos! Aflitos! País queima R\$ 5 bi. Juros sobem. Mercados se fecham para papéis brasileiros. Bolsa de São Paulo cai. E o DonDoca FHC: "O real superou as turbulências, vencemos". A volta da Maria Antonieta do Planalto.

E o FHC está ficando paranóico, está vendo inimigos do real até em Hong Kong: "Aquele chinezinho que apertou o botão TXR3P2Q é inimigo do real". Não existe mais país. O Brasil é um chip de computador de Bolsa.

E adorei o Glauco: "A única ação do FHC que vai cair é o 'Brasil em Ação'". Rarará.

E eu adorei a técnica com que eles resolvem a queda da Bolsa: caiu mais de 10%, fecha.

Vamos aplicar aos bancos. Entrei no vermelho. Fecha a agência. O cheque especial estourou, fecha a agência. Os bancos iam ficar abertos no máximo dez minutos por dia.

E, depois da queda da Bolsa, vem a queda das bolsas Prada, Gucci, Fendi e Vuitton. A peruada não vai ter mais grana. Pior quando caiu a bolsa duma amiga minha e ela gritou:

"Cadê o meu vibrador?"

Esse dinheiro todo é virtual. Nem existe. Já imaginou o Bill Gates chegando à Bolsa: "Quero meus US\$ 40 bi de volta para guardar na caixa-forte do tio Patinhas". Você acha que vai ter? Grana virtual. Eu só tenho certeza de uma coisa: vai sobrar pra nós. Rarará.

E a equipe econômica? Ops, a Turma da Mônica! O Gustavo Franco está adorando: "Ainda teremos grandes emoções". Daqui a pouco ele vai ter uma ereção. Toda vez que a Bolsa cai, o pinto dele sobe. Rarará. Trocou as emoções do mergulho submarino pelas emoções financeiras.

Tony Erramos: Eu disse que o Corinthians ia jogar sábado, dia dos mortos. Erramos. Vai jogar sábado, na véspera do dia dos mortos. Vão morrer antes dos mortos! E o Fluminense, que botou ações na Bolsa e a Bolsa caiu? Tem que ser birrebaixado! Cair pra terceira divisão! UFA!

E-mail: simao@uol.com.br



Faustão! Mulherada exige o hot dog erótico!

01/11/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Nov 1, 1997

11/210

Faustão! Mulherada exige o hot dog erótico!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! Bon jour. Ops, bons juro! Rará! Dobraram os juro. Só? Por que não triplicaram? Ninguém vai comprar nada mesmo! Agora quem quiser ver juro baixo vai ter que fazer turismo na Bolsa de Nova York. Charter de empresários. Vão ficar como no zoológico: "Olha, um juro de 0,5%! Que lindo!".

E antes você comprava um automóvel e, ao final de 60 meses, havia pago uns quatro carros. Agora deve ir para uns oito. Hong Kong Urgente! O Brasil tá flito. Ferraram com o nosso Natal. Já imaginou os presentes? "Que bárbaro esse pregador de roupa, como é que você adivinhou que eu tava precisando?" "Que sensacional essa pipoqueira a manivela. Era justamente isso que eu queria!"

E uma amiga me disse que hoje ela vai matar saudades do doleiro dela; "Jacob, que saudades!". E uma outra me disse que o real não é forte nem aqui nem na China. E agora pra comprar alguma coisa basta entrar na loja dizendo; "Tô com R\$ 10, quer? Dou dez, hein?" Rará!

E avisa pros tucanos que recessão não é passar o mesmo filme duas vezes! E sabe como se conjuga o verbo jurar? Eu juro, tu te ferras e nós escorchamos! E o Gustavo Franco? Está cada vez mais excitado com o videogame financeiro. Toda vez que a Bolsa cai, o pinto dele sobe. Rará!

E saiu o novo apelido do Timão, do Corinthians! ULTIMÃO! E diz que os torcedores do Grêmio não podem ler jornal aos domingos. Porque é dia de classificados. E agora a mulherada exige que o Faustão abandone aquele sushi erótico. Elas querem o cachorro quente erótico. Com bastante mostarda. Hot Dog Erótico!

E a aliança do Don Doca FHC com o Malufrango? É o Exército da Auto Salvação. Self Salvation Army. Vai dar um turcocircuito! Agora eleição é na Colômbia, onde elegeram um candidato que tinha acabado de ser assassinado. Elegeram um defunto. Puro Gabriel García Márquez. Nois sofre mas nós goza! Vai indo que eu não vou.

E-mail: simao@uol.com.br



Painho ACM vira o Padroeiro dos Empacotados!

18/11/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4
Nov 18, 1997

11/8769

Painho ACM vira o Padroeiro dos Empacotados!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente Urgentíssimo! Três Tigresas abalaram a semana: Tereza Collor, Vera Fischer e a meia cunhada do Luis Eduardo Magalhães, o Aceminho! Que vai posar nua pra "Playboy"!

Mas como disse o outro: se meia cunhada já é gostosa pra cacete imagine uma cunhada inteira. Rarará! E os fetichistas não querem a meia cunhada. Preferem a meia da cunhada. A meia da meia cunhada.

E a Tereza Collor? Que tá namorando com o filho do FHC, o PHC! Ela já gosta de um presidente em crise. E eu não tenho nada a ver com a vida dos outros, mas lembrem-se que a Tereza já derrubou um Fernando. Rarará. Já imaginou se eles têm um filho e resolvem batizar com o nome do avô? Fernando. Fernando Collor Cardoso. Que sacanagem!

Sacanagem, nada. Sacanagem é todo mundo esperando a Tereza Collor sair na capa da "Playboy", e ela sai na capa da "Veja"! Rarará. E olha a manchete da "Veja": "Há luz no fim do túnel?" Há. É uma jamanta vinda em sentido contrário. Rarará! Como já dizia o Juca Chaves!

E a Vera Fischer? Pode passar uma jamanta em cima dela que ela continua linda, loira, sexy, gostosa e talentosa.

E diz que a Polícia Federal vai assistir a todos os shows do Planet Hemp. De graça? E agora show a gente só assiste com habeas corpus. Compre um ingresso e ganhe um habeas corpus. Rarará! E adorei o Empacotando Henrique Cardoso no "Casseta e Planeta" dançando o Tchan: "Ele faz o imposto subir/ o imposto subir/ o imposto subir". O sociólogo do Tchan! O Rei do Trucanato! Trucanato vem de truque!

E o ACM, o Pai Menininho? Que está recebendo um monte de fax por dia! Virou o defensor dos empacotados. O Padroeiro dos Empacotados X O Pacote Final! E a grande dúvida: quem manda no Brasil, FHC ou ACM? O Don Doca ou o Pai Menininho? Só se o ACM escrever um documento pra nação: "Eu não mando". E escreve embaixo: "Exijo". Rarará. EU NÃO MANDO. EXIJO! Nós sofre mas nós goza!

E-mail: simao@uol.com.br



Mulher do Fundo bota no fundo da gente!

19/11/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Nov 19, 1997

11/9117

Mulher do Fundo bota no fundo da gente!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Um economista hindu explicava aos alunos a reencarnação: "Se você é um economista virtual e bondoso, você volta como médico. Mas, se você for um economista perverso e cruel, volta como sociólogo". Rarará!

Um pessoal do interior veio pra SP e visitou o Museu Iguatemi, o Museu Morumbi e o Museu Eldorado. Os shoppings viraram museus: o pessoal fica olhando, olhando, depois toma um café e vai embora!

E sabe o que eu vi na televisão? Um psiquiatra pra desempregados. E como é que ele recebe?

E um amigo meu chegou de Nova York e diz que lá eles estão nadando em dinheiro. Que inveja! Que ódio! O sonho duma amiga minha é que o Brasil vire um protetorado americano. Tipo Puerto Rico. Só que aqui é o Puerto Pobre.

E o Bial no final do "Fantástico" sugeriu que a gente passe três meses boicotando os importados. Só no nacional. Você acha que eu vou passar o verão de sandália havaiana, bebendo guaraná e assistindo a "Tieta"? Vade retro, Satanás!

E chegou a mulher do FMI. Aquela nossa velha amiga. A Mulher do Fundo. Pra botar no fundo da gente. Rarará! Mulher do Fundo? Então é a Carla Perez da Grana!

E o que ela tem naquela maleta? Uma tabela de juros igual a das Casas Bahia. Eu empresto 10 bi, vocês me pagam 20 bi e desempregam 50 mil. Eu empresto 20 bi, vocês me pagam 40 bi e desempregam 1 bi. E essa mulher do fundo não é uma mulher, é um flash-back. Dos Tempos do Sarney!

E assisti apavorado ao "Barraco MTV" sobre a liberdade de expressão. E fiquei assustado. Com a Turma da Repressão. Promotores e delegados. Tinha um promotor que era um tique nervoso ambulante. Eles têm medo da liberdade. Medo de se descontrolar na liberdade. Como naquele filme onde um agente britânico, toda vez que tocava uma rumba, não resistia e saía dançando como um alucinado. E aí sabe o que ele fez? PROIBIU A RUMBA! Eles querem reprimir os outros pra continuarem reprimidos!

E-mail: simao@uol.com.br

Cachorro do Malan late Au Au Au Street!

21/11/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Nov 21, 1997

11/10077

Cachorro do Malan late Au Au Au Street!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Ai Minha Santa Periquita do Bigode Loiro! Nem performance tá dando mais certo no Brasil? O homem elétrico deu chabu, e a miss São Paulo é boliviana. E o real vale US\$ 1!

E diz que a Folha encomendou ao Gil uma resenha sobre o livro do Caetano. E a resenha ainda está no meio e já tá maior que o livro. É mole? É mole mas sobe!

E diz que um macaco estava passeando na floresta quando viu o tigre comendo cocô de elefante. "Por que você tá fazendo isso?" "É que eu acabei de comer um economista de Brasília e só estou tirando o gosto." Limpando o paladar!

Sensacional! O Glauco deu o apelido definitivo do FHC: Zeca Pacotinho! E um leitor me pediu emprestado R\$ 90 pra mandar a sogra pro Egito. E eu pago o triplo pra mandar a Turma do Primário Malfeito, a equipe econômica. E pra que Egito? Vai pro Marrocos. Que é uma Disneylândia árabe.

E aquela brasileira depois de percorrer tumbas e pirâmides ligou pro marido, desesperada: "Não aguento mais ver tijolo e defunto". Rarará!

E a frase sobre a variação do aumento dos combustíveis: tem posto que tem posto mais e tem posto que tem posto menos, mas todos têm posto na NOSSA! E o Malan Riquinho que disse rejeitar "bravata nacionalisteira". O que é isso? What does it mean? Bravata nacionalista com besteira.

Quando o Magri soltou uma dessa, quase apedrejaram o homem. E isso é típico de gente que pensa em inglês. E traduz ao pé da letra. Aliás, diz que até o cachorro do Malan late em inglês: au au au street!

E o Malan entende tanto de Brasil que foi ao programa da Gabi e em vez de contar piada de português ou de papagaio contou uma piada de irlandês.

E o BC reduz os juros de 3,2 % pra 2,9 %. Ou seja, em vez de a gente se atirar do décimo segundo, já dá pra se atirar do décimo primeiro. E depois que prenderam o Planet Hemp só falta a polícia proibir a Banda Mel pra diabéticos. Essa eu ouvi no rádio. Nós sofre mas nós goza.

E-mail: simao@uol.com.br



Cachorro do Malan late Au Au Au Street!

21/11/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Nov 21, 1997

11/10077

Cachorro do Malan late Au Au Au Street!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! Ai Minha Santa Periquita do Bigode Loiro! Nem performance tá dando mais certo no Brasil? O homem elétrico deu chabu, e a miss São Paulo é boliviana. E o real vale US\$ 1!

E diz que a Folha encomendou ao Gil uma resenha sobre o livro do Caetano. E a resenha ainda está no meio e já tá maior que o livro. É mole? É mole mas sobe!

E diz que um macaco estava passeando na floresta quando viu o tigre comendo cocô de elefante. "Por que você tá fazendo isso?" "É que eu acabei de comer um economista de Brasília e só estou tirando o gosto." Limpando o paladar!

Sensacional! O Glauco deu o apelido definitivo do FHC: Zeca Pacotinho! E um leitor me pediu emprestado R\$ 90 pra mandar a sogra pro Egito. E eu pago o triplo pra mandar a Turma do Primário Malfeito, a equipe econômica. E pra que Egito? Vai pro Marrocos. Que é uma Disneylândia árabe.

E aquela brasileira depois de percorrer tumbas e pirâmides ligou pro marido, desesperada: "Não aguento mais ver tijolo e defunto". Rarárá!

E a frase sobre a variação do aumento dos combustíveis: tem posto que tem posto mais e tem posto que tem posto menos, mas todos têm posto na NOSSA! E o Malan Riquinho que disse rejeitar "bravata nacionalisteira". O que é isso? What does it mean? Bravata nacionalista com besteira.

Quando o Magri soltou uma dessa, quase apedrejaram o homem. E isso é típico de gente que pensa em inglês. E traduz ao pé da letra. Aliás, diz que até o cachorro do Malan late em inglês: au au au street!

E o Malan entende tanto de Brasil que foi ao programa da Gabi e em vez de contar piada de português ou de papagaio contou uma piada de irlandês.

E o BC reduz os juros de 3,2 % pra 2,9 %. Ou seja, em vez de a gente se atirar do décimo segundo, já dá pra se atirar do décimo primeiro. E depois que prenderam o Planet Hemp só falta a polícia proibir a Banda Mel pra diabéticos. Essa eu ouvi no rádio. Nós sofre mas nós goza.

E-mail: simao@uol.com.br



Ueba! Do México pra baixo é tudo México?!

27/11/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 5-4

Nov 27, 1997

11/12952

Ueba! Do México pra baixo é tudo México?!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaquito Simão Urgente! E aí uma amiga minha estava sendo entrevistada por uma psicóloga: "Você tem orgasmo?" "Não sei, preciso perguntar pro meu marido. Robertiiiiinho, nós temos orgasmo?" "Não, temos Golden Cross." Rarará!
E a miss São Paulo diz que não pode pensar em dinheiro. Ela não pode é PENSAR! Em nada!
E o pessoal anda tão animado com o Natal que eu já estou recebendo cartão de feliz Páscoa! Rarará!

E a gafe do Chirac? "Buenos dias, caballeros!" O Chirac confundiu o FHC com o presidente do México! Mas ele parece mexicano mesmo. O pai da Maria do Bairro. YES, NÓS TEMOS GUACAMOLE! Do México pra baixo é tudo México? Fala espanhol e é tudo pobre e alegrinho. Sendo que as duas únicas coisas boas do México são: o Chaves e a fronteira com os EUA!

E tá vendo como os telejornais são chapa branca? Aparece a telerrepórter: "Chirac dá um abraço forte e carinhoso". No presidente do México? Rarará! Não tinha a menor idéia de quem estava abraçando!

E justo o presidente da França? Pro FHC, não ser reconhecido pelo presidente da sua segunda pátria, a França, deve ser mais grave que a desvalorização do real. E o FHC é tão reconhecido lá fora que nem o Chirac reconhece?

E adorei o anúncio da exposição do Portinari no Masp: "Venha conhecer os antepassados dos sem-terra". O quê? Quer dizer que o Portinari retratou o trisavó da Diolinda, o avô do Rainha Jr. e o tio do Stédile? E os retirantes do Portinari parecem retirantes de novela da Manchete. Mandacaru Total!

E aí diz que os repórteres correram pro ACM: "Senador, o senhor é candidato?" "Não, o candidato é aquele sociólogo mexicano ali, eu sou o presidente!" Rarará!

E hoje eu completo dez anos de colunismo. Dez anos de banana e caviar. Há dez anos que eu acordo e meto o pau nos óme! Rarará! Minha biografia parece um cartão da Acrópole. Só tem coluna! Nós sofre mas nós goza!

E-mail: simao@uol.com.br



Comemore os 500 anos do Brasil em duas de 250!

11/12/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 5-4

Dec 11, 1997

12/4904

Comemore os 500 anos do Brasil em duas de 250!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macacão Simão Urgente! O Brasil tá em promoção! Então eu só vou comemorar os 500 anos do Brasil se for em duas de 250! Sem juro! E com IPI antigo! Pior aquela casa de umbanda na estação Paraíso: o pai-de-santo vestido de Papai Noel, e o cavalo de São Jorge todo enrolado naqueles pisca de Taiwan e com uma bola vermelha pendurada no rabo!

Diz que lá na Bahia tão chamando cheque de cheque camisinha: só desenrola no pau.

Um leitor amigo meu diz que tem um medidor de crise infalível. A caixa de correio do condomínio lotado de papéis: "Vendo salgadinhos, apto A-32". "Faço acupuntura no D-4." "Jogo tarô, leio as mãos, faço faxina, tatuagem, parto, lustro o carro, vendo juju, origami e hambúrguer. Apto C-32." Como disse aquela prostituta: "Eu também vou abrir o meu negócio!"

E adorei a pergunta da sem-terra naquele programa do SBesTeira: "O que a Vera Fischer foi fazer em Porto Alegre?" E a mulher: "Participar do Festival de Gramado". Rarárá! Sensacional!

E a manchete do "Notícias Populares": "Endividado morre assistindo ao 'Topa Tudo por Dinheiro'". E a manchete do "O Dia": "Cidade sem Lei". Qual cidade? Qualquer uma do Brasil serve. Que já tá em guerra civil mesmo!

Folha: "Acordo inédito diminui salário". Inédito e escalafobético! Diminuem as vendas, diminuem os salários. E por que quando as vendas aumentavam eles não aumentaram os salários? E a tucanada gosta de dizer que o desemprego é fruto da automação. Mentira. Os EUA são o país mais automatizado do planeta e não têm desemprego. É falta de desenvolvimento mesmo!

E o Don Doca FHC: "Eu não sou trabalhador nem dono de empresa". Trabalhador o Brasil inteiro já sabe que ele não é. Rarárá! Grandes novidades! Esse botou uma batata quente na boca agora que ninguém aguenta UbU UbU UbU. E a dona Pizza Hut o que acha? Essa há três anos que se finge de morta! Rarárá! Nós sofre mas nós goza.

E-mail: simao@uol.com.br



O Edmundo é como bacalhau, não tem cabeça!

16/12/97

Autor: JOSÉ SIMÃO

Origem do texto: Da Equipe de Articulistas

Editoria: ILUSTRADA

Edição: Nacional

Seção: TELEVISÃO

Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4

Dec 16, 1997

12/7241

O Edmundo é como bacalhau, não tem cabeça!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente Urgentíssimo! Cuidado! Todos para o abrigo! Salve-se quem puder. Lá vem o Edmundo. Deu bolada na cara de um e coice no peito de outro. Ah, sei, então voltou ao seu estado normal? Rarárá!

Agora só falta dar sova de pinto em piranha e quebrar quarto de motel! E pra que serve aquele anúncio de cueca? "Só de Zorba eu fico calminho." Convoca a Zorba!

E que domingo! Dois zero a zero. A começar por Brasil x Austrália! A Seleção já está sendo chamada de Selecinha. Selecinha Brasileira. Não consegue ganhar nem de canguru pernetá! E aqueles carecas? Podiam fazer uma banda de rock garagem: Gagallo e Seus Carecas! E como disse o outro: os piolhos os jogadores já tiraram, agora só falta tirar o chato do Zagallo.

Rarárá!

Vasco x Parmera! Bacalhau x Porco! O Vasco da Gama é o bacalhau dos cariocas. Os básicos do Rio. E adorei aquela manchete: "Edmundo perde a cabeça". Mas bacalhau não tem cabeça. O Edmundo é bem bacalhau, não tem cabeça.

Mas com aquelas pernas pra que cabeça? Como disse aquela minha amiga tarada pra transar com o Edmundo na boca do túnel. Antes do banho!

E o Edmundo é sensacional. Mas como é que ele quer ser convocado pra Copa dando bolada na cara de um e coice no peito de outro? Aliás, eu nem sabia que bacalhau dava coice! Rarárá!

O Edmundo não é convocado, é um invocado.

Já que só de Zorba ele fica calminho, manda ele pra Seleção, mas só se jogar de Zorba! Se não der certo, muda o outdoor pra: "Nem de Zorba eu fico calminho"!

E o Viola? A única coisa que o Viola tá fazendo bem é dar autógrafa! Mas diz que o Vasco vai fazer macumba. E como é que é macumba de português? Um bacalhau preto, uma garrafa de vinho do Porto e bota tudo numa encruzilhada reta sem transversais. Rarárá!

Ai, meus saís. Nós sofre mas nós goza. E gostoso! Vai indo que eu não vou! Ainda falta pra terminar a coluna? Então o Edmundo não é um atacante, é um atacado! Rarárá!

E-mail: simao@uol.com.br

Buemba! Elas querem é desossar o peru!

24/12/97

Autor: JOSÉ SIMÃO
Origem do texto: Da Equipe de Articulistas
Editoria: ILUSTRADA
Edição: Nacional
Seção: TELEVISÃO
Arte: ILUSTRAÇÃO: FÊ

Página: 4-4
Dec 24, 1997

12/11389

Buemba! Elas querem é desossar o peru!

JOSÉ SIMÃO

da Equipe de Articulistas

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! Tá todo mundo louco! Oba! Esse ano vai ter Natal em Cuba, tá nevando no México e o Edmundo parte pra Florença em busca de cultura. O quê? Agora quer dizer que o Edmundo é culto e grosso?

E diz que esse foi o Natal das lembrancinhas. Dos presentes de pequenos valores. Um amigo meu diz que só vai dar CD pra família: "CDeixa a Barbie pro ano que vem, né, filhinha?".

"CDeixa a bicicleta pro aniversário, tá, filhinho." E: "CDeixa de ser besta que eu não vou comprar colar de pérolas nenhum".

E aí, macacada, preparada pra enfrentar o peru? Hoje é dia de botar o peru pra dentro! O que elas querem é desossar o peru. E eu quero ganhar três coisas do Papai Noel: um fígado autolimpante, um celular funcionando e um panetone com a cara da bunda da Carla Perez!

E essa Gangue da Batida? Bárbaros na rua e mansinhos em casa. O pior tipo. Ou então pegaram uma gangue de sósias. Primeiro, eu nunca vi gangue ter domicílio fixo.

E o mais barbarão roubou um cachorrinho da mulher, um bichon frisê, uma caixa de bombons que late. E ainda cuidou. E ainda devolveu. E estava dando uma festa pra sogra. Uma festa pra sogra?! Nem Gandhi faria isso! Como disse aquele outro: "Sogra sempre dá azar". Sogra deu uruca até pra Gangue da Batida!

E esse não é um país sério mesmo. Um dia depois de proibir os funcionários públicos de receberem presentes, o Kandir ganhou um presente do amigo oculto no "Fantástico"!

E agora um monte de piadinhas de peru. Isso é que dá trabalhar na semana de Natal: fica fazendo piadinha de peru. Na minha idade! E uma amiga minha lesbian chic da Turma do Rala Coco diz que nem no Natal ela encara um peru. Nem cozido!

E uma outra diz que o pior é quando o peru não encara ela! E como disse aquela bichinha: peru fatiado eu não quero, porque eu não tenho cara de cofrinho. Rarará. Feliz Natal. Nós sofre mas nós goza. Quem fica parado é poste!

E-mail: simao@uol.com.br



RESUMO

Mostra a semelhança entre as crônicas satíricas de Emílio de Menezes (1866-1918) e de José Simão, autor contemporâneo. Ambos se valem do jornal como veículo de seus textos. Embora a distância cronológica que os separa seja de quase um século — datas das publicações focalizadas — os discursos, os assuntos, bem como os recursos utilizados para construção da comicidade de cada um têm como referência a realidade brasileira, em diferentes épocas.

Palavras-chave: literatura comparada, comicidade, sátira, crônica, Emílio de Menezes, José Simão.

ABSTRACT

It shows the similarities between Emílio Menezes's satirical chronicles (1866 – 1918) and José Simão's. The latter is a contemporaneous authors. Both of them have used the newspaper as a mean of releasing their texts. Although one lived almost a century from the other, according to their writing dates, the speeches, subjects as well the resources to build up the Brazilian reality in different epochs.

Key-words: Compared Literature, comic, satire, chronicle, Emílio de Menezes, José Simão.

